

A FAMÍLIA MEDELA DE SÃO PAULO (NOVAS INFORMAÇÕES)

Marcelo Meira Amaral Bogaciovas

Resumo: *Estudo da família Medela em Vila do Conde, Portugal, e na freguesia da Cotia, vizinha da cidade de São Paulo, Brasil: ascensão social aquém e além mar. Genealogia da Família Anvers, pintores de ofício em Vila do Conde, e suas obras. Breve histórico do Sítio do Padre Inácio.*

Abstract: *Study of Medela family in Vila do Conde, Portugal, and in Cotia parish, neighboring the city of São Paulo, Brazil: social mobility to whom and beyond sea. Genealogy of Anvers Family, craft artists in Vila do Conde, and his works. Brief history of Padre Inácio's Farm.*

A família Medela foi berço, em solo paulista, de uma das maiores figuras do Império Brasileiro, o Padre Diogo Antônio Feijó, regente e senador vitalício dele. Embora filho de pais incógnitos, suspeita-se quem seja a mãe, e com segurança quem foram seus avós maternos, em cujo seio se abrigou até tornar-se presbítero de São Pedro.

Foi tronco, em solo paulista, o português Roque Soares Medela, que em fins do século XVII, deixou a mãe viúva e uma das visões mais encantadoras do Norte de Portugal para se aventurar em novas terras, provavelmente atraído pelas notícias alvissareiras trazidas pelo seu tio Manuel dos Santos de Amorim, capitão de navio no Brasil, de descobertas de ouro naquele tão falado Brasil dos sonhos e esperanças. Talvez tivesse vindo com o intuito de enriquecer e voltar. Era sem dúvida a promessa de todos ao abandonar o lar. Mas, uma vez aqui, entretido em descobertas auríferas, maravilhado com a riqueza do solo e encontrando perfeito abrigo nesta Portugal tropical, o desbravador ia ficando, contratava-se um casamento, e temos aí mais uma árvore nova a fixar raízes, provinda da gente mais valorosa da Europa.

Pedro Taques informa que Roque Soares Medela fora leigo jesuíta do Colégio de São Paulo, notícia que depois se confirmou na habilitação ao Santo

Ofício de sua filha Paula da Costa, conforme declarações de testemunhas.¹ Sua ascendência pode ser vista em dois processos "de genere et moribus" existentes no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, promovidos para se habilitarem ao sacerdócio - o de seu filho, Padre Rafael Antônio de Barros², e o de seu neto, o Padre Fernando Lopes de Camargo³, e ainda pesquisas verificadas em Portugal, como registros paroquiais em sua terra natal, a freguesia de São João Batista de Vila do Conde (vistos no Arquivo Distrital do Porto e/ou no Arquivo Municipal de Vila do Conde), o processo de habilitação ao Santo Ofício do Dr. Manuel Ferreira de Amorim Medela na Torre do Tombo, em Lisboa, e por fim a habilitação ao Santo Ofício de sua filha Paula da Costa, por ser mulher de um familiar.⁴

Já na habilitação ao Santo Ofício de sua filha Paula da Costa, adiante descrita (§ 4 n.º VI), surgiram suspeitas de que a família Medela fosse cristã-nova. Uma testemunha disse que ouviu falar a um Antônio de Sousa, vendilhão na cidade de São Paulo, que Roque Soares teria sangue de cristão-novo. E outra testemunha (o Reverendo Padre João de Pontes, visitador na cidade de São Paulo e nela vigário da Vara, sacerdote do hábito de São Pedro, de 68 anos de idade) declarou que Roque Soares Medela havia sido expulso da Companhia de Jesus. Isso era o mesmo que dizer que ele saiu da Companhia por ser cristão-novo, já que os jesuítas não aceitavam descendentes de judeus entre os seus membros (à exceção do princípio da Ordem, no século XVI).

Segundo se depreende das inquirições promovidas na freguesia de São João Batista de Vila do Conde em 1754, a favor do habilitando Rafael Antônio de Barros, Roque Soares Medela fora morador na chamada rua Nova daquela freguesia, onde passara sua infância, e depois embarcara para as "Minas de São Paulo".⁵ Da família houvera murmúrio de serem cristãos novos pelo fato de terem adquirido em praça pública umas casas que haviam sido de um judeu e que

¹ Paes Leme, Pedro Taques de Almeida (1714-1777). *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954. Vol. II, 166.

² Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Habilitação "de genere et moribus" do Padre Rafael Antônio de Barros - processo n.º 1-30-270.

³ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Habilitação "de genere et moribus" do Padre Fernando Lopes de Camargo - processo n.º 1-58-456.

⁴ IAN/ Torre do Tombo. Habilitação ao Santo Ofício de Manoel Ferreira de Amorim Medela - maço n.º 106, documento n.º 1953.

⁵ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 1-30-270. Habilitação "de genere et moribus" do Padre Rafael Antônio de Barros. A rua Nova é a atual rua do Lidador, que liga a capela de São Roque ao porto.

foram confiscadas. O coadjutor da dita freguesia, Padre Manuel de Araújo Coutinho certificou que os pais de Roque, Luís Soares de Anvers e Benta de Medela eram cristãos-velhos, e que o rumor, sem fundamento, servira de embaraço para que um membro da família, o Dr. Manuel Ferreira de Amorim Medela, entrasse na Universidade de Coimbra, da qual saiu lente, e depois ao Santo Ofício, do qual tornou-se familiar – o que comprovaria a inverdade daquele rumor.

Da habilitação ao Santo Ofício do Dr. Manuel Ferreira de Amorim Medela, então juiz de fora de Vila do Conde, existem interessantes comentários sobre a família dele ser de origem cristã-nova, extraídos de uma inquirição feita em dezembro de 1733 em Vila do Conde.⁶ Apenas uma testemunha disse, com algum escrúpulo, que lhe parecia que ouvira dizer, sendo moço, que o avô materno do habilitando, Matias Gonçalves de Medela, padecia de alguma fama de judeu. E, curiosamente, a questão da compra das casas não seria pelos Medelas, e sim pelos Amorins, de uma negócio que fez um tio dele, o Desembargador Manuel da Costa de Amorim.⁷ Este magistrado havia arrematado uns pardieiros de umas casas que estavam juntas às que então vivia a mãe do habilitando Dr. Manuel Ferreira, cujas casas tinham sido de uns judeus das partes de Buarcos que o Santo Ofício lhes mandou sequestrar. Sobre este fato, uma das testemunhas ouvidas, Antônio Lopes Pacheco, familiar do Santo Ofício, homem da governança, de 50 anos de idade, natural da vila de Rates, mas morador em Vila do Conde havia mais de 30 anos, declarou o seguinte:

Sabe que lhe dizia seu sogro Frutuoso Gonçalves homem antigo que algum dia se havia levantar alguma fama a esta família por os parentes arrematarem uns pardieiros de umas casas, que tinham sido de uns judeus cujos pardeiros mandou arrematar o Santo Ofício e com efeito os arrematou um parente dos pais do habilitando porém lhe dizia sempre que estes parentes do habilitando eram puros como o sol sem cousa alguma das declaradas neste artigo o que é público e notório sem controvérsia alguma.

Eu havia publicado uma primeira versão deste artigo em 1991.⁸ Além dos acréscimos em função de novas pesquisas, fiquei motivado em atualizar o

⁶ IAN/ Torre do Tombo. Habilitação ao Santo Ofício. Manuel, mç. 106. doc. 1953.

⁷ Fez leitura do Paço em 1698 (IAN/ Torre do Tombo. Leitura de Bacharéis. Manuel, mç. 26. doc. 17). Manuel da Costa de Amorim foi ouvidor geral da Comarca de Vila Rica, em Minas Gerais, por carta real, em 1711 (IAN/TT. Registo Geral de Mercês, Mercês de D. João V, livro 4, fls. 571).

⁸ BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Origem da família Medela no Brasil. Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro*. São Paulo: IMESP, 1991. pp. 625-643.

artigo em função da descoberta de que os pintores Francisco João de Anvers e seu filho Luís Soares de Anvers deixaram obras artísticas em Portugal, em especial de informações advindas da pesquisa da Professora Veronika Joukes sobre flamengos no Noroeste de Portugal. Confesso que, sem entrar no mérito da importância dessas obras para a História da Arte em Portugal, tive um prazer enorme em conhecer, ver e tocar aquelas peças, executadas por meus ancestrais há mais de 300 anos!.. Motivou-me, ainda, a descoberta de novos documentos sobre a família Medela, abrindo novas perspectivas de estudo, tanto no Brasil, como em Portugal. E, coroando esses avanços, somou-se o magnífico trabalho historiográfico e arquitetônico do Professor Carlos Cerqueira, técnico em pesquisa do IPHAN/SP, sobre a casa senhorial dos Medelas em Cotia, disponível na *internet*.

Aproveito a oportunidade para agradecer, em especial, ao digníssimo senhor Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Vila do Conde, o Engenheiro Arlindo Azevedo Maia, que forneceu algumas cópias digitalizadas do livro que mandaram fazer, alusivo aos 500 anos da fundação de sua Misericórdia, à Dra. Liliane Aires e ao Professor Firmino Couto. Ao Sr. Fernando Jorge Carvalho Flores Aguiar, morador próximo ao Mosteiro de Santa Clara, que abriu as portas do mosteiro, em reforma, bem como da Igreja de São Francisco, por sua gentileza e atenção. À Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, na pessoa da Doutora Sílvia de Carvalho e da Professora Mestre Edite Correia, que me facultaram o acesso à genealogia de Inácio da Silva Medela, feita pelo grande genealogista Manuel José da Costa Felgueiras Gayo (aliás, indicação do amigo, Padre Antônio Júlio Limpo Trigueiros, SJ). Aos funcionários da Torre do Tombo (em Lisboa), do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo e do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

E, de uma maneira muito particular, agradeço à Sra. Dra. Cristina Giesteira, arquivista do Centro de Documentação dos Portos Marítimos Quinhentistas, uma extensão do Arquivo Municipal de Vila do Conde. Se todos os arquivos tivessem pessoas como ela, séria, sabedora (como se diz em Portugal), competente e disposta a ajudar, como seria fácil e prazeroso o ofício de pesquisador!..

Há de se ressaltar que há inventários orfanológicos em Vila do Conde apenas a partir de 1731, o que dificultou o estudo da família em Portugal.

O presente trabalho divide-se em cinco capítulos:

- Capítulo 1.º: Genealogia da Família Medela;
- Capítulo 2.º: Genealogia da Família Anvers;
- Capítulo 3.º: Obras de Francisco João de Anvers e Luís Soares de Anvers;
- Capítulo 4.º: Breve histórico do Sítio do Padre Inácio;
- Capítulo 5.º: Comentários finais.



Vista geral de Vila do Conde, em fotografia tirada pelo autor em abril de 2015, do alto do Mosteiro de Santa Clara. Ao fundo, o rio Ave.



Lateral da Igreja Matriz de São João Batista de Vila do Conde, em fotografia tirada pelo autor em abril de 2015



Pia batismal da Igreja Matriz de São João Batista de Vila do Conde, em fotografia tirada pelo autor em abril de 2015

Capítulo 1.º

GENEALOGIA DA FAMÍLIA MEDELA

§ 1

- I- FRANCISCO DE MEDELA nasceu por volta de 1535, ignoro onde. Morador na freguesia de São João Batista de Vila do Conde, concelho de Vila do Conde, distrito do Porto, Portugal. Parece ter sido o primeiro da família Medela naquela freguesia, pois no óbito de seu genro (que segue adiante), o pároco se refere a ele como o "genro do Medela". Era mercador em Vila

do Conde, consoante vários documentos existentes no Arquivo Distrital do Porto:

- Assim, em 22 de janeiro de 1559, em Vila do Conde, deu-se o arrendamento da imposição da igreja por um ano e 77.000 réis feito pelos oficiais da Câmara a Francisco de Medela, mercador, sendo os fiadores Pedro Borges, Álvaro Jorge, Manuel Mendes, mercadores.⁹ Fez contrato de fretamento que ele e Pedro Rodrigues, também mercador de Vila do Conde, fizeram, em 30 de agosto de 1565, com os mareantes Antônio Afonso e Amador Gonçalves, mestres e senhorios das barcas *Santa Clara* e *A Conceição*, respectivamente, ancoradas em Vila do Conde.¹⁰ Essas embarcações teriam por destino as Ilhas Canárias.
- Em 17 de setembro de 1567 celebrou-se novo contrato de fretamento de Pedro Rodrigues Tinoco, piloto e morador em Vila do Conde, mestre e senhorio em parte do navio redondo Santo Antônio, a Estêvão Fernandes, Francisco de Medela, Francisco de Tomé, Francisco André, Pedro Rodrigues, todos mercadores e moradores em Vila do Conde, relativo a uma carga de alho com destino à Ilha da Madeira e às Ilhas Canárias.¹¹
- Em 14 de janeiro de 1569: arrendamento das sisas do vinho, pescado, entrada da barra e imposição nova a Diogo Fernandes, mercador, e a seus parceiros, Manuel Mendes, mercador; Domingos Gonçalves de Andrade; Francisco de Medela e Pedro de Gouveia, morador em Azurara, sendo fiadores Pedro Afonso de Leça, Pedro Borges, Diogo Fernandes, João Fernandes, mercador, e Antônio Luís Moriate, piloto.¹²
- Em 27 de janeiro de 1571: trespasse feito por Francisco de Medela a Pedro Gonçalves e a Pedro de Gouveia, morador em Azurara, de um terço do arrendamento da dízima do pescado de Vila do Conde e Póvoa de Varzim dos anos de 1570, 1571 e 1572.¹³
- Em 17 de março de 1578: arrendamento da renda da comenda de São Miguel de Chorentes, por um ano e 120000 reais, feito por Duarte de Melo, fidalgo da Casa Real, e comendador da dita comenda, a Francis-

⁹ Arquivo Distrital do Porto. Cartório Notarial de Vila do Conde. 1.º Ofício. Livro 5, fls. 114-116. Sumário organizado pelo Centro de Memória de Vila do Conde.

¹⁰ Idem. Idem. 1.º Ofício. Livro 2, caderno 2, fls. 32v-35v.

¹¹ Idem. Idem. 1.º Ofício. Livro 4, fls. 45-47.

¹² Idem. Idem. 1.º Ofício. Livro 5, fls. 101v-108.

¹³ Idem. Idem. 1.º Ofício. Livro 6, fls. 12v-14.

co Gonçalves Monteiro, piloto, a Francisco de Medela, mercador, e a Pedro Sobrinho. Gaspar Álvares foi fiador do segundo.¹⁴

- Em 29 de maio de 1579: arrendamento dos rendimentos da comenda de São Miguel de Chorente, por um ano e pelo preço de 112500 reais, feito por Duarte de Melo da Silva, comendador da dita comenda, por procuração a um seu criado, a Francisco de Medela e a Gaspar Álvares, mercadores, moradores em Vila do Conde, e a Pedro Sobrinho, morador em Azurara.¹⁵
- Em 18 de junho de 1580: fiança dada por Pedro Sobrinho, mercador, morador em Azurara, ao arrendamento da igreja de São Tiago de Amorim, no valor de 220000 reais, tendo por fiadores João Baía, mercador, e Francisco de Medela, mercador.¹⁶
- Em 22 de junho de 1580: trespasse feito por Pedro Sobrinho, mercador, morador em Azurara, em Francisco de Medela, mercador, morador em Vila do Conde, e em João Baía, do arrendamento da igreja de Santiago de Amorim, pelo preço de 180000 reais. Trespasse feito por ter morrido o seu parceiro no arrendamento, Gaspar Álvares, e por Luísa Carneiro, mulher deste, não querer assumir a sua parte.¹⁷

Conforme depoimento de testemunhas de Vila do Conde, havia vendido as casas onde morava na rua de São Jerônimo e comprado as da rua Nova de umas pessoas que foram presas pelo Santo Ofício.¹⁸

Francisco de Medela foi irmão da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde e serviu a câmara em diversas oportunidades:

- Em 29 de abril de 1568 foi eleito almotacel para o mês de maio da câmara de Vila do Conde.¹⁹
- Em 3 de janeiro de 1578 é eleito procurador do concelho de Vila do Conde, em substituição a Manuel Nunes, que não era da terra.²⁰
- Nomeado novamente almotacel para o 3.º trimestre de 1579, em 1.º de julho de 1579.²¹

¹⁴ Idem. Idem. 1.º Ofício. Livro 8, fls. 103-107.

¹⁵ Idem. Idem. 1.º Ofício. Livro 9, fls. 53v-57v.

¹⁶ Idem. Idem. 1.º Ofício. Livro 10, fls. 20v-23.

¹⁷ Idem. Idem. 1.º Ofício. Livro 10, fls. 30-31v.

¹⁸ Habilitação ao Santo Ofício de Manoel Ferreira de Amorim Medela - maço n.º 106, documento n.º 1953 no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa, Portugal.

¹⁹ Arquivo Municipal de Vila do Conde. Livro 20, fls. 299-299v.

²⁰ Arquivo Municipal de Vila do Conde. Livro 21, fls. 477-478.

²¹ Arquivo Municipal de Vila do Conde. Livro 22, fls. 46.

- Em 19 de dezembro de 1589 é eleito alcaide de Vila do Conde.²²
- Pouco depois, em 30 de dezembro do mesmo ano de 1589, recebeu um mil e trezentos réis, da câmara de Vila do Conde, por ter trazido a carta que seria lida no início do ano seguinte, em uma carreira que fez andando a cavalo.²³
- Em 1.º de janeiro de 1590 prestou juramento para servir de alcaide de Vila do Conde.²⁴
- Novamente eleito alcaide de Vila do Conde, prestou juramento em 1.º de janeiro de 1592 para servir de alcaide de Vila do Conde.²⁵
- Entretanto, partiu para o Brasil logo depois, sendo substituído, em sua ausência, em 15 de fevereiro de 1592 por Salvador Dias.²⁶
- Retornou a Vila do Conde, sendo nomeado, em 24 de fevereiro de 1596, almotacel, em ausência de outro.²⁷

Estava ausente em 21 de junho de 1591, quando em pousadas de Francisco Antônio, carpinteiro da ribeira, em presença do tabelião, apareceu Manuel de Medela, mareante, filho de Francisco de Medela, que fez doação, *inter vivos*, a suas irmãs Isabel de Medela e Madalena de Medela, esta mulher do citado Francisco Antônio.²⁸

Conforme se verifica no assento de casamento, em 28 de abril de 1560, de Domingos Anes e Catarina Dias da Maia, em Vila do Conde, foram testemunhas do casamento: Francisco de Medela e sua mulher Ana Pires. Portanto, esse deve ser o nome da mãe de seus filhos: ANA PIRES.

Francisco de Medela foi pai de:

- 1 (II)- MANUEL DE MEDELA. Mareante, era morador em 1591 em Vila do Conde, como se escreveu acima.
- 2 (II)- ISABEL DE MEDELA. Foi beneficiada na doação do irmão Manuel de Medela. Faleceu em 21 de setembro de 1641 na freguesia de

²² Arquivo Municipal de Vila do Conde. Livro 23, fls. 131-133.

²³ Arquivo Municipal de Vila do Conde. *Livros da Receita e Despesa e Livros da Imposição da Igreja Matriz*. Transcrição de Eugénio Andrea da Cunha e Freitas (1912-2000), 2 volumes. Vila do Conde: Município de Vila do Conde, 2010. Vol. I, p. 50.

²⁴ Arquivo Municipal de Vila do Conde. Livro 23, fls. 266-266v.

²⁵ Arquivo Municipal de Vila do Conde. Livro 23, fls. 372-372v.

²⁶ Arquivo Municipal de Vila do Conde. Livro 23, fls. 377v.

²⁷ Arquivo Municipal de Vila do Conde. Livro 24, fls. 87v.

²⁸ Arquivo Distrital do Porto. Cartório Notarial de Vila do Conde. 1.º Ofício. Livro 21, fls. 184-185v (numeração antiga), ou fls. 186-187v (numeração moderna).

São João Batista de Vila do Conde. Recebeu todos os sacramentos. Foi herdeira sua sobrinha Ângela de Medela.

3 (II)- MARGARIDA DE MEDELA, ou Margarida Gonçalves Medela, que segue.

II- MARGARIDA DE MEDELA (ou Margarida Gonçalves Medela), nasceu por volta de 1570 e casou-se em 2 de junho de 1591 na freguesia de São João Batista de Vila do Conde com FRANCISCO ANTÔNIO, carpinteiro da ribeira, conforme segue:²⁹

Aos 2 de junho de 1591 anos examinei a Francisco Antônio e Margarida Gonçalves Medela sua mulher e souberam a doutrina. Testemunhas Gaspar da Costa e o sombreiro. Assinei Pero Fernandes, coadjuutor.

Francisco Antônio não deve ser confundido com um homônimo seu em Vila do Conde, igualmente carpinteiro de ofício. O homônimo fez uma doação, em 13 de agosto de 1605, em casas de morada do tabelião: declarando ser filho de Antônio Fernandes e de sua mulher Maria Gomes, lavradores e moradores na freguesia de São Pedro de Formaris do termo da vila de Barcelos, fez uma doação *inter vivos*, por ser mancebo (solteiro) e andar por carpinteiro da ribeira e nesse ofício viver e ser de idade de mais ou menos 25 anos.³⁰

Ainda em Vila do Conde, o marido de Margarida de Medela, Francisco Antônio, fez uma procuração, em 19 de agosto de 1595, a seu sogro Francisco de Medela e ao Licenciado Antônio Diniz.³¹

Francisco Antônio foi por carpinteiro em uma viagem para a Índia na nau denominada Nossa Senhora das Mercês, da qual era capitão Álvaro de Carvalho. Acabou por falecer nessa viagem, conforme procuração passada por sua viúva Margarida de Medela em 6 de fevereiro de 1612 em Vila do Conde, ao provedor e aos irmãos da Casa da Misericórdia de Malaca, a Manuel de Carvalho e a Manuel Vieira, moradores na cidade de

²⁹ Arquivo Municipal de Vila do Conde. Livro de casamentos n.º 1 (1566-1637) da freguesia de São João Batista de Vila do Conde, fls. 202v.

³⁰ Arquivo Distrital do Porto. Cartório Notarial de Vila do Conde. 1.º Ofício. Livro 24, fls. 10v-11v.

³¹ Arquivo Distrital do Porto. Cartório Notarial de Vila do Conde. 1.º Ofício. Livro 19, fls. 54v-56. Não foi lido, porque este livro está fora de atendimento. Utilizou-se, então, o sumário organizado pelos técnicos do Centro de Memória de Vila do Conde.

Cochim.³² Foi sepultado na igreja de Santo Antônio de Malaca. Deixara 100 patacas, dinheiro que seria enviado através das casas da Misericórdia de Goa e de Lisboa. Aliás, já era falecido em agosto de 1607, conforme assento que segue:³³

... Em agosto de 1607 chegaram novas da morte de ... (seguem alguns nomes)... "Francisco Antônio genro do Medela".

Margarida faleceu a 13 de março de 1640 na freguesia de São João Batista de Vila do Conde, conforme o assento que segue:³⁴

Aos treze dias do mês de março acima (corria o ano de 1640) morreu Margarida de Medela com todos os sacramentos e sem testamento. Acompanharam padres da terra, e frades. Herdeira sua irmã.

Pontes

Margarida de Medela e Francisco Antônio foram pais de, ao menos:

III- ÂNGELA DE MEDELA, batizada em 2 de outubro de 1604 na freguesia de São João Batista, conforme segue:³⁵

A 2 de outubro de 1604 batizou Gaspar dos Reis Ângela filha de Francisco Antônio e de sua mulher Margarida de Medela. Padrinhos Gonçalo Vaz e Maria Salvadores.

Manuel Machado

Ângela de Medela casou-se, provavelmente em Vila do Conde, cerca de 1621, com ANDRÉ GONÇALVES, carpinteiro de ofício e morador da ribeira da rua Nova, na mesma freguesia. André Gonçalves foi recebido na Santa Casa de Misericórdia de Vila do Conde em 15 de setembro de 1657, quando constou que era carpinteiro da ribeira e assistente na cidade

³² Arquivo Distrital do Porto. Cartório Notarial de Vila do Conde. 1.º Ofício. Livro 27, fls. 72v-73v.

³³ Arquivo Municipal de Vila do Conde. 1.º livro de óbitos (1595-1637) da freguesia de São João Batista de Vila do Conde, fls. 23.

³⁴ Arquivo Municipal de Vila do Conde. 2.º livro de óbitos (1638-1667) da freguesia de São João Batista de Vila do Conde, fls. 11.

³⁵ Arquivo Municipal de Vila do Conde. Livro de batizados n.º 2 (1588-1637) da freguesia de São João Batista de Vila do Conde, fls. 69.

de Lisboa.³⁶ Ângela faleceu em 23 de dezembro de 1662 na freguesia de São João Batista de Vila do Conde, conforme segue:³⁷

Aos vinte e três dias do mês de dezembro de (mil e) seiscentos sessenta e dois morreu Ângela de Medela mulher de André Gonçalves carpinteiro da ribeira da rua Nova com todos os sacramentos sem testamento. Enterrou-se na igreja matriz.

Souto

André Gonçalves faleceu em 24 de fevereiro de 1667 em São João Batista de Vila do Conde, conforme segue:³⁸

Aos vinte e quatro dias de fevereiro de (mil e) seiscentos e sessenta e sete morreu André Gonçalves viúvo da rua Nova, com o sacramento da penitência somente, por ser de morte apressada, mas na mesma doença ... limpo estava já com a santa unção, sem testamento. Herdeiros seu filho o padre Antônio de Medela e Luís Soares seu genro.

Souto

Ângela de Medela e André Gonçalves foram pais de (não vão na ordem):

- 1 (IV)- PADRE ANTÔNIO DE MEDELA, faleceu em 26 de fevereiro de 1696 (fls. 24v do livro n.º 4 de óbitos) na freguesia de São João Batista, com testamento. Havia sido recebido como irmão da Santa Casa de Misericórdia de Vila do Conde em 23 de março de 1670, sem esmola, com oferta de suas ordens na forma dos mais sacerdotes.³⁹
- 2 (IV)- MATIAS GONÇALVES DE MEDELA, que segue.
- 3 (IV)- ANTÔNIA, batizada em 2 de março de 1625 (fls. 135v do livro B n.º 2) na freguesia de São João Batista de Vila do Conde.
- 4 (IV)- MANUEL, batizado em 18 de abril de 1627 (fls. 141v do livro B n.º 2) na freguesia de São João Batista.
- 5 (IV)- ANA, batizada em 10 de março de 1629 (fls. 157 do livro B n.º 2) na freguesia de São João Batista.

³⁶ *Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde*. Um legado, 1510-1975. Vila do Conde: Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, [2010], p. 358.

³⁷ Arquivo Municipal de Vila do Conde. Livro n.º 2 de óbitos da freguesia de São João Batista de Vila do Conde, fls. 115v.

³⁸ Arquivo Municipal de Vila do Conde. Livro n.º 2 de óbitos da freguesia de São João Batista de Vila do Conde, fls. 144.

³⁹ *Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde*. Um legado, 1510-1975. Vila do Conde: Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, [2010], p. 359.

6 (IV)- BENTA DE MEDELA, que segue no § 2.

- IV- MATIAS GONÇALVES DE MEDELA, nasceu na freguesia de São João Batista, onde exercia o ofício de carpinteiro da ribeira. Depois foi homem marítimo, tendo sido piloto ou contramestre. Tornou-se irmão da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde em 13 de outubro de 1680; era morador na rua de São Bartolomeu.⁴⁰ Morreu nas partes do Brasil, fazendo viagem para o Rio de Janeiro, sem testamento. Casou-se em 5 de maio de 1674, na freguesia de São João Batista de Vila do Conde, com ANTÔNIA FERREIRA DA COSTA, igualmente de São João Batista, moradora na rua dos Ferreiros, filha de Manuel Rebelo da Costa, já defunto em 1674, e de Maria Ferreira.⁴¹ Antônia Ferreira, moradora na rua de São Bartolomeu, faleceu em 5 de julho de 1713 em Vila do Conde. Foram herdeiras suas filhas Mariana e Ângela. Foram pais, entre outros, de:
- 1 (V)- MARIANA DE MEDELA E ABREU, que segue.
 - 2 (V)- MICAELA DE MEDELA. Casou-se com JACINTO TEIXEIRA DO SOUTO. Foram pais, entre outros, de ANTÔNIO AGOSTINHO, Prior de São Domingos do Porto.
 - 3 (V)- ÂNGELA MICAELA COSTA, de Vila do Conde, onde se casou, na freguesia de São João Batista, em 24 de abril de 1713, com JACINTO TEIXEIRA SOUSA, de Vila Verde, Unhão, morador em Vila do Conde, viúvo de Antônia Ferreira Figueiredo, e filho de Antônio Machado Brandão e de Ana Teixeira.
 - 4 (V)-, menino. Faleceu em 18 de abril de 1682.
 - 5 (V)- ÚRSULA. Faleceu solteira, em 15 de março de 1712, em Vila do Conde. Não fez testamento. Foi herdeira sua mãe.
- V- MARIANA DE MEDELA E ABREU. Casou-se em 9 de dezembro de 1699, na freguesia de São João Batista de Vila do Conde, com MANUEL DOS SANTOS DE AMORIM, filho de Francisco Fernandes de Amorim, já defunto, e de Catarina de Sena (esta falecida em 4 de fevereiro de 1718 em Vila do Conde), naturais e moradores em Vila do Conde.⁴² No princípio de sua vida, Manuel dos Santos foi pescador, depois piloto e capitão de navio no Brasil. Faleceu em uma frota na Costa da Mina, cuja notícia chegou ao

⁴⁰ *Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde*. Um legado, 1510-1975. Vila do Conde: Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, [2010], p. 387.

⁴¹ ADP. Livro n.º 2 de casamentos da paróquia de São João Batista de Vila do Conde, fls. 168v-169.

⁴² ADP. Livro n.º 3 de casamentos da paróquia de São João Batista de Vila do Conde, fls. 13v.

pároco de Vila do Conde em 16 de novembro de 1710. Eram moradores na rua da praça velha. Mariana de Medela faleceu em 12 de março de 1753 em Vila do Conde. Foram pais de:

- 1 (VI)- DR. MANUEL FERREIRA DE AMORIM MEDELA, que segue.
- 2 (VI)- JOSÉ, que faleceu em 22 de setembro de 1711 na freguesia de São João Batista de Vila do Conde, aos 2 anos de idade.
- 3 (VI)- PADRE JOÃO DE AMORIM MEDELA. Era irmão da Santa Casa de Misericórdia de Vila do Conde, onde foi recebido em 9 de julho de 1732.⁴³

- VI- DR. MANUEL FERREIRA DE AMORIM MEDELA, nasceu cerca de 1701 na freguesia de São João Batista de Vila do Conde, onde foi juiz de fora, e que na Universidade de Coimbra (em seu arquivo há sobre ele documentos até o ano de 1759) foi bacharel em Artes (20 de março de 1721), licenciado em Artes (1.º de junho de 1721), bacharel em Leis (26 de abril de 1723), doutor em Leis (14 de julho de 1724), etc. Recebeu carta de familiar do Santo Ofício, em 2 de março de 1734, quando era juiz de fora de Vila do Conde.⁴⁴ Segundo Felgueiras Gayo, era Colegial de São Paulo e foi lente de Leis na Universidade de Coimbra.

§ 2

- IV- BENTA DE MEDELA, filha de Ângela de Medela, do § 1 n.º III. Foi batizada em 2 de novembro de 1631 na freguesia de São João Batista de Vila do Conde, conforme consta do assento de batizado às fls. 154v do livro B n.º 2 da freguesia de São João Batista de Vila do Conde:

Aos dois dias do dito mês de novembro de (mil e) seiscentos e trinta e um anos batizou o padre Manuel Alves a Benta filha de André Gonçalves e de sua mulher Ângela de Medela da rua Nova. [Padrinhos:] Manuel Ribeiro da rua de Praga e Catarina André Carneiro mulher de Manuel Francisco do Cabo.

Miguel de Pontes

⁴³ *Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde*. Um legado, 1510-1975. Vila do Conde: Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, [2010], p. 400.

⁴⁴ IAN/ Torre do Tombo. Habilitação ao Santo Ofício de Manoel Ferreira de Amorim Medela - maço n.º 106, documento n.º 1953.

Benta de Medela casou-se em 24 de fevereiro de 1667 na freguesia de São João Batista de Vila do Conde com LUÍS SOARES DE ANVERS, conforme assento que segue:⁴⁵

Aos 24 de fevereiro de 1667 dadas as denúncias na forma do Sagrado Concílio Tridentino recebeu o cura Manuel de Sousa Corrêa a Luís Soares filho de Francisco João e de sua mulher Maria Nova, já defuntos, com Benta de Medela filha de André Gonçalves e de sua mulher Ângela de Medela, já defuntos, todos desta freguesia. Testemunhas os reverendos padres Fernando da Rocha, João Aires Villas Boas e João Dias Darmas.

Luís Soares de Anvers e Benta de Medela viveram na freguesia de São João Batista de Vila do Conde, onde ele foi mestre pintor, de cujo ofício vivia e sustentava sua mulher, a qual fiava na sua roca, e trabalhava na sua almofada, na rua Nova, sem outro ofício, conforme declarações de testemunhas sobre a família. Luís Soares sucedeu ao seu pai no ofício de pintor da igreja matriz de São João Batista, sendo responsável, entre outras tarefas, por pintar as varas para os almotacéis. Pode-se dizer que seu pai, Francisco João de Anvers, aposentara-se do ofício de pintor em 1643 (com cerca de 56 anos de idade) e já em 1644 Luís Soares constou como pintor, de forma ininterrupta e contínua até o ano de 1687, ou seja, praticamente até morrer.⁴⁶ Em 1689, já defunto, sucedeu-lhe o pintor Manuel de Mariz de Freitas. Luís Soares de Anvers fez parte da Mesa da Santa Casa de Misericórdia de Vila do Conde nos biênios 1670-1671 e 1674-1675, na qualidade de irmão de maior condição.⁴⁷

⁴⁵ Arquivo Municipal de Vila do Conde. Livro n.º 2 de casamentos da freguesia de São João Batista de Vila do Conde, fls. 53 e 53v.

⁴⁶ Arquivo Municipal de Vila do Conde. *Livros da Receita e Despesa e Livros da Imposição da Igreja Matriz*. Transcrição de Eugénio Andrea da Cunha e Freitas (1912-2000), 2 volumes. Vila do Conde: Município de Vila do Conde, 2010. Vol. I, pp. 168, 173, 177, 185, 190, 197, 198, 201, 202, 207, 208, 213, 214, 217, 226, 230, 237, 237, 239, 240, 244, 259, 265, 271, 276, 281, 287, 291.

⁴⁷ *Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde*. Um legado, 1510-1975. Vila do Conde: Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, [2010], pp. 553 e 554.



Interior da Capela de São Roque, na rua Nova, onde muito provavelmente a viúva Benta de de Medela rezava e orava pelo filho que se ausentara para o Brasil



Frente da Capela de São Roque. A rua Nova, atual rua do Lidador, fica à esquerda. O autor aparece à frente da capela. Fotografia tirada pela mulher do autor, em abril de 2015.



Aspecto da rua Nova, atual rua do Lidador. Ao fundo, o rio Ave.

Benta de Medela faleceu em 14 de janeiro de 1709 na freguesia de São João Batista, conforme assento:⁴⁸

*Benta de Medela viúva sem testamento.
Aos catorze dias do mês de janeiro do ano mil setecentos e nove faleceu sem testamento, e com todos os sacramentos da penitência e extrema unção por não estar capaz de mais Benta de Medela viúva que ficou de Luís Soares pintor da rua nova. Sepultou-se no adro da Misericórdia; ficou em em seus bens o Capitão-Mor Manuel de Azevedo da mesma rua, por algumas dívidas.
O Encomendado Manuel da Silva Ferreira*

Luís Soares de Anvers também era natural da mesma freguesia de São João Batista de Vila do Conde, onde foi batizado em 25 de outubro de 1617, irmão de dois religiosos, filhos de Francisco João de Anvers, pintor de ofício, e de sua mulher Maria Nova, descritos no Capítulo 2.º: Genealogia da Família Anvers). Segue o assento do batizado de Luís:⁴⁹

*A 25 (corria o mês de outubro de 1617) batizou Manuel Alves a Luís filho de Francisco Dambres e de sua mulher Maria Nova da rua do Santo Amaro. [Padrinhos:] Pero Gonçalo João e Maria da Costa.
Gaspar dos Reis Carneiro*

Luís faleceu em 27 de fevereiro de 1688, conforme assento que segue:⁵⁰

*Luís Soares da rua nova faleceu aos vinte e sete de fevereiro de mil e seiscentos, e oitenta e oito com todos os sacramentos e sem testamento. Enterrou-se na igreja matriz desta vila.
Velho*

De Benta de Medela e de Luís Soares de Anvers nasceram:

- 1 (V)-, menina. Faleceu em 24 de novembro de 1667 em Vila do Conde.
- 2 (V)-, menina. Faleceu em 12 de janeiro de 1670 em Vila do Conde.
- 3 (V)- SARGENTO-MOR ROQUE SOARES MEDELA, que segue.

⁴⁸ Arquivo Municipal de Vila do Conde. Livro n.º 4 de óbitos da freguesia de São João Batista de Vila do Conde, fls. 98v.

⁴⁹ Arquivo Municipal de Vila do Conde. Livro B n.º 2 de batizados da freguesia de São João Batista de Vila do Conde, fls. 114v.

⁵⁰ Arquivo Municipal de Vila do Conde. Livro n.º 3 de óbitos da freguesia de São João Batista de Vila do Conde, fls. 136v.

- V- SARGENTO-MOR ROQUE SOARES MEDELA, nasceu em 16 de agosto de 1671 na rua Nova, freguesia de São João Batista de Vila do Conde, onde foi batizado em 19 do mesmo mês e ano, como segue:⁵¹

Aos dezenove dias de agosto de (mil e) seiscentos e setenta e um batizou o padre Antônio de Medela de minha licença a Roque, que nasceu aos dezesseis do mesmo mês filho de Luís Soares e de sua mulher Benta de Medela da rua nova. Padrinho o Padre Fernando da Rocha da rua do Cais.



Possível retrato de Roque Soares Medela, quando teria 6 anos de idade.

Este quadro, sem autoria, feito em 1677, encontra-se no Mosteiro de Santa Clara, em Vila do Conde. Fotografia tirada pelo autor em abril de 2015, e com imagem melhorada pela minha sobrinha Ariane Raquel Yano. O quadro, por inteiro, segue no Capítulo 3.º: Obras de Francisco João de Anvers e de Luís Soares de Anvers.

⁵¹ Arquivo Municipal de Vila do Conde. Livro n.º B-3 de batizados da freguesia de São João Batista de Vila do Conde, fls. 140v.

Veio para o Brasil em fins do século XVII, na qualidade de religioso leigo da Companhia de Jesus, conforme informação extraída da habilitação ao Santo Ofício de sua filha Paula da Costa.⁵² Estabeleceu-se em Cotia, então bairro de São Paulo. Conforme declarou, na qualidade de testemunha, em 17 de março de 1734, na cidade de São Paulo, a favor de Garcia Rodrigues Pais: disse que era morador nessa cidade, de 66 anos de idade, natural de Vila do Conde, e que havia 36 anos que residia em São Paulo.⁵³ Teria vindo, então, em 1698, pouco mais ou menos. Na antiga capela de Cotia (depois trasladada para o atual lugar), Nossa Senhora do Monserrate, casou-se cerca de 1700 com D. ANA DE BARROS - o assento de casamento já se encontrava perdido desde 1753.⁵⁴ Da habilitação ao Santo Ofício de sua neta Paula da Costa, para se casar com familiar, o Padre Salvador Garcia declarou que Roque Soares casou-se na capela de João Moreira, em tempo do vigário Frei Ângelo, sendo testemunha Sebastião Pinheiro. D. Ana de Barros, ou D. Ana da Silva, como também era conhecida, nasceu em Cotia onde foi batizada na mesma capela de Nossa Senhora do Monserrate a 15 de dezembro de 1684, conforme o assento:⁵⁵

Aos quinze de dezembro [ou novembro] (de mil e) seiscientos e oitenta e quatro batizei e pus os Santos óleos a Ana inocente filha de Diogo da Silva e de Paula da Costa. Foram padrinhos Gaspar de Godoy Colaço e Francisca Gonçalves dia e mês ut supra.

Oliveira

⁵² Essas declarações confirmam o que Pedro Taques havia escrito sobre Roque Soares Medela. Essa questão provocava grande interesse no Padre Hélio Abranches Viotti, com quem tive o privilégio de ter sua amizade, falecido em 28 de novembro de 2000. Mais de uma vez ele disse que queria saber a fonte de tal informação. Eu não sabia à época. Finalmente, passados quase quarenta anos, consegui lhe responder...

⁵³ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Autos Cíveis, São Paulo, 1734, a ser catalogado. Justificante: Garcia Rodrigues Pais. Justificado: Maria Betim.

⁵⁴ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Habilitação "de genere et moribus" do Padre Rafael Antônio de Barros - processo n.º 1-30-270.

⁵⁵ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Habilitação "de genere et moribus" do Padre Rafael Antônio de Barros - processo n.º 1-30-270. O assento de batismo de Ana de Barros foi trasladado em fls. 42v do dito processo. Igualmente, foi trasladado na habilitação ao Santo Ofício de sua filha Paula da Costa (adiante). Segundo a habilitação ao Santo Ofício de seu filho Rafael Antônio de Barros, Ana de Barros teria sido batizada na capelinha de Nossa Senhora da Conceição, freguesia da Cotia.

D. Ana de Barros era filha do português Diogo da Silva, que veio para o Brasil e se casou cerca de 1670 com Paula da Costa, provavelmente em São Paulo.⁵⁶ O genealogista Silva Leme escreveu que seu pai era Diogo da Silva de **Carvalho**.⁵⁷ Um bisneto seu, Antônio Pires da Silva Pontes Leme, tirou brasão de armas em 1799, alegando que Diogo da Silva de Carvalho era da ilustre família dos senhores de Veiros, em Portugal; tendo recebido, inclusive, as armas dos Silvas.⁵⁸ Diogo da Silva havia sido espadeiro de ofício em sua terra natal e em seus primeiros tempos na cidade de São Paulo, onde depois viveu apenas de suas lavouras. Ele era natural da freguesia dos Anjos, concelho e distrito de Lisboa, e nesta freguesia batizado na sua matriz de Nossa Senhora a 18 de abril de 1628, como segue:⁵⁹

Aos 18 de abril de 628 batizei a Diogo filho de Domingos Fernandes e de Maria Antunes. Foram padrinhos Domingos de Castro de Figueiró e Maria de Almeida.

O cura Álvaro Mendes Pimentel

Os pais de Diogo da Silva, Domingos Fernandes e Maria Antunes, fizeram banhos na cidade de Lisboa, antes de se casarem.⁶⁰ Domingos Fernandes declarou ser natural da freguesia de Santa Maria de Verim (concelho de Póvoa do Lanhoso), arcebispado de Braga, filho de Diogo

⁵⁶ Da habilitação ao Santo Ofício de sua neta Paula da Costa (adiante), verifica-se que Diogo da Silva e Paula da Costa casaram-se em São Paulo (assento não existente à época), sendo vigário Domingos Gomes Albernaz; foram padrinhos Domingos Fernandes, Francisca Luís, Isabel da Costa e Isabel de Godoy. Supunha-se que o casamento foi celebrado na Sé.

⁵⁷ LEME, Luís Gonzaga da Silva (1852-1919). *Genealogia Paulistana*. São Paulo: Duprat & Cia., 1903 a 1905, 9 volumes. Volume VIII, p. 216.

⁵⁸ SANCHES DE BAENA, Visconde de. *Archivo Heráldico-Genealógico*. Lisboa: Typographia Universal. Volume I, p. 80. Eu não sigo a informação de que Diogo da Silva fosse descendente dos senhores de Veiros. Seria mais crível se essa ligação constasse da habilitação ao Santo Ofício de D. Paula da Costa, em 1722 (em § 4 n.º VI). Parece-me que houve exagero na afirmação de seu bisneto.

⁵⁹ IAN/ Torre do Tombo. Livro 1B de batizados da freguesia dos Anjos da cidade de Lisboa, fls. 155.

⁶⁰ IAN/ Torre do Tombo. Câmara Eclesiástica. Maço 566, processo n.º 34. Honestamente, fico em dúvida se não poderia ter havido homonímia e seus pais serem outros. Afinal, os nomes Domingos Fernandes e Maria Antunes são bastante vulgares.

Fernandes e de sua mulher Paula Rodrigues. Já estava em Lisboa havia 14 anos, sendo que nos últimos 12 anos não retornara à sua terra. Maria Antunes era natural da cidade de Lisboa, filha de Pedro da Silva e de sua mulher Francisca de Barros.⁶¹ Obtiveram licença para celebrarem o matrimônio em 8 de setembro de 1621.

Domingos Fernandes fez testamento em 28 de junho de 1670 na cidade de Lisboa.⁶² Esse instrumento foi escrito no sítio do Tojalinho, julgado de Benfica, termo da cidade de Lisboa, em suas casas de morada. Estava doente, mas em seu perfeito juízo. Pedía para seu corpo ser enterado dentro da igreja de Nossa Senhora do Amparo do lugar de Benfica, de onde era freguês, e que acompanhariam os clérigos até sua sepultura, a quem se dariam a esmola costumada, como também um ofício de nove lições de corpo presente, e que se desse ao padre cura 1\$200 (um mil e duzentos réis). Declarou ser casado com Maria Antunes, na qual nomeia o prazo em que vive foreiro em vidas, com a obrigação de pagar a cada ano um moio de trigo e meio moio destinado ao direito senhorio de presente D. Antônio Álvares da Cunha, com a dita obrigação do foro. Deixava à sua mulher todos os seus bens havidos e por haver, nomeando-a sua universal herdeira e testamenteira. Assinou em cruz. O testamento foi aprovado em 28 de junho de 1670 e a abertura deu-se em 29 de junho (não seria julho?) de 1670 no lugar de Benfica, termo da cidade de Lisboa, pelo cura da igreja de Nossa Senhora do Amparo, Domingos João.

Voltando à mulher de Diogo da Silva, Paula da Costa, ela era natural de São Paulo, onde foi batizada a 8 de março de 1653 na Sé, como segue:⁶³

Em oito de março de 1653 anos batizei a Paula filha de Domingos Gonçalves e de sua mulher Isabel da Costa e lhe pus os Santos óleos. Padrinhos Salvador de Oliveira e Maria Nunes.

O Padre Lima

Diogo da Silva fez testamento em 1680 em São Paulo (o documento se encontra tão estragado que nem mesmo com luz infravermelho foi possível sua leitura), o qual recebeu o "cumpra-se" em 23 de outubro

⁶¹ Estando certa a ascendência de Diogo da Silva, aqui exposta, o apelido *Barros* de D. Ana de Barros viria, então, por sua avó materna, Francisca de Barros.

⁶² IAN/ Torre do Tombo. Registo Geral de Testamentos de Lisboa. Livro 24, testamento n.º 141, fls. 180 a 181v.

⁶³ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro 1-3-14 de batizados da Sé de São Paulo (1640-1662), fls. 84.

de 1689 em São Paulo, e em 16 de novembro de 1689 em Santana de Parnaíba.⁶⁴ O inventário correu a seguir, em data inutilizada, em Cotia. O monte-mor avaliado foi de 133\$420 (cento e trinta e três mil, quatrocentos e vinte centavos), com 50 peças do gentio da terra (índios), sendo que 10 tinham vindo recentemente do sertão.

Paula da Costa faleceu quarenta anos após a morte do marido, formando grossa fazenda, empregando cento e dezessete escravos, todos negros, e a fortuna considerável de 22:719\$953 (vinte e dois contos, setecentos e dezenove mil, novecentos e cinquenta e três réis), quase 57 mil cruzados. Paula fez testamento em 14 de abril de 1730 na cidade de São Paulo, o qual recebeu o "cumpra-se" em 18 de março de 1732.⁶⁵

Paula da Costa era irmã do Cônego João Gonçalves da Costa, filhos do português Domingos Gonçalves, morador na vila de São Paulo, onde tinha o ofício de alfaiate e de sua mulher Isabel da Costa, natural da vila de São Paulo, que ajudava o marido no ofício de alfaiate, costurando e tingindo roupas. Isabel da Costa era filha do português João da Costa de Carvalho e de Paula Nunes de Siqueira, esta, por sua vez filha de Antônio Nunes e de Maria Maciel, a qual era filha do tronco dos Maciéis de São Paulo: João Maciel e Paula Camacho. João da Costa de Carvalho seria natural da freguesia de São João das Conchas, bispado de Coimbra.⁶⁶

Alguns anos depois de seu casamento, Roque Soares Medela passou para Minas Gerais no princípio de sua mineração, tendo servido como alferes, ajudante, e por fim, em patente de 28 de fevereiro de 1714, de capitão de uma companhia de infantaria da ordenança em que serviam os privilegiados e mais pessoas da nobreza de Mariana, como segue:⁶⁷

⁶⁴ Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem: CO 611. Inventário de Diogo da Silva na série de inventários e testamentos estragados (atualmente denominados comprometidos).

⁶⁵ Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem: CO 512. Inventário de Paula da Costa na série de inventários não publicados.

⁶⁶ Biblioteca Nacional [do Rio de Janeiro]. Códice 11, 3, 5: Nobiliarquia Brasileira, cerca de 1792. São as famosas árvores de costados do Cônego Roque de Macedo Leme, muitas delas baseadas em obras de Pedro Taques de Almeida Pais Leme. Árvore 32.^a

⁶⁷ Revista do Arquivo Público Mineiro, ano XXI (1927), página 594. A cópia xerográfica dessa patente havia sido enviada, na década de 70 do século XX, pelo amigo Wanderley dos Santos (*in memoriam*). In Arquivo Público Mineiro. SC-09- Registro de Sesmarias, Cartas, etc.. (1713-1717), fls. 102v.

Dom Brás Baltasar da Silveira, etc.. Faço saber aos que esta minha carta patente virem que tendo consideração aos merecimentos e mais requisitos que concorrem na pessoa de Roque Soares e haver servido alguns cargos nesta vila em que sempre procedeu com muita verdade, desinteresse e zelo do Serviço de Sua Magestade, e por confiar dele que em tudo o de que o encarregar servirá com boa satisfação, hei por bem de o nomear e prover no posto de capitão de uma companhia de infantaria da ordenança em que hão de servir os privilegiados e reformados, e mais pessoas da nobreza desta vila e seu distrito – e o dito Roque Soares terá este posto enquanto eu o houver por bem ou sua Magestade não mandar o contrário, e o Capitão-Mor Rafael da Silva lhe dará posse e o juramento dos Santos Evangelhos – para bem servir este posto com o qual gozará de todas as horas, privilégios, isenções e liberdades que lhe forem concedidas e ordeno ao dito capitão-mor e mais oficiais assim da Ordenança como de Auxiliares conheçam por capitão da referida companhia e como tal o respeitem e estimem, e os soldados dela lhe obedçam e cumpram suas ordens assim por escrito como de palavra tão pontualmente como devem, e são obrigados e para firmeza de tudo lhe mandei passar esta por mim assinada e selada com o sinete de minhas armas que se cumprirá tão inteiramente como nela se contém registrando-se nos livros da Secretaria deste governo e nos mais a que tocar. Dada nesta vila de Nossa Senhora do Carmo aos 28 de fevereiro de 1714.

Esta patente foi concedida pelo governador D. Brás Baltazar da Silveira. Em Mariana foi pessoa principal, e dele faz menção o historiador Diogo de Vasconcelos, informando que Roque se estabeleceu logo abaixo de um tal de João Lopes de Lima.⁶⁸

Voltando para São Paulo, aqui servira o cargo de juiz ordinário⁶⁹ em 1717, quando recebeu do governador D. Pedro de Almeida e Portugal, conde de Assumar, patente de sargento-mor da comarca de São Paulo em 23 de setembro de 1717.⁷⁰ Esta patente foi depois confirmada pelo gover-

⁶⁸ VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga das Minas Gerais*, ano 1974. Livraria Itatiaia Editora Ltda. Vol. 1, pág. 185.

⁶⁹ Registro Geral da Câmara de São Paulo e Atas da Câmara de São Paulo, no ano de 1717.

⁷⁰ Registro Geral da Câmara de São Paulo - publicação oficial do Arquivo Municipal de São Paulo - volume IV, de 1710 a 1734, páginas 275 a 277.

nador Antônio Luís de Távora, conde de Sarzedas.⁷¹ Como que atendendo a uma carta do governador D. Pedro de Almeida e Portugal, sobre a necessidade de criação de gado para suprir a demanda crescente nas Minas Gerais, Roque Soares Medela, já sargento-mor, requereu cerca de 1800 alqueires de terra em sesmaria, alegando que vivia "escassamente por não ter largueza, e terras bastantes para a sua posse, e cultivar, e lavrar para sustentação de sua família e escravos, como também de pastos para gado e mais criações".⁷² Estas terras se situavam em Cotia, no lugar conhecido por "**Caragatatativa**", ficando para dentro delas dois ribeirões, um chamado Cotia e outro de Capivari. Essa sesmaria foi concedida a 13 de novembro de 1721 e confirmada a 5 de junho de 1725 pelo Rei D. João V de Portugal.⁷³

Já no final de sua vida, foi contemplado com a provisão de guarda-mor das minas de São Paulo em 7 de junho de 1740, cargo este que aparentemente nunca serviu, e através do qual não é conhecido.⁷⁴ Roque Soares e sua mulher Ana de Barros eram moradores na cidade de São Paulo, onde tinham casa e habitação, e também na freguesia da Cotia, onde tinham suas lavouras, dos quais viviam, como também de mandar carregações às Minas do Ouro. Veio a falecer pouco depois, a 28 de janeiro de 1742 em São Paulo, sendo seu corpo sepultado na Venerável Ordem Terceira de São Francisco, de cuja ordem era irmão, tendo feito testamento, como segue:⁷⁵

Roque Soares Medela

Aos vinte e oito dias do mês de janeiro de mil setecentos e quarenta e dois anos faleceu da vida presente com todos os sacramentos Roque Soares Medela natural da Vila do Conde arcebispado de Braga, morador nesta cidade e nela homem casado, foi sepultado na capela da Ordem Terceira de São Francisco, como terceiro que era da dita

⁷¹ Arquivo Público do Estado de São Paulo. Sesmarias, Patentes e Provisões, livro n.º 5, fls. 13v, sob n.º de ordem: CO 361.

⁷² Arquivo Público do Estado de São Paulo. Requerimento de sesmaria do Sargento-Mor Roque Soares Medela. N.º de ordem: CO 323, pasta n.º 1.

⁷³ Sesmarias (publicação oficial da Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo), volume II, páginas 185 a 189. Também em IAN/ Torre do Tombo. Registro Geral de Mercês, Mercês de D. João V, liv. 16, fls. 418 e 418v.

⁷⁴ Arquivo Público do Estado de São Paulo. Patentes, Sesmarias e Provisões. N.º de ordem: CO 363, livro 10, folhas 86v.

⁷⁵ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. L.º de óbitos n.º 1-2-38 da Sé de São Paulo, fls. 48v e 49.

ordem, fez testamento (onde) declarou se lhe dissessem mil missas e fazendo codicilo revogou em pa (parte ?) esta verba, e ordenou se lhe dissessem só quinhentas, a saber cento e cinquenta à Santíssima Trindade, vinte e cinco aos Santos Apóstolos, doze a São João Batista, doze a Santo Anastácio e as mais de tenção pelos Santos e Santas de que ... era devoto, e se lhe dissessem todas as missas de corpo presente que no mesmo dia do seu falecimento se pudessem dizer; deixou por seus testamenteiros a Felipe de Santiago Diniz, João Coelho Duarte e a Inácio Soares Medela - Deixou mais outros legados que constam em seu testamento, que se acha registrado na Câmara Eclesiástica desta cidade, e al não disse de que fiz este assento em que me assinei.

Mateus Lourenço de Carvalho

Sua mulher, D. Ana de Barros, faleceu a 7 de setembro de 1746 em São Paulo.⁷⁶

Foram pais de:

- 1 (VI)- CAPITÃO INÁCIO SOARES DE BARROS, que segue.
- 2 (VI)- CAPITÃO FRANCISCO SOARES DE MEDELA (ou Francisco Soares de Barros), que segue no § 3.
- 3 (VI)- D. PAULA DA COSTA, que segue no § 4.
- 4 (VI)- JOÃO SOARES DE MEDELA, que faleceu em 1743 em São Paulo, provavelmente solteiro.
- 5 (VI)- D. MARIA DE MEDELA, que segue no § 5.
- 6 (VI)- PADRE RAFAEL ANTÔNIO DE BARROS, que nasceu a 28 de abril de 1722 em Cotia, sendo batizado na matriz de Nossa Senhora do Monserrate a 17 de maio do mesmo ano. Habilitou-se "de genere et moribus" em 1753 no bispado de São Paulo.⁷⁷ Habilitou-se, também, ao Santo Ofício, cerca de 1753-1755, em um processo não concluído, por motivos que ignoro: afinal, não constou nenhum impedimento.⁷⁸ Faleceu a 1.º de agosto de 1803 em Cotia, com testamento (fls. 70 e 70v). Ver, no Capítulo 4.º: Breve histó-

⁷⁶ Pedro Taques é quem informa a data de seu óbito, que não se acha registrado nos livros paroquiais de São Paulo e nem nos da freguesia de Cotia, talvez por descuido do pároco. No mesmo mês de setembro de 1746, nos livros paroquiais de Cotia, é referida como falecida, o que parece confirmar Taques. Vide *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica* (edição 1954), II, 181.

⁷⁷ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Habilitação de *genere et moribus* do Padre Rafael Antônio de Barros, processo n.º 1-30-270.

⁷⁸ IAN/ Torre do Tombo. Habilitações incompletas (ao Santo Ofício). Mç. 124, doc. 5137.

rico do Sítio do Padre Inácio, como um dos proprietários do imóvel.

- VI- CAPITÃO INÁCIO SOARES DE BARROS (ou Inácio Soares de Medela) nasceu em Cotia, onde foi batizado na sua igreja matriz de Nossa Senhora do Monserrate em 6 de novembro de 1702, conforme segue:⁷⁹

Aos seis de novembro de mil, setecentos e dois anos batizou o reverendo padre Francisco de Albuquerque, e pôs os Santos óleos a Inácio filho de Roque Soares e de sua mulher Ana da Silva. Padriños o Capitão Sebastião Pinheiro e sua mulher Potência Leite.

Frei Ângelo da Encarnação

Sempre residindo em Cotia com seus pais, ali foi capitão de infantaria da ordenança do bairro e freguesia de Cotia por patente de 20 de março de 1733 do governador Antônio Luís de Távora, conde de Sarzedas.⁸⁰

Em seu processo de banhos, que se constituía na habilitação dos noivos para o casamento e no qual mostravam serem livres (solteiros ou viúvos), batizados na Igreja Católica e não serem parentes dentro de grau proibido (se o fossem deveriam requerer dispensa), o Capitão Inácio informou que poucas vezes houvera saído de casa, e que somente "fora para as Minas Gerais com suas carregações e que nelas não assistira mais tempo do que dois até três meses", e das outras viagens informou que "só fizera para a vila de Itu, comarca desta cidade" de São Paulo.⁸¹

Casou-se em 31 de julho de 1742 em Cotia, na igreja matriz de Nossa Senhora do Monserrate, com D. MARTA MARIA DE CAMARGO LIMA.⁸² Segue o assento:⁸³

⁷⁹ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo "de genere et moribus" n.º 1-58-456. Traslado do assento de batismo do pai do habilitando, padre Fernando Lopes de Camargo.

⁸⁰ Arquivo Público do Estado de São Paulo. Sesmarias, Patentes e Provisões. livro n.º 5, fls. 64 e 64v, sob n.º de ordem: CO 361.

⁸¹ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo de dispensa matrimonial n.º 4-17-106, fls. 56 a 64v, em 1742, entre o Capitão Inácio Soares de Barros e Marta de Lima de Camargo.

⁸² LEME, Luís Gonzaga da Silva (1852-1919). *Genealogia Paulistana*. São Paulo: Duprat & Cia., 1903 a 1905, 9 volumes. Vol. I: Camargos, p. 217.

⁸³ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. 1.º livro de casamentos de Cotia (1728-1749), codificado sob n.º 10-03-02, fls. 56.

Aos trinta e um de julho de mil setecentos e quarenta e dois, feitas as denúncias se receberam nesta Igreja da Senhora do Monserate em presença do reverendo padre vigário Mateus Lourenço de Carvalho o Capitão Inácio Soares de Barros filho legítimo do Sargento Mor Roque Soares já defunto, e de Anna de Barros com Marta de Lima filha legítima do Capitão Fernando Lopes já defunto, e de Maria de Lima, todos moradores e fregueses desta freguesia. Foram testemunhas Tomé João, João Coelho, Maria de Medela, e Maria de Lima de Camargo, todos fregueses desta. E logo lhes deu as bênçãos. Do que para constar fiz este termo. Dia, e era ut supra.

Salvador Garcia Pontes

Seguem assinaturas de Tomé João e de João Coelho Duarte.

D. Marta nasceu em 29 de julho de 1723 em Cotia, onde foi batizada na matriz em 15 de agosto de 1723. Traslado do batizado da noiva, extraído da sua dispensa matrimonial:

Marta filha legítima do Capitão Fernando Lopes de Camargo e de Maria de Lima, nasceu aos vinte e nove de julho de mil setecentos e vinte e três. Foi batizada aos quinze de agosto da mesma era por mim Salvador Garcia Pontes, vigário desta freguesia. Foram padrinhos o Capitão João Vidal de Siqueira e Ana Furquim, casados e fregueses desta freguesia. E logo lhe pus os Santos óleos.

Ela era irmã do Padre Salvador de Camargo Lima, que chegou a servir de comissário do Santo Ofício.⁸⁴ Eram filhos do Capitão Fernando Lopes de Camargo, nascido em Cotia, onde foi batizado em 16 de agosto de 1676 na matriz, e de sua mulher (casados cerca de 1710 em São Paulo) Maria de Lima de Siqueira, nascida em São Paulo, onde foi batizada⁸⁵ em 25 de maio de 1688, e que faleceu em 1.º de agosto de 1769 em Cotia.

Traslado de batizado lançado às fls. 18v do processo "de genere et moribus" n.º 1-49-398 de Inácio Lopes de Camargo, no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo:

Aos 16 de agosto da era de 1676 batizei e pus os Santos óleos a Fernando inocente filho de Fernando de Camargo e de Joana Lo-

⁸⁴ IAN/ Torre de Tombo. Habilitações Incompletas (ao Santo Ofício). Mç. 19, doc. 109. Corria o ano de 1768. Como escreveu, em 27 de agosto de 1772, de São Paulo, Mateus Lourenço de Carvalho, não houve prosseguimento ao processo, uma vez que Salvador de Camargo já servira de comissário no seu impedimento.

⁸⁵ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro n.º 2-2-4 da Sé de São Paulo, fls. 225v.

pes. Foram padrinhos Francisco Pereira e Maria da Silva, dia e mês ut supra.

O Padre Oliveira

Observação: O batizado se deu em Cotia e este livro não mais existe. Cotia ainda não era freguesia e sua capela localizava-se em local diferente da atual matriz.

Maria de Lima faleceu a 1.º de agosto de 1769 na freguesia da Cotia, como segue:⁸⁶

Ao primeiro de agosto de mil, setecentos e sessenta e nove faleceu da vida presente Maria de Lima de Siqueira, viúva que ficou por falecimento de Fernando Lopes de Camargo com todos os sacramentos, de idade de oitenta e seis anos mais ou menos, e foi enterrada na Ordem Terceira de São Francisco (de São Paulo), e foi levada na tumba da Misericórdia, e fez seu testamento em que deixou cinquenta missas de corpo presente com a esmola de duas patacas; como também mais cem missas ditas pela sua alma, e pelas suas obrigações e intenções, todas ditas no convento de São Francisco de São Paulo, e pelos mesmos religiosos; e fez várias deixas a várias pessoas, e declarou por seus testamenteiros, ao doutor Luís de Campos, José Ortiz de Camargo, Agostinho Barroso de Camargo, e foi recomendada, de que fiz este assento.

O vigário Joaquim Cardoso de Camargo

Observação: o padre Joaquim Cardoso de Camargo era neto materno da defunta Maria de Lima de Siqueira!

Fernando Lopes de Camargo viveu bem afazendado na então freguesia de Cotia, da qual foi nomeado capitão de auxiliares em 30 de julho de 1710, sucedendo ao seu irmão Estêvão Lopes de Camargo.⁸⁷ Antes houvera minerado de 1701 a 1709 nas Minas Gerais, de onde voltou opulento para São Paulo, em cuja cidade faleceu em 10 de julho de 1737, data do "cumpra-se" ao seu testamento.⁸⁸ Segue assento de seu óbito:⁸⁹

⁸⁶ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro n.º 1 de óbitos de Cotia, fls. 101v.

⁸⁷ Arquivo Público Mineiro. Livro n.º 7, fls. 20v de Registro de Patentes, Nomenclamentos e Provisões.

⁸⁸ Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem: CO 696. Inventário de Fernando Lopes de Camargo, na série de inventários do 1.º ofício n.º 14.626.

⁸⁹ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro n.º 1 de óbitos da Sé de São Paulo, sob n.º 01-02-38, fls. 24v a 25v.

Fernando Lopes de Camargo

..... do mês de julho de mil setecentos e trinta e sete anos faleceu da vida presente com todos os sacramentos Fernando Lopes de Camargo natural desta cidade (seguem duas linhas ininteligíveis)... São Francisco amortalhado no hábito da mesma ordem, fez testamento, e nele declarou que fosse sepultado em a dita capela, e declarou se dissessem pela sua alma quinhentas missas...

[Era vigário Mateus Lourenço de Carvalho].

Após a morte do Capitão Fernando Lopes de Camargo, a viúva Maria de Lima de Siqueira fez pedido de tutoria de seus filhos menores.⁹⁰ Era moradora na freguesia da Cotia. Em nome de El-Rei, o Conde das Galveas concedeu a pedida tutoria, em 11 de junho de 1739.

O capitão Inácio faleceu em 1.º de junho de 1759 em Cotia, sendo seu óbito lavrado no dia seguinte, como segue:⁹¹

Inácio

Aos dois de junho de mil e setecentos e cinquenta e nove anos faleceu da vida presente o capitão Inácio Soares de Barros casado com Marta de Camargo, fregueses desta freguesia com todos os sacramentos de idade de cinquenta ou sessenta anos mais ou menos com testamento cujo testamenteiro é o doutor Luís de Campos em que deiche [pediu ?] se dissesse por sua alma as missas de corpo presente que se pudessem dizer por todos os sacerdotes, e assim mais mil e quinhentas missas, cem ditas nesta matriz a Nossa Senhora do Monserrate e cem a Nossa Senhora do Rosário, digo mil e quatrocentas onde seu testamenteiro quiser, todas por sua alma. Foi enterrado na capela da Venerável Ordem de São Francisco de São Paulo donde era terceiro por verdade do que fiz este assento.

O vigário Antônio de Toledo Lara

Por morte do Capitão Inácio Soares se fez auto de inventário em 27 de junho de 1759, sendo inventariante sua mulher D. Marta Maria de Camargo Lima na paragem denominada "**Craguatá**", sítio do defunto, que havia herdado de seu pai, o Sargento-Mor Roque Soares Medela, e este por sesmaria.⁹² Entre os bens, além de terras, descreveram-se setenta e

⁹⁰ Arquivo Público do Estado de São Paulo. Inventários do 1.º Ofício. N.º de ordem: CO771.

⁹¹ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro n.º 2, de óbitos de Cotia, codificado sob n.º 10-02-10, fls. 55v.

⁹² Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem: CO 670. Inventário do 1.º ofício n.º 14.328 do Capitão Inácio Soares de Barros.

nove escravos, um oratório com a imagem de Nossa Senhora do Rosário, e casas na cidade de São Paulo, na rua da Freira (atual rua Regente Feijó); mantinha sociedade com Francisco Leme de tropa de cavalos da parte de Curitiba, de onde o seu sócio tinha trazido quarenta cavalos ou potros. Foram descritos, ainda, peças em ouro lavrado, em prata e louças da Índia. Havia feito testamento em 12 de fevereiro de 1749 na cidade de São Paulo, pedindo para seu corpo ser sepultado na capela dos Terceiros do Padre São Francisco, e amortilhado no hábito do mesmo santo, como irmão que era. Seu testamento foi aprovado em 14 do mesmo mês e ano na cidade de São Paulo. O “cumpra-se” deu-se em 1.º de julho de 1759.

O orçamento resultou em um monte-mor de 7:227\$634 (sete contos, duzentos e vinte e sete mil, seiscentos e trinta e quatro réis). Depois de repartir os bens com a viúva, coube a cada herdeiro a importância de 286\$110 (duzentos e oitenta e seis mil, cento e dez réis). O sítio na paragem Aguaçaí coube à órfã Brígida. O sítio do Craguatá ficou para os órfãos Custódio e Paula.

Além de terras do sítio de Craguatá, foram lançadas terras na paragem chamada Apotrebu, com uma casinha velha, que tinham sido de seu pai, o Sargento-Mor Roque, mais terras na paragem chamada Sapeatam, e um sítio, já formado, na paragem chamada Aguaçaí, com suas terras lavradas e seus campos, havido por título de arrematação no Juízo de Parnaíba, que foram de Diogo da Silva Pais, avaliadas em 45 mil réis. Esta foi a descrição das terras de Craguatá:

Declarou a inventariante cabeça do casal viúva dona Marta de Camargo Lima o sítio da sua vivenda paragem chamada Craguatá que houve por herança no inventário e partilhas que se fizeram por falecimento da defunta sua sogra Ana de Barros, que constam de umas casas de três lanços com seus corredores de paredes de mão cobertas de telhas com seu alpendre madeiras roliças, e mais casinhas com uma légua de terras em quadra por sesmaria, começando do lugar chamado Caraguatua partindo de uma outra parte com terras devolutas, que confinam para o sertão da banda do mar, ficando por dentro da dita légua dois ribeiros chamados um Cotia, e outro Capivari que servem de cerco à lingueta ou pedaço de campo com seus cultivados, e campos que servem de pasto ao gado com matos maninhos sobre terras dele se acha hoje demanda pendente que pôs Antônio Corrêa de Meira e o inventariado defunto Capitão Inácio Soares de Barros, e da forma sobredita os sobreditos avaliadores juramentados viram, e avaliaram em... 110\$000 (cento e dez mil réis).

D. Marta Maria viveu ainda mais de quarenta e nove anos após a morte do marido, sempre no estado de viúva e residindo em Cotia, terra de sua gente, com exceção dos seus últimos anos, quando passou para São Paulo. Assim, foi recenseada no ano de 1795, na 1.^a Companhia, na rua das Freiras.⁹³ Era senhora de 30 escravos e 10 agregados dos seus escravos viviam com ela. Ainda viviam com ela alguns filhos e netos, a saber, o Padre Fernando Lopes, D. Maria Joaquina, D. Maria Gertrudes, Inácio de Assunção e Gertrudes Teresa. Residiam, também, os seguintes agregados: Diogo Antônio (o futuro regente do Imperio), estudante, com 11 anos, Emerenciana, de 24 anos, e Ana Rosa, de 22 anos.

Já no ano de 1798, foram recenseados novamente na 1.^a Companhia da cidade de São Paulo.⁹⁴ O responsável pelo fogo era o Padre Fernando Lopes de Camargo, com 42 anos. Vivia de suas ordens e da capelania do Regimento do Mexia. Com ele residiam D. Marta de Camargo Lima, com 76 anos, D. Maria Gertrudes de Camargo, com 51 anos, o Padre Inácio de Assunção Feijó, com 35 anos, José, com 18 anos, e os agregados Diogo, com 14 anos, Antônio, com 10 e outro Antônio, com 5 anos de idade.

Faleceu em 10 de outubro de 1808 em São Paulo, às duas horas da tarde, como segue:⁹⁵

D. Marta Maria de Camargo

Aos dez de outubro de mil e oitocentos e oito faleceu com os sacramentos da penitência e extrema-unção de idade de oitenta e seis anos D. Marta Maria de Camargo, natural da freguesia de Cotia, viúva que ficou do Capitão Inácio Soares de Medela, fez testamento em que declara que no dia de seu falecimento ou no seguinte se digam vinte missas de corpo presente, determina mais se digam uma capela de missas por sua alma, mais três em louvor da Paixão de Nosso Senhor, três à Conceição da Santíssima Virgem Maria, três em louvor ao Anjo da sua guarda, três à Santa de seu nome, três a São Francisco, três à Senhora das Dores, três à Santa Ana, e mais uma capela pelas almas de seus pais, filhos, marido, e irmãos falecidos, e pelas almas que forem da sua obrigação, e nada mais pertencente ao pio. Foi amortalhada no hábito dos Religiosos de São

⁹³ Arquivo Público do Estado de São Paulo. Maços de população da Capital. Rolo de microfilme n.º 39.

⁹⁴ Arquivo Público do Estado de São Paulo. Maços de população da Capital. Rolo de microfilme n.º 40.

⁹⁵ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro n.º 02-02-25 (de 1802 a 1810) de óbitos da Sé de São Paulo, fls. 198v e 199.

Francisco, como tinha pedido em seu testamento, encomendada em casa, e conduzida à Igreja de São Francisco, aonde se lhe fez um ofício de corpo presente e jaz sepultada em uma das carneiras da Ordem Terceira, e para constar fiz este assento que assinei.

Antônio José de Sant'Ana Pinto

Havia feito testamento a 21 de fevereiro de 1805 em São Paulo, pedindo para ser enterrada na igreja da Ordem Terceira de São Francisco.⁹⁶ Entre outros bens, possuía uma morada de casas no canto da rua da Freira (atual rua Regente Feijó, ao lado da Praça da Sé), dividindo de um lado com as casas de seu filho, o Padre Fernando Lopes de Camargo, e do outro com as do reverendo Padre Fidelis José de Moraes.

Do Capitão Inácio Soares de Barros e de D. Marta Maria de Camargo Lima nasceram:

- 1 (VII)- D. ANA MARIA SOARES DE CAMARGO, nascida a 26 de junho de 1743 em Cotia, onde foi batizada a 3 de julho de 1743 (fls. 78) na matriz. Casou-se a 2 de setembro de 1760 em Cotia, na matriz (fls. 50v), com o SARGENTO-MOR ANTÔNIO FERRAZ PACHECO, sem geração. Antônio Ferraz era natural da vila de Itu, filho do Capitão Antônio Ferraz de Arruda e de sua mulher Maria Pacheco de Arruda.⁹⁷ Foram testemunhas do matrimônio: João Martins Barros e o Reverendo Rafael Antônio de Barros, sendo vigário Salvador de Camargo Lima. Depois de viúvo, Antônio Ferraz Pacheco tornou-se padre.
- 2 (VII)- D. MARIA GERTRUDES SOARES DE CAMARGO, que segue.
- 3 (VII)- CUSTÓDIO SOARES DE CAMARGO, nasceu em Cotia, sendo batizado na sua matriz a 15 de junho de 1747 (fls. 108). Foram seus padrinhos: Dr. Luís de Campos, casado, e D. Maria de Lima, viúva. Em 1767 era soldado da cavalaria de Cotia, onde sempre residiu e onde faleceu a 9 de setembro de 1822. Casou-se em 1775 com ANA MARIA JOAQUINA LEITE, com geração. Antes de se casarem, promoveram banhos, no mesmo ano de 1775.⁹⁸ Sua mulher, Ana Maria, nasceu em 4 de abril de 1753, tendo sido batizada aos 12 do mesmo mês na matriz da freguesia de Nossa

⁹⁶ O inventário de D. Marta Maria de Camargo Lima foi publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, volume 43, páginas 249 a 256.

⁹⁷ LEME, Luís Gonzaga da Silva. *Op. cit.* Vol. IV: Arrudas Botelhos, p. 40.

⁹⁸ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 5-38-1078, fls. 14-18v.

Senhora da Penha de Araçariguama, filha de Inácio Barbosa de Araújo e de sua mulher Maria Leite de Barros Penteado.⁹⁹

- 4 (VII)- FRANCISCO, nasceu em Cotia, sendo batizado na matriz a 23 de novembro de 1748 (fls. 104v). Em 1767 era soldado da cavalaria de Cotia.
- 5 (VII)- D. SENHORINHA FRANCISCA DE CAMARGO, batizada em 4 de abril de 1751 na matriz da freguesia da Cotia (fls. 77v), pelo Padre Salvador de Camargo Lima; foram seus padrinhos: Luís Manuel Cardoso, casado, e D. Ângela de Lima de Camargo, mulher de Tomé João, todos da freguesia de Cotia. Antes de se casar, houve processo de banhos no ano de 1774, sem haver impedimento algum.¹⁰⁰ Seu noivo era o CAPITÃO BENTO DOS SANTOS PEREIRA, natural da vila de Curitiba, onde foi batizado em 9 de junho de 1737 na sua matriz.¹⁰¹ Era filho de Sebastião dos Santos Pereira, natural da freguesia de São Martinho do Pecegueiro, comarca d'Agueda, bispado de Viuseu, e de Joana Garcia, nascida em 25 de julho de 1695 em Curitiba, já defuntos em 1774; neto paterno de Domingos Fernandes e de sua mulher Catarina Manuel; neto materno de Manuel Soares, natural de Lisboa, e de sua mulher Maria Pais, natural da vila de Santana de Parnaíba, da família Carrasco dos Reis.

O casamento entre D. Senhorinha e o Capitão Bento foi realizado em 8 de novembro de 1774, de manhã, na matriz da freguesia da Cotia (fls. 134 e 134v). Foram testemunhas os Reverendos Padres Agostinho Rodrigues de Almeida e Salvador de Camargo Lima, sendo vigário Manuel da Cruz Lima.

Foram avós paternos de D. ANA FRANCELINA DE CAMARGO, esposa do historiador DR. RICARDO GUMBLETON DAUNT.

- 6 (VII)- D. BRÍGIDA SOARES DE CAMARGO, nasceu em Cotia, sendo batizada na sua igreja matriz de Nossa Senhora do Monserrate a 3 de março de 1754 (Livro n.º 3 de batismos, fls. 66v). Foram seus padrinhos Tomé João e Paula da Costa, casados, fregueses da Cotia. Casou-se a 11 de dezembro de 1769 em Itu, na igreja ma-

⁹⁹ BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Genealogia de Francisco Gonçalves de Oliveira Viana*. In *Revista da ASBRAP* n.º 17, p. 152.

¹⁰⁰ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 5-32-1012, fls. 13-17v.

¹⁰¹ NEGRÃO, Francisco. *Genealogia Paranaense*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 6 volumes, 1926-1950. Volume 1.º, pp. 308, 419, 531, 532.

triz de Nossa Senhora da Candelária, com VICENTE FERRER DO AMARAL (GURGEL), que nasceu na cidade de São Paulo, tendo sido batizado em 9 de julho de 1735 na igreja matriz da vila de Itu, filho de José do Amaral Gurgel e de D. Escolástica de Arruda.¹⁰² D. Brígida faleceu em 28 de outubro de 1820 em Itu, tendo sido sepultada na Ordem Terceira de São Francisco, envolta no hábito do mesmo santo.¹⁰³ Foram proprietários da **Fazenda Pau Preto**, em Indaiatuba. Com geração.

- 7 (VII)- PADRE FERNANDO LOPES DE CAMARGO, nasceu em Cotia, sendo batizado na sua matriz a 28 de junho de 1756 (fls. 90v). Foram seus padrinhos: o Dr. Luís de Campos e Catarina da Silva e Camargo, fregueses da Cotia. Em 1777 era soldado da Cavalaria em Cotia. Habilitou-se "de genere et moribus" em 1783.¹⁰⁴ No ano de 1804, o Reverendo Fernando Lopes de Camargo foi re-censeado na cidade de São Paulo.¹⁰⁵ Era morador na rua da Freira. Com ele viviam sua mãe (D. Marta de Camargo) e sua irmã D. Maria Gertrudes, ambas viúvas. O Padre Fernando faleceu a 29 de junho de 1834 em São Paulo, do qual bispado foi autoridade.
- 8 (VII)- PAULA, batizada em 12 de novembro de 1758 na freguesia da Cotia (fls. 119). Mudou seu nome, por ocasião do crisma, no ano de 1764, para MARIA JOAQUINA SOARES DE CAMARGO. Foram seus padrinhos o Capitão Francisco Soares de Barros e sua mulher Luzia Leme de Barros. Esta senhora foi muito provavelmente a mãe do PADRE DIOGO ANTÔNIO FEIJÓ, regente e senador do Império Brasileiro. A outra hipótese é que ele seria filho da viúva D. Maria Gertrudes, acima – mas de qualquer maneira, todas as evidências mostram que era neto materno do casal Capitão Inácio Soares de Barros – D. Marta Maria de Camargo Lima. Diogo Antônio Feijó habilitou-se de "genere et moribus" no ano de 1804, no bispado de São Paulo.¹⁰⁶ Nesse processo declarou

¹⁰² BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *A Família Amaral Gurgel* (revisão crítica e contribuições genealógicas). In Edição Comemorativa do Cinquentário do Instituto Genealógico Brasileiro. São Paulo: IMESP, 1991, p. 672.

¹⁰³ Arquivo da Cúria Diocesana de Jundiaí. Volume 133. Livro de óbitos de Itu (1810-1828), fls. 88.

¹⁰⁴ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 1-58-456.

¹⁰⁵ Arquivo Público do Estado de São Paulo. Maços de População da Capital. Rolo n.º 41, 1.ª Companhia.

¹⁰⁶ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 2-5-757.

ser natural da cidade de São Paulo, filho de pais incógnitos, exposto em casa do reverendo Fernando Lopes de Camargo, ou a D. Maria Gertrudes de Camargo. Havia sido batizado em 17 de agosto de 1784 na Sé de São Paulo, exposto em casa do Reverendo Subdiácono Fernando Lopes de Camargo, tendo sido seus padrinhos o mesmo Fernando Lopes de Camargo e D. Maria Gertrudes de Camargo, viúva.¹⁰⁷ Uma das testemunhas ouvidas, em 12 de setembro de 1804, na cidade de São Paulo, foi o reverendo Melchior de Pontes do Amaral (filho de Vicente Ferrer do Amaral Gurgel e de D. Brígida Soares de Camargo), clérigo subdiácono, natural da vila de Itu, então morador na cidade de São Paulo, de 28 anos de idade. Apesar de dizer nada do costume (ou seja, que não haveria parentesco entre eles), afirmou, como que caindo em contradição:

Sabe por trato familiar, que tem com o mesmo, que ele tem muita vocação ao estado sacerdotal.

Sobre a filiação do padre Feijó vide:

- Ricardo Gumbleton Daunt, "Diogo Antônio Feijó na Tradição da Família Camargo", separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, volume XLIII, ano 1945 - Imprensa Oficial do Estado.
- Octávio Tarquínio de Souza, "História dos Fundadores do Império do Brasil", volume VI: "Diogo Antônio Feijó/ Três Golpes de Estado", Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1972.
- Novelli Júnior, "Feijó, um Paulista Velho", Rio de Janeiro: Edições GRD, 1963.
- Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, volume LXXXIV (em homenagem ao padre Feijó), 1989-K.M.K. Artes Gráficas e Editora Ltda.

VII- D. MARIA GERTRUDES SOARES DE CAMARGO, nascida em Cotia, onde foi batizada a 10 de agosto de 1745, em casa, pelo Padre João Domingues, por perigo de vida, tendo recebido os santos óleos em 17 de outubro do mesmo ano.¹⁰⁸ Casou-se em 1763 com o português MIGUEL JOÃO

¹⁰⁷ O fato de D. Maria Gertrudes ter sido madrinha, em minha opinião, já exclui a possibilidade de ela ser mãe do batizando, conforme legislação canônica.

¹⁰⁸ Livro n.º 2 de batismos de Cotia, fls. 89.

FEIJÓ.¹⁰⁹ Ele nasceu cerca de 1720 na freguesia de São Miguel da vila de Freixo de Espada à Cinta, comarca de Torre de Moncorvo, arcebispado de Braga, filho de José Gonçalves **Mendongo** (na dúvida) e de Ana Feijó. Miguel João faleceu a 30 de dezembro de 1778. Já viúva, em 22 de abril de 1784, na cidade de São Paulo, passou-se escritura de venda de uma morada de casas.¹¹⁰ Essa residência, térrea, ficava na rua da Freira, e consistia de dois lanços com paredes de taipa de pilão, cobertas de telhas, e valeria 400\$000 (quatrocentos mil réis). Eram confrontantes da moradia: de um lado, com casas de D. Marta Maria de Camargo Lima, e do outro fazia canto com o beco que ia para as senzalas dos escravos de São Francisco, e para a Casa Santa e Campo de São Gonçalo. D. Maria Gertrudes faleceu em 8 de janeiro de 1818, de moléstia interior, na freguesia da Sé, cidade de São Paulo, tendo sido sepultada na Ordem Terceira do Carmo. Foram pais de:

- 1 (VIII)- GERTRUDES TERESA LEOCÁDIA. Batizada em 8 de abril de 1771 na capela da Senhora da Luz, cidade de São Paulo.¹¹¹ Casou-se em 1788 em São Paulo com MANUEL FERRAZ DE CAMARGO (meio-irmão do Padre Antônio Ferraz Pacheco), filho do Capitão Antônio Ferraz de Arruda e de sua segunda mulher Maria Pais de Camargo.¹¹² Antes de se casarem, promoveram processo de banhos.¹¹³ Havia parentesco, por consanguinidade, no 4.º grau. Foram dispensados pelo Bispo de São Paulo em 10 de novembro de 1788. Uma das testemunhas ouvidas foi o Padre Salvador de Camargo Lima, de 62 anos de idade, morador nos subúrbios de São Paulo. Gertrudes Teresa vivia com a avó D. Marta Maria em 1795 em São Paulo.
- 2 (VIII)- MANUELA FRANCISCA DE JESUS FEIJÓ. Batizada em 7 de setembro de 1773 na capela de Nossa Senhora da Luz, cidade de São

¹⁰⁹ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 4-83-626, em 1763.

¹¹⁰ Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem: E 13422. Livro n.º 5 do 2.º Tabelião da Capital, fls. 183v a 184.

¹¹¹ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro de batizados da Sé de São Paulo, fls. 307.

¹¹² LEME, Luís Gonzaga da Silva. *Op. cit.*, Vol. IV: Arrudas Botelhos, p. 48.

¹¹³ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 6-18-1831, fls. 21-37v, ano de 1788.

Paulo.¹¹⁴ Casou-se em 14 de julho de 1791 na igreja matriz da Senhora do Monserrate, freguesia da Cotia (fls. 79), de manhã, com MANUEL FERNANDES DE ANDRADE, natural da cidade de São Paulo, filho de Pedro José de Andrade, ou Pedro José Fernandes de Andrade, e de sua mulher (casados em 1764 em São Paulo) D. Paula Maria de Oliveira; neto paterno do Dr. Miguel Fernandes de Andrade e de Teresa Palhares; neto materno de Antônio Lopes de Miranda e de sua mulher Mariana Rodrigues de Oliveira.¹¹⁵ Foi testemunha da cerimônia Inácio de Assunção Feijó (irmão da noiva), servindo de vigário o Padre Fernando Lopes de Camargo. À época, Manuel Fernandes era capitão; depois passou a tenente-coronel, por portaria passada em 2 de junho de 1817 pelo Capitão-General da Capitania de São Paulo Francisco de Assis Mascarenhas, conde de Palma.¹¹⁶ Receberia soldo para exercer o posto de tenente-coronel comandante do 2.º Corpo de Voluntários de Milícia a Cavalos. Em 1818 eram moradores no Rio Grande do Sul.

3 (VIII)- PADRE INÁCIO DE ASSUNÇÃO FEIJÓ. Segue.

4 (VIII)- JOAQUINA.

5 (VIII)- MANUEL.

VIII- PADRE INÁCIO DE ASSUNÇÃO FEIJÓ. Nasceu cerca de 1766 em São Paulo. Faleceu de estupor.

Conforme se depreende do processo, adiante estudado, após a morte do Padre Inácio de Assunção Feijó, seus filhos moveram ação contra a avó deles, D. Maria Gertrudes de Camargo. Antes de tomar ordem religiosa, Inácio foi escrivão da Câmara Episcopal de São Paulo. Sua habilitação de *genere et moribus* não se encontra no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Sabe-se que já era padre em 23 de setembro de 1796, quando foi testemunha de uma procuração de sua avó materna D. Marta de Camargo Lima.¹¹⁷

¹¹⁴ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro de batizados da Sé de São Paulo, fls. 30v.

¹¹⁵ LEME, Luís Gonzaga da Silva. Op. cit., Vol. V: Cunhas Gagos, p. 105.

¹¹⁶ Documentos Interessantes para História e Costumes de São Paulo (publicação oficial do Arquivo Público do Estado de São Paulo). Volume 90, p. 65.

¹¹⁷ Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem: CO 8845. Livros do 2.º Tabelião da Capital, livro n.º 11, fls. 16.

O Padre Inácio teve filhos naturais (que seguem adiante) de FRANCISCA DE PAULA, a qual era filha do Capitão Tomás Pinto da Silva e de Ana Teresa. Ou, como erroneamente era dito, que Francisca de Paula seria filha de José Ribeiro Machado e de Ana Teresa.

Tomás Pinto da Silva foi secretário do governo da Capitania de São Paulo.

José Ribeiro Machado era natural de São Paulo, provavelmente do bairro da Penha. Havia sido soldado pago e depois tenente, que faleceu a serviço de Sua Magestade o Rei de Portugal. José havia se casado¹¹⁸ em 26 de julho de 1773, na cidade de São Paulo com Inês Pedroso de Moraes, tendo deixado um filho, João José Nepomuceno, que vivia ausente pelos anos de 1807 em Minas Gerais, em local incerto. José Ribeiro Machado era filho de João Ribeiro Machado, batizado em 18 de agosto de 1719 na matriz de Nossa Senhora da Conceição da vila de Angra dos Reis da Ilha Grande e sua mulher (casados em 16 de janeiro de 1748 na Sé de São Paulo, fls. 90v) Francisca Xavier de Faro.¹¹⁹ Neto paterno do Capitão João Ribeiro Machado e de sua mulher Ana Pimenta de Oliveira, naturais da mesma ilha. Neto materno de Miguel de Mendonça Valladolid¹²⁰ e de sua mulher Maria Nogueira Falcão.

O que sabe, então, com certeza, é que Francisca de Paula era filha de Ana Teresa, a qual era filha de Inácio Francisco Xavier e de Quitéria Maria, do gentio da terra (índia). Esse Inácio Francisco Xavier morreu lázaro e foi irmão legítimo de D. Ângela da Silva Padilha, mulher que foi do Sargento-Mor Jerônimo de Castro Guimarães. Aliás, D. Ângela e Jerônimo fizeram proclamas de casamento no ano de 1766, no bispado de São Paulo.¹²¹ Era uma senhora de 43 anos de idade, viúva de Francisco Fernandes Lima (que faleceu em 16 de fevereiro de 1766 na Sé de São Paulo). Nesse processo constou que os irmãos da noiva não queriam esse casamento, e Gaspar de Sousa Leal afirmou que “um irmão, que tem achado de mal de São Lázaro, e assiste defronte da suplicada (Ângela da Silva) lhe tem feito várias violências e ameaças”. D. Ângela era natural da

¹¹⁸ Livro de casamentos da Sé de São Paulo (1768-1782), códice 02-02-22, fls. 67 (Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo).

¹¹⁹ BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Primeiras gerações de Pimentas de Carvalho no Brasil*. In *Revista da ASBRAP* n.º 18, p. 277.

¹²⁰ Miguel de Mendonça Valladolid nasceu cerca de 1694 em Valladolid, Castela. Era judeu praticante, motivo pelo qual foi preso pela Inquisição de Lisboa e morreu, por sentença, no auto-da-fé em 17 de junho de 1731. IAN/ Torre do Tombo. Processo n.º 9.973.

¹²¹ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 5-6-730.

cidade de São Paulo, filha de Lourenço de Siqueira Preto e de Ana da Silva Padilha.

O Sargento-Mor Jerônimo de Castro Guimarães faleceu em 5 de fevereiro de 1798 na cidade de São Paulo.¹²² Era natural da freguesia de Santa Eulália de Fafe, concelho de Montelongo, comarca de Guimarães, arcebispado de Braga, filho de Pedro de Castro e de sua mulher Senhorinha de Sampaio. Jerônimo habilitou-se ao Santo Ofício, tendo recebido carta de familiar em 29 de setembro de 1750.¹²³ Era viúvo que ficara de D. Ângela da Silva Padilha. Havia feito testamento. Jerônimo e D. Ângela casaram-se em 23 de julho de 1766 (fls. 99) na Sé de São Paulo. Ela era filha de Lourenço de Siqueira Preto e de Ana da Silva Padilha; neta paterna de Francisco Cubas de Mendonça e de Ana Ribeiro da Luz; neto materno de Manuel Pereira Padilha, natural da cidade do Porto e de Inês da Silva de Siqueira. Manuel Pereira Padilha era irmão do Padre Antônio Padilha, filho de Antônio João Padilha e de sua mulher Maria Marques, naturais da freguesia de Valongo.

O processo que moveram os filhos de Inácio de Assunção Feijó contra D. Maria Gertrudes de Camargo deu-se início em 19 de novembro de 1807 na cidade de São Paulo, no Cartório dos Órfãos.¹²⁴ Eram autores os irmãos Francisco de Assis Feijó, de 17 anos de idade e Carlota Joaquina da Maternidade, filhos naturais do Reverendo Padre Inácio de Assunção Feijó, havidos antes de ele tomar ordem eclesiástica. Alegavam que seu pai não gozava do foro eclesiástico, não tinha nobreza alguma adquirida ou hereditária, e nem como tal se tratava; antes, pela suma pobreza em que vivia principiou sua vida como jornalista assalariado do Coronel Bernardo Jacinto Gomes, para lhe escrever.

Porém, que o pai deles suplicantes os tratavam com estimação. Tanto assim, que Francisco de Assis Feijó tão logo nasceu, foi remetido para a vila de Sorocaba e entregue a seus parentes para o criarem, como de fato o criaram, Carlota Joaquina da Maternidade entregue a aias para a criar, como de fato a criaram e deram leite. O próprio Inácio de Assunção Feijó os procurava, justava e pagava, convidando padrinhos tanto para o batismo, como para o crisma, tendo-os e mantendo-os em sua companhia,

¹²² Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro n.º 2-2-2, de óbitos da Sé de São Paulo (1797-1802), fls. 4v.

¹²³ IAN/ Torre do Tombo. Habilitação ao Santo Ofício. Jerônimo, maço 9, dil. 143.

¹²⁴ Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem: CO 5354, do Juízo de Órfãos da Capital. Processo n.º 13.158.

confessando pública e geralmente serem seus filhos, trazendo-os pela mãos pelas ruas desta cidade.

Os suplicantes tinham uma irmã inteira, chamada Maria Fabiana, que vivia em companhia de sua avó paterna Maria Gertrudes, viúva de Miguel João Feijó. Para essa filha, Inácio de Assunção mandara edificar uma morada de casas na rua chamada dos Piques.

Terminaram a petição alegando que o pai dos suplicantes, Inácio de Assunção Feijó, fizera testamento, no qual acompanhava uma carta dirigida à mãe deles, mas que o testamento não apareceu. Que Maria Gertrudes Soares de Camargo sabia apenas que seu filho, o Padre Inácio, deixara forra a preta Iria, “mamã” dos suplicantes. E que, morto o pai dos suplicantes, sua avó Maria Gertrudes recolheu tudo que seu filho deixou e vendeu as casas feitas em benefício de seus netos.

D. Maria Gertrudes de Camargo retrucou da forma seguinte:

... o defunto filho da embargante o Padre Inácio de Assunção Feijó, de quem os embargados se intitulam filhos naturais, já era pessoa nobre por seus progenitores, quando eles foram concebidos, e nascidos, porquanto.

Que seu pai Miguel João Feijó, marido da embargante, foi um dos republicanos desta cidade, de onde era morador, e como tal nela exerceu o emprego de almotacel, vindo porisso a estar na classe dos homens nobres.

Que a embargante sua mãe também é pessoa nobre por ser filha legítima do capitão de ordenanças Inácio Soares de Barros republicano desta cidade, aonde exerceu o cargo de juiz ordinário, e de D. Marta de Camargo Lima, e neta pela parte paterna do Sargento-Mor Roque Soares Medela e de D. Ana de Barros, e pela materna do Capitão Fernando Lopes de Camargo e de D. Maria de Lima e Siqueira, pessoas todas de reconhecida nobreza.

Que aquele falecido filho da embargante antes de se ordenar de ordens sacras nunca exerceu ocupação alguma, que lhe fizesse perder a nobreza herdada de seus pais e avós, porquanto

Que se ele escreveu então na Câmara Episcopal, o fez como oficial da mesma câmara, exercitando-se porisso em uma ocupação nobre, e tão nobre, que é exercida por sacerdotes, em cuja qualidade a exerceu o mesmo filho da embargantes, por espaço de muitos anos.

Que na forma das Leis do Reino os filhos naturais dos homens nobres não sucedem na herança a seus pais não só quando estes morrem ab intestato, como se verifica a respeito do intitulado pai dos embargados, mas ainda mesmo quando fizeram testamento, tendo vivos descendentes ou ascendentes legítimos, visto que em tal caso

devem instituir a estes por seus herdeiros debaixo da pena da nulidade, e só podem deixar a terça aos filhos naturais.

Os suplicantes responderam: em primeiro lugar, que a mãe deles, apesar de pobre, foi criada com todo o asseio, decência e gravidade por D. Escolástica Maria Nogueira.¹²⁵ Que a mãe dos suplicantes (Francisca de Paula) fora desonrada pelo pai dos suplicantes, e que nunca se prostituíra; antes, fora sempre respeitada pelos seus parentes. Que o órfão Francisco de Assis foi criado a título de enjeitado em casa e companhia de Ana de Madureira, da vila de Sorocaba, sua madrinha, e parente de seu falecido pai.

Sobre o pai, Inácio de Assunção Feijó, que procedendo ao processo de *vita et moribus*, o meirinho geral do Eclesiástico e outros o impediram por ele viver concubinado e com filhos em casa. E que ele não...

... gozava de nobreza alguma nem como tal se tratava; antes pela suma pobreza e misérias que passava e vivia envolto em um capote de pano azul bem ridículo talvez recebido de esmola servindo de moço de feitos e escrevendo em o palácio do Excelentíssimo Bispo assalariado pelo Tenente-Coronel Bernardo Jacinto Gomes ganhando por dia o jornal de 300 réis, e dizendo publicamente que 150 eram dele e 150 da mãe dos órfãos.

Que a nobreza hereditária que a embargante avó dos órfãos diz gozar, tem perdido pois como tal se não trata e não se tratou em tempo algum mesmo quando sempre o seu traje foi uma saia e baeta preta, traje de quem nesta terra usam sem distinção alguma as mulheres de ínfima plebe.

Que Miguel João Feijó foi nesta cidade um mercador de retalho vendendo com vara e côvado, sem que em tempo algum tivesse caixeiro vivendo envolto em um timão de baeta azul bem sujo e coberto com um capote de camelão pardo sem a mínima distinção, e depois que foi mercador quebrado viveu nesta cidade cheio de misérias a termos de pedir esmolas.

Em 1818 D. Maria Gertrudes de Camargo já era falecida, pelo que Carlota Joaquina da Maternidade e seu irmão Francisco de Assis Feijó pediram carta precatória geral, em especial para a Capitania de São Pedro do Sul (atual Estado do Rio Grande do Sul), para em virtude dela ser citado o Tenente-Coronel Manuel Fernandes de Andrade por cabeça de sua mulher D. Manuela Francisca de Jesus, filha da defunta.

Não há conclusão do processo.

¹²⁵ Esta senhora era irmã de Francisca Xavier de Faro, possível avó paterna de Francisca de Paula, mãe dos suplicantes.

Filhos de Inácio de Assunção Feijó, havidos de Francisca de Paula:

- 1 (IX)- MARIA FABIANA. Vivia, em 1807, em companhia de sua avó paterna D. Maria Gertrudes Soares de Camargo.
- 2 (IX)- FRANCISCO DE ASSIS FEIJÓ, nascido cerca de 1790.
- 3 (IX)- CARLOTA JOAQUINA DA MATERNIDADE. Foi crismada pelo Bispo de São Paulo.

§ 3

- VI- CAPITÃO FRANCISCO SOARES DE MEDELA (ou Francisco Soares de Barros), filho de Roque Soares Medela, do § 2 n.º V. Não se achou seu batizado. Poderia ter nascido nas Minas Gerais, aquando da estada de seu pai. Casou-se a 15 de janeiro de 1744 em Porto Feliz, na sua matriz de Nossa Senhora Mãe dos Homens, com D. LUZIA LEME DE CAMPOS, ou Luzia Leme de Barros, natural de Santana de Parnaíba, onde foi batizada na matriz em 20 de novembro de 1711, filha do Coronel Pedro Vaz de Campos e de Escolástica de Oliveira Paes.¹²⁶ Por morte de Francisco Soares Barros, fez-se auto de inventário em 10 de fevereiro de 1775 na cidade de São Paulo.¹²⁷ Foi inventariante sua mulher Luzia de Campos, a qual declarou que seu marido havia falecido em 6 de dezembro de 1774 no bairro de Sorocamirim, freguesia de São Roque, termo da dita cidade.

Pouco depois de sua morte, seus filhos, herdeiros, venderam à mãe deles, D. Luzia Leme de Campos, a parte que lhes tocava no sítio da Cotia, chamado a Fazenda, em 11 de setembro de 1778 na cidade de São Paulo.¹²⁸ Constava de três moradas de casas, todas de taipa de pilão cobertas de telhas, que serve de morada e outra que serve de paiol, e outra de engenho de fazer farinha. No mesmo dia, D. Luzia Leme repassou esse sítio para servir de patrimônio ao filho, Licenciado Roque Soares de Campos. D. Luzia Leme de Barros faleceu em 28 de abril de 1816 na freguesia da Cotia (fls. 5v), constando ter 80 anos de idade. Seu corpo foi envolto em hábito franciscano e sepultado dentro da igreja matriz, em uma das sepulturas da Irmandade do Santíssimo Sacramento, de que era irmã.

Filhos do Capitão Francisco Soares de Medela com Luzia Leme de Campos:

¹²⁶ LEME, Luís Gonzaga da Silva. *Op. cit.*, Vol. IV: Campos, p. 176.

¹²⁷ Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem: CO724.

¹²⁸ Cartório do Primeiro Tabelião de Notas da Capital. Cartório de Notas do 1.º Ofício. Livro n.º 1, fls. 11.

- 1 (VII)- PADRE ROQUE SOARES DE CAMPOS. Batizado em 4 de agosto de 1746 na matriz de Cotia.¹²⁹ Padrinhos: Filipe de Santiago Diniz e D. Ana de Barros. Vivia, no ano de 1808, na cidade de São Paulo, na 1.^a Companhia, com 4 escravos.¹³⁰
- 2 (VII)- CAPITÃO BENTO SOARES DE CAMPOS, batizado em 31 de julho de 1747 na freguesia da Cotia (Livro n.º 2, fls. 109). No ano de 1770, Bento Soares de Campos abriu processo de banhos para se casar com MARIA ISABEL LEITE DE BARROS.¹³¹ Ela nasceu em 23 de outubro de 1748, tendo sido batizada em 20 do mesmo mês na matriz da freguesia de Nossa Senhora da Penha de Araçariguama (fls. 21v), filha de Inácio Xavier Bicudo de Barros e de D. Maria Pais de Jesus (ou de Araújo), neta paterna de Rodrigo Bicudo Chassim.¹³² Com geração.
- 3 (VII)- FRANCISCO SOARES DE BARROS.
- 4 (VII)- D. ANA SOARES DE BARROS, ou Ana Leme de Barros, ou ainda Ana Medela. Segue.
- 5 (VII)- ANTÔNIO PIRES DE CAMPOS. Casou-se em 18 de julho de 1786 na matriz da freguesia da Cotia (fls. 52v), no período da manhã, com D. ISABEL FERREIRA DE OLIVEIRA, filha de Leandro Luís Ferreira e de Maria Dias de Jesus; neta paterna de Francisco Luís e de Grácia Ferreira; neta materna de Tomé Dias e de Isabel Fernandes.

Antes de se casarem, promoveram banhos.¹³³ Havia impedimento entre os oradores, porque Antônio Pires de Campos tivera cópula ilícita com Benta José de Oliveira, filha de Antônio José de Oliveira, irmã de Maria Dias de Jesus, mãe da oradora. Segundo testemunhas ouvidas, os pais da oradora eram muito pobres e o orador pertencia às principais famílias da Capitania de São Paulo, razão pela qual ele poderia sustentar a contento a noiva. Receberam sentença favorável em 13 de julho de 1786 na cidade de São Paulo, assinada pelo bispo.

¹²⁹ Livro n.º 2, fls. 103v.

¹³⁰ Arquivo Público do Estado de São Paulo. Maços de população da cidade de São Paulo (capital), rolo n.º. 42. Constou que era natural da freguesia de São Roque.

¹³¹ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 5-20-878, ano 1770, fls. 21-45v.

¹³² LEME, Luís Gonzaga da Silva. *Op. cit.*, Vol. VI: Chassins, p. 547.

¹³³ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 6-1-1657, fls. 20-37v.

- 6 (VII)- BOAVENTURA DE OLIVEIRA CAMPOS.
- 7 (VII)- MARIA JOAQUINA DE MEDELA, ou Maria Germana de Medela.
- 8 (VII)- JOÃO DE OLIVEIRA CAMPOS. Ou João Soares de Barros. Batizado em 29 de maio de 1758 na freguesia da Cotia, pelo muito reverendo padre superior de Carapicuíba José de Castilho, da Companhia de Jesus (Livro n.º 3, fls. 114). Foram padrinhos o Padre Timóteo Leme do Prado, do hábito de São Pedro, e Antônia, mulher casada.
- 9 (VII)- D. ESCOLÁSTICA PAIS. Ou Escolástica Neboa de Medela. Batizada em 14 de março de 1762 na freguesia da Cotia (Livro n.º 4, fls. 2..). Foram seus padrinhos: Estanislau de Campos Pais, casado, e Ângela Coelho, solteira (filha do defunto João Coelho), fregueses da Cotia. Foram suas filhas (naturais?): D. MARIA DO MONTE CARMELO e D. MAFALDA MARIA DOS PRAZERES.
- 10 (VII)- ALFERES MANUEL SOARES DE CAMPOS. Natural da freguesia da Cotia, onde faleceu em 21 de março de 1816, solteiro (fls. 4), aos 57 anos de idade. Sepultado na igreja matriz de Cotia, envolto no hábito de São Francisco.
- 11 (VII)- PEDRO VAZ DE CAMPOS.
- VII- D. ANA SOARES DE BARROS, ou Ana Leme de Barros, ou Ana de Barros Leme, ou ainda Ana Medela. Nasceu em 21 de julho de 1751 na freguesia da Cotia, onde foi batizada em 27 do mesmo mês (Livro n.º 3, fls. 27v). Padrinhos: Rafael Antônio (filho de Roque Soares) e Rita d'Afonseca Diniz, solteira (filha de Filipe de Santiago).
- Conforme pesquisas do Professor Carlos Cerqueira, do IPHAN/SP, que escreveu, nesta mesma revista, um interessante artigo, *Capelas Rurais Paulistas dos séculos XVII e XVIII*, D. Ana faleceu em 6 de fevereiro de 1839, solteira, em seu sítio na freguesia da Cotia, de acordo com as declarações do inventariante Manuel Soares de Abreu, seu neto. Havia feito testamento em 3 de outubro de 1838 no bairro Sobre o Rio Cotia, na citada freguesia de Nossa Senhora do Monserrate, distrito da cidade de São Paulo. Declarou ser sobrinha e afilhada do Padre Rafael Antônio de Barros, e que devia 200\$000 ao Padre Inácio Francisco do Amaral. Por sua morte fez-se inventário em 6 de fevereiro de 1839 na cidade de São Paulo, em casas de morada do Juiz de Órfãos o Dr. Inácio José de Araújo, tendo sido escrivão Francisco José de Castro.¹³⁴

¹³⁴ Poder Judiciário de São Paulo. Juízo de Direito da 1.ª Vara da Família e Sucessões. Processo n.º 961, ano 1839.

De acordo com os assentos de óbitos da freguesia da Cotia, D. Ana Leme de Barros faleceu em 3 de novembro de 1838, conforme segue (fls. 89 do respectivo livro):

D. Ana Leme de Barros

Aos três de Novembro de mil oitocentos trinta e oito anos no Bairro de liscuma vizinho digo sobre o Rio da Cotia desta freguesia faleceu com todos os sacramentos D. Ana de Barros Leme solteira de oitenta e oito anos filha do Capitão Francisco Soares de Barros e de Luzia Leme de Barros, era natural desta, fez testamento declarando em dito testamento que a Imagem da Senhora do Rosário com todos os seus paramentos e alfaias fosse recolhida para esta Matriz que assim tinha determinado no seu testamento o Padre Rafael Antônio de Barros de quem ela foi herdeira: envolta em o hábito de São Francisco, conduzida em caixão acompanhada por todas as cruces das Irmandades, e cinco sacerdotes cantaram por sua alma cinco Mementos, fez-se ofício solene Missa Cantada, foi recomendada, e sepultada dentro desta Matriz acima das grades em uma das sepulturas da Irmandade do Santíssimo.

O Vigário José Manuel d'Oliveira

De acordo, ainda, com declarações do inventariante, D. Ana sempre se conservou no estado de solteira e nesse estado faleceu, tendo deixado cinco filhos naturais, que os reconheceu em seu testamento, a saber:

- 1 (VIII)- SARGENTO-MOR JOSÉ SOARES DE CAMARGO¹³⁵, já defunto em 1839, que deixou os seguintes filhos, ao menos:
 - 1 (IX)- RITA DE CÁSSIA, já defunta.
 - 2 (IX)- ANA SOARES, de 22 anos de idade em 1839. Solteira, que vivia em companhia de sua mãe ANA JOAQUINA DAS DORES, moradores na freguesia de Ibiúna.
- 2 (VIII)- FELIZARDA MARIA FÊNIX DE PAULA, que segue.
- 3 (VIII)- LUZIA MARIA DAS DORES, viúva de ESTÊVÃO DIAS BUENO, moradora no distrito de Ibiúna, pertencente à vila de São Roque. Era mãe de PACÍFICO JOSÉ SOARES e de ANA SOARES DE MEDELA, mulher de MESSIAS HENRIQUE SOARES, que assinou pela sogra no inventário de D. Ana Soares de Barros.
- 4 (VIII)- ANA FRANCISCA DE BARROS, ou Ana Francisca dos Passos. Casou-se com MANUEL INÁCIO DE ABREU, moradora no sítio da inventariada. Com geração.

¹³⁵

O apelido *Camargo* não vinha por parte materna, o que sugere que o pai de José Soares de Camargo poderia ser dos Camargos de Cotia.

5 (VIII)- RITA MARIA DE CÁSSIA, natural da freguesia de Cotia, onde foi batizada em 16 de junho de 1788 (fls. 35v). Foi exposta em casa de D. Luzia Leme de Barros, tendo sido achada (como consta do assento de seu batizado) por Francisco Soares na noite do dia 6. Foram seus padrinhos o Padre Rafael Antônio de Barros (através de Manuel Soares de Campos) e Ana de Barros, solteira, filha do Capitão Francisco Soares e freguesa de São Roque. Rita Maria vivia concubinada com ÂNGELO JOSÉ SOARES; fizeram pedido de dispensa matrimonial no ano de 1804, por serem primos-irmãos.¹³⁶ Ele foi batizado em 29 de abril de 1778 na matriz de Nossa Senhora da Penha de Araçariguama, filho de Bento Soares de Campos (acima citado) e de sua mulher D. Maria Isabel. Ângelo José e Rita Maria já eram defuntos em 1839. Tiveram o seguinte filho:

3 (IX)- JOSÉ ÂNGELO SOARES, de 34 anos de idade, solteiro, morador no sítio da inventariada, D. Ana Soares de Barros.

VIII- FELIZARDA MARIA FÊNIX DE PAULA, também falecida em 1839. Teve as seguintes filhas (naturais):

1 (IX)- MARIA PORFÍRIA. Casou-se com ANTÔNIO VIEIRA DE CAMARGO.

2 (IX)- MARIA DO Ó, que segue.

IX- MARIA DO Ó, já defunta em 1839. Casou-se em 14 de agosto de 1835 na freguesia da Cotia (fls. 69v), mais exatamente na Fazenda de Carapicuíba, com o ALFERES FRANCISCO RODRIGUES CÉSAR. Deve-se observar que o casamento ocorreu quando já tinham vários filhos. Ele era filho do Coronel José Joaquim Mariano da Silva César (falecido em 20 de setembro de 1814 na cidade de São Paulo, na paróquia da Sé, fls. 161v) e de sua mulher (casados em 1776 em São Paulo) Maria Francisca da Anunciação.¹³⁷ Neto paterno de Inácio Xavier César e de sua mulher Escolástica da Silva Bueno.¹³⁸ Foram pais de (conforme o inventário de D. Ana Soares de Barros, e a obra de Silva Leme):

¹³⁶ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 7-40-2925, fls. 5-22.

¹³⁷ LEME, Luís Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*. Volume VII: Garcias Velhos, p. 425.

¹³⁸ BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Francisco César de Miranda: identificação de um tronco paulistano*. In *Revista da ASBRAP* n.º 14, p. 242.

- 1 (X)- JOSÉ JOAQUIM CÉSAR, de 18 anos em 1839, solteiro, que vivia com seu pai. Faleceu solteiro, segundo Silva Leme.
- 2 (X)- ANTÔNIO RODRIGUES CÉSAR, de 14 anos em 1839. Faleceu solteiro, segundo Silva Leme.
- 3 (X)- ANA FRANCISCA CÉSAR, de 9 anos em 1839. Casou-se, primeira vez, com o inglês JOÃO HOMELL RUDGE, falecido em 4 de novembro de 1861 na freguesia da Cotia (óbito lançado na Sé de São Paulo, fls. 24v), e segunda vez com LUÍS DE FRANÇA VARELA (viúvo de D. Batistina Zeferina Soares), com geração dos dois maridos. Do primeiro casamento nasceu EULÁLIA CÉSAR RUDGE, batizada em 14 de junho de 1859 na Sé de São Paulo, com 25 dias. Casou-se, tendo feito banhos no ano de 1876, na cidade de São Paulo, com o português ABÍLIO DOMINGUES SOARES, mais conhecido por Abílio Soares.¹³⁹ Ele foi capitalista e vereador na cidade de São Paulo, nascido em 16 de dezembro de 1851 em Vila Nova de Gaia, onde foi batizado em 28 do mesmo mês.¹⁴⁰ Abílio era filho de Jerônimo Domingues Soares e de Maria da Conceição (já falecida à época do casamento de seu filho), moradores na rua das Palhacinhas; neto paterno de Domingos Soares e de Maria Rosa, naturais de São Vicente de Louredo; neto materno de Joaquim José de Pinho, natural de Milheiros de Poares, e de Rita de Cássia, da dita freguesia de Vila Nova de Gaia.
- 4 (X)- RAIMUNDO SOARES CÉSAR, de 8 anos em 1839. Faleceu solteiro, segundo Silva Leme.

§ 4

- VI- D. PAULA DA COSTA, filha de Roque Soares Medela, do § 2 n.º V. Batizada em 9 de outubro de 1707 na freguesia da Cotia, tendo sido seus padriños o Capitão Domingos Dias da Silva e Inês Domingues. Casou-se em 15 de dezembro de 1721, na freguesia da Cotia, com o português FILIPE DE SANTIAGO DINIZ, nascido cerca de 1694, familiar do Santo Ofício, que

¹³⁹ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 12-70-8356, fls. 7-18.

¹⁴⁰ Segundo Silva Leme, Abílio Soares detinha, em seu poder, um trabalho genealógico que recebera dos antepassados de sua mulher, escrito em princípios do século XVIII por um filho do Capitão Diogo Gonçalves Moreira. LEME, Luís Gonzaga da Silva. *Op. cit.*, Vol. I: Introdução, p. 45.

recebeu carta de familiar em 21 de março de 1717, ainda solteiro.¹⁴¹ Era natural da freguesia de São Nicolau da cidade de Lisboa, mercador, filho de Antônio Diniz da Cruz, da freguesia de São Pedro da mesma cidade, e de Maria da Fonseca, da freguesia de Santo Antônio do Faial, termo da mesma cidade; neto paterno de Manuel Gonçalves Diniz e de Bárbara Dias; neto materno de Antônio da Fonseca, o "Langinho" e de Margarida João. Foram testemunhas do casamento o Dr. Rafael Pires Pardinho e o Tenente-General Antônio Cardoso dos Santos. Tomaram as bênçãos a 13 de janeiro seguinte, tendo sido vigário o Padre Salvador Garcia Pontes.

Paula da Costa casou-se com Filipe de Santiago, já familiar do Santo Ofício, sem se habilitar antes do matrimônio.¹⁴² Em 10 de novembro de 1722, na cidade de São Paulo, bispado do Rio de Janeiro, em suas casas de morada, o Padre Antônio Aranha, da Companhia de Jesus, reitor do Colégio da dita cidade, apresentou uma ordem do Tribunal do Santo Ofício para se fazer inquirição sobre a qualidade de sangue e procedimentos de Paula da Costa.

Servindo Antônio Aranha de comissário e o Padre Luís de Albuquerque de escrivão, foram ouvidas diversas testemunhas em novembro de 1722 na cidade de São Paulo. Foram selecionadas as seguintes informações, da ascendência de Paula da Costa:

- Os pais da habilitanda, Roque Soares e sua mulher Ana de Barros eram moradores na cidade de São Paulo, onde tinham casa e habitação, e também na freguesia da Cotia, onde tinham suas lavouras, dos quais viviam, como também de mandar carregações às Minas do Ouro. Sobre o pai, Roque Soares Medela, uma testemunha disse que “supunha ser de limpa geração por haver sido religioso leigo da Companhia de Jesus”, que fazia 6 anos que ele tentava casar a filha.¹⁴³ Outra testemunha (o Reverendo Padre João de Pontes, visitador na cidade de São Paulo e nela vigário da Vara, sacerdote do hábito de São Pedro, de 68 anos de idade) declarou que “a Roque Soares Medela conheceu sendo religioso leigo da Companhia que lhe parece serão, e haverá vinte anos, e que depois de expulso da mesma companhia, que casou nesta terra haverá pouco mais ou menos dezoito anos”. Outra testemunha

¹⁴¹ IAN/ Torre do Tombo. Habilitação ao Santo Ofício. Maço n.º 2, diligência n.º 36.

¹⁴² IAN/ Torre do Tombo. Habilitações incompletas (Santo Ofício). Mç. 36, doc. 13.

¹⁴³ Informação sem nenhum sentido. Sua filha casou-se com apenas 14 anos de idade!..

- disse que ouviu falar a um Antônio de Sousa, vendilhão na cidade de São Paulo, que Roque Soares teria sangue de cristão-novo;
- Os avós paternos da habilitanda não eram conhecidos, por não terem morado em São Paulo;
 - Sobre o avô materno, Diogo da Silva, que era natural das partes de Portugal; para outra testemunha era natural de Lisboa, onde vivia do ofício de espadeiro, e em São Paulo vivia de suas lavouras. Outras testemunhas disseram que ele, a princípio, tivera o ofício de espadeiro na cidade de São Paulo;
 - Sobre a avó materna, Paula da Costa, mulher de Diogo da Silva, era natural da cidade de São Paulo. Ela era irmã do Padre João Gonçalves da Costa;
 - Sobre o bisavô materno materno, Domingos Gonçalves, das partes de Portugal, que tinha o ofício de alfaiate na cidade de São Paulo, era dado a tomar vinho e, por esse motivo, perdia o juízo. Uma testemunha disse que o viu caído à porta de sua casa. Teria morrido havia mais de 35 anos, outro disse que havia morrido havia cerca de 20 anos;
 - Sobre a bisavó materna materna, Isabel da Costa, mulher de Domingos Gonçalves, natural e moradora na cidade de São Paulo, que depois de viúva vivia de costurar e de tingir roupas na cidade de São Paulo. Havia suspeitas que Isabel da Costa não era fiel ao seu marido, fazendo adultério ao marido com vários homens, mas não com escândalo e publicidade, e que o filho de Isabel da Costa, o Padre João Gonçalves da Costa, era filho de João Corrêa (este filho de Salvador Corrêa de Sá) e não de seu marido Domingos Gonçalves. Uma testemunha disse que Isabel da Costa teria alguma raça e casta de mulato, mas não sabia em que grau. Isabel da Costa teria morrido havia 4 anos;
 - Praticamente unânime que todos os antepassados da habilitanda Paula da Costa eram cristãos-velhos.

As inquirições em São Paulo, no colégio dos jesuítas, foram concluídas em 10 de janeiro de 1723. Pouco antes, em 9 de dezembro de 1722, o comissário dessa inquirição, Padre Antônio Aranha, julgou a habilitanda cristã-velha. Sobre uma testemunha dizer que esta geração vinha de judeu, entendia que foi dito sem fundamento, porque todas disseram que era limpa. Entendia que a habilitanda teria sangue de mulato, mas em grau tão remoto que não se sabia distintamente e que as gentes inquiridas

...

... tinham raça de mulato era por razão de um parente, que tinham adeito, e trigueiro, e que daqui tivera o fundamento de se dizer que tinham as inquiridas raça de mulato.

Filipe faleceu a 14 de dezembro de 1754 e sua mulher D. Paula a 18 de agosto de 1765, ambos em Cotia, e sepultados na igreja do Carmo em São Paulo. Foram pais de (única?):

- VII- D. RITA DA FONSECA DINIZ, ou Rita da Fonseca de Jesus. Nasceu em 1.º de outubro de 1723 em Cotia, onde foi batizada em 10 do mesmo mês (Livro 1.º de batismos da freguesia da Cotia, fls. 45v). Padrinhos: Francisco da Silva Medela, solteiro e Ana de Barros, casada. Rita casou-se em 7 de janeiro de 1755 na matriz da freguesia da Cotia (fls. 22v) com o CAPITÃO MANUEL DE OLIVEIRA DE CARVALHO, sendo testemunhas o Capitão Francisco Soares de Barros e o Guarda-Mor Salvador Marques. Manuel de Oliveira de Carvalho nasceu em 8 de julho de 1714, tendo sido batizado a 10 do mesmo mês e ano na freguesia de São Salvador de Bouças de Matozinhos, comarca da Maia, bispado do Porto, filho de Paulo de Oliveira de Carvalho e de sua mulher Ana da Silva, já defunta em 1754. Era neto paterno de Rafael de Góis, natural da freguesia de Palmas, comarca de Bemposta, bispado de Coimbra, e de Maria do Souto, natural da freguesia e Couto de Cucujães, comarca da Feira; neto materno de Domingos Gonçalves, da freguesia de São Cristóvão de Mafamede (também conhecida por Mafamude), comarca do Porto, junto de Gaia, e de Isabel Antônia, da dita freguesia de Bouças de Matozinhos.

Antes de se casarem, promoveram banhos.¹⁴⁴ No depoimento do orador, disse que saiu de sua terra aos 20 anos de idade, tendo embarcado da cidade do Porto para a cidade do Rio de Janeiro, onde demorou dois meses e embarcou para as Minas de Goiás, onde foi levar moleques escravos e sem demora os vendeu, tendo retornado à cidade do Rio de Janeiro. A partir de então viveu desse comércio. Em Goiás teve residência na freguesia do Sr. Bom Jesus da Anta. De seu, possuía 32 mil cruzados. Era solteiro, livre e desimpedido. De Portugal, Manuel Ferreira da Costa Sa-boia, protonotário Apostólico de Sua Santidade, Juiz dos Casamentos, etc., da cidade do Porto, certificou que publicou, por três dias festivos, como era praxe, os banhos dos oradores, sem resultar impedimento algum. Da mesma maneira, referente ao tempo em que o orador esteve em Goiás, certificou o Dr. João Lopes França, vigário da Vara e Juiz das Justificações, Casamentos, Dispensas, Capelas e Resíduos da Vila Boa da Senhora Santana de Goiás e sua comarca, que o orador havia cumprido as obrigações de bom cristão.

Foram pais de (único?):

¹⁴⁴ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 4-58-379, fls. 1-26v, ano de 1754.

- VIII- MANUEL JOAQUIM DE OLIVEIRA, batizado em 24 de dezembro de 1764 na matriz de Cotia (Livro 4.º de batismos, fls. 59). Foram seus padrinhos o Padre Rafael Antônio de Barros e Paula da Costa, dona viúva, fregueses de Cotia. Manuel Joaquim faleceu em 25 de dezembro de 1817 em Santos, estando em praça de soldado no regimento de caçadores da dita vila, de moléstia incógnita e repentina, sem sacramentos, casado, tendo sido sepultado na matriz de Santos.

Por morte de Manuel Joaquim de Oliveira, que faleceu *ab intestato*, seus parentes, a seguir nomeados, abriram, em 9 de agosto de 1820, na cidade de São Paulo, um processo para receber a herança, por serem seus parentes mais próximos, na forma das Leis do Reino.¹⁴⁵ Habilitaram-se à herança o Padre Roque Soares de Campos; o Capitão Bento Soares de Campos; João Soares de Barros; D. Ana Leme de Barros (ou D. Ana Medela); D. Escolástica Neboa de Medela (que eram representadas pelas suas filhas D. Maria do Monte Carmelo e D. Mafalda Maria dos Prazeres); os cinco filhos do Capitão Francisco Soares de Medela; o Padre Fernando Lopes de Camargo; Custódio Soares de Camargo; D. Brígida Soares de Camargo; D. Maria Joaquina de Camargo (que foi batizada com o nome de Paula); D. Maria Gertrudes de Camargo (a quem representam suas filhas D. Gertrudes Leocádia e D. Manuela, mulher do Tenente-Coronel Manuel Fernandes de Andrade); e os cinco filhos do Capitão Inácio Soares de Barros.

§ 5

- VI- D. MARIA DE MEDELA, filha de Roque Soares Medela, do § 2 n.º V. Casou-se a 14 de maio de 1737 na matriz de Nossa Senhora do Monserrate em Cotia com o CORONEL JOÃO COELHO DUARTE, natural da freguesia de Santo Estevão de Vilela, bispado do Porto, Portugal, filho de Domingos Duarte e de Ângela Coelho. Falecendo D. Maria de Medela a 16 de agosto de 1743 em São Paulo, o Coronel João casou-se segunda vez com D. Maria Leite Lumbria, batizada em 1724 na Sé de São Paulo, também com geração.¹⁴⁶ João Coelho Duarte faleceu a 16 de fevereiro de 1755 em São Paulo, e D. Maria Leite casou-se novamente em 1758 em Santana de Par-

¹⁴⁵ Arquivo Público do Estado de São Paulo. N.º de ordem: CO 5391. Provedoria Geral. Documento n.º 12, da Provedoria dos Ausentes.

¹⁴⁶ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo de dispensa matrimonial n.º 4-25-150, fls. 24 em diante, de João Coelho Duarte e Maria Leite. Ano de 1745.

naíba com Antônio Vaz Pinto Ribeiro, que faleceu a 14 de abril de 1806 em São Paulo.

O Coronel João Coelho Duarte foi dois primeiros povoadores do arraial de Apiaí. Também residiu em Juqueri (atual cidade de Mairiporã) e na freguesia da Cotia.

D. Maria de Medela e o Coronel João Coelho Duarte tiveram dois filhos:

1 (VII)- ÂNGELA COELHO DUARTE. Nasceu cerca de 1738 no arraial das Minas de Apiaí, tendo sido batizada na igreja de Santo Antônio, pelo Tenente-Coronel Manuel Cordeiro, que representou o Sargento-Mor Roque Soares Medela e Ana de Barros, avós da batizanda; era vigário o Padre João Monteiro. Casou-se em 25 de maio de 1766 na matriz da freguesia da Cotia (fls. 94v) com o LICENCIADO JOÃO CORRÊA DA SILVA, cirurgião, falecido em 1784, filho de Antônio Gomes e de Maria Corrêa, de Portugal. Com geração.

João Corrêa da Silva nasceu na freguesia da vila de São Miguel do Outeiro, bispado de Viseu, filho de Antônio Gomes e de sua mulher Maria Corrêa da Silva; neto paterno de João Gomes e de Ana Lourenço, naturais da vila de São Miguel do Outeiro; neto materno de João Francisco da Silva e de Luiza Francisca, naturais da mesma vila.

Antes de se casarem, houve processo de banhos.¹⁴⁷ Os pais da oradora já eram falecidos, razão pela qual pertenciam a ela 20 escravos, mais a legítima de seu pai. Ela prestou depoimento na freguesia da Cotia, em 12 de maio de 1766, sendo ouvida pelo reverendo Vigário Salvador de Camargo Lima. Alegou que Cotia era muito distante da cidade de São Paulo.¹⁴⁸ Ela declarou que, com um ou dois anos, acompanhando seu pai, foi de Apiaí para Cotia, e dali para Mairiporã, onde permaneceu 8 ou 9 anos.

O depoimento do orador, o Licenciado João Corrêa da Silva, foi feito em 29 de abril de 1766 na cidade de São Paulo. Declarou ter 28 para 29 anos de idade. Com apenas 15 anos de idade passou de sua terra para a cidade de Lisboa, onde assistiu um ano na freguesia de Santa Isabel e dali voltou para sua fre-

¹⁴⁷ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 5-6-733, fls. 29-70v, ano de 1766.

¹⁴⁸ Hoje, sem trânsito, é possível ir de Cotia para São Paulo em menos de uma hora, de automóvel...

guesia natal. Ficou mais dois anos em Outeiro, quando retornou para a cidade de Lisboa, tendo assistido na mesma freguesia, a aprender o ofício de cirurgião. De Lisboa embarcou para a cidade do Rio de Janeiro (no ano de 1759, segundo testemunhas), de onde, sem demora, passou para a cidade de São Paulo, onde exercia o ofício de cirurgião. Duas testemunhas que o conheciam de Portugal foram ouvidas na cidade de São Paulo. Uma foi o Reverendo Dr. Manuel de Oliveira Coronel, presbítero do hábito de São Pedro, que vivia do exercício de suas ordens e do ofício de advogado dos Auditórios da cidade de São Paulo, de 36 anos de idade. Ele disse que conhecera ao orador na dita freguesia de São Miguel do Outeiro, quando ali esteve e se demorou alguns meses entre os anos de 1752 e 1753. Outra testemunha foi o Dr. José Corrêa da Silva, natural da mesma freguesia de São Miguel do Outeiro, morador na cidade de São Paulo, onde vivia de ser advogado dos Auditórios dos Juízos dela, de 45 anos de idade. Era parente consanguíneo do orador, do terceiro para o segundo grau. Além de conhecer bem ao orador, declarou, inclusive, que lera algumas cartas recebidas pelo orador de seus parentes. Afirmou, ainda, que o Desembargador Gregório Dias lhe deu carta de recomendação.¹⁴⁹ Em 10 de maio de 1766 foi julgado solteiro, livre e desimpedido.

2 (VII)- CAPITÃO JOÃO COELHO DUARTE. Nasceu cerca de 1739 nas Minas de Santo Antônio de Apiaí. Casou-se em 3 de fevereiro de 1761 na matriz da freguesia da Cotia (fls. 53v) com MARIA DA ROCHA DE CAMARGO, filha do Capitão Pedro da Rocha de Sousa, natural da freguesia de Santana de Parnaíba, e de sua mulher Benta Paes de Camargo, natural da freguesia da Cotia, sendo viúvo o Padre Salvador de Camargo Lima.¹⁵⁰ Com geração.

Por serem parentes no 4.º grau misto com o 3.º, pediram dispensa matrimonial.¹⁵¹ O orador, João Coelho Duarte, quis justificar que nasceu nas Minas de Apiaí e que, sendo menor de 7

¹⁴⁹ O Desembargador Gregório Dias da Silva era seu conterrâneo, também natural de São Miguel de Outeiro. Veja-se, nesta revista, o artigo *Família Mendes de Almeida, e seus afins no Brasil*, § 6 n.º IV.

¹⁵⁰ BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral; FARIA, Rui Jerónimo Lopes Mendes de. *Cantos e Rochas, de Guimarães, São Gens e Santana de Parnaíba*. In *Revista da ASBRAP* n.º 21, p. 279.

¹⁵¹ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 4-75-541, fls. 45-57v, ano de 1761.

anos passou a viver na freguesia da Cotia e na cidade de São Paulo, onde aprendeu a ler e andou no estudo. E que era solteiro, livre e desimpedido. Foram dispensados em 31 de janeiro de 1761.

Maria da Rocha foi batizada em 8 de abril de 1747 na Sé de São Paulo (fls. 149), tendo sido seus padrinhos Tomás Lopes de Camargo (avô materno), casado, da freguesia da Cotia, e Helena Machado (avó paterna), viúva, da freguesia da Sé de São Paulo. Maria da Rocha faleceu em 2 de agosto de 1799 na freguesia da Cotia, no bairro de Aguaçaí, sem testamento, constando que falecera tuberculosa. Por morte de Maria da Rocha de Camargo se fez inventário de seus bens, aberto em 23 de julho de 1800 na vila de Santana de Parnaíba.¹⁵² Foi declarante o viúvo, Capitão João Coelho Duarte. Entre outros bens, foi avaliado um sítio, com suas terras, casas de telha, paredes de mão, de três lanços, com 5 portas e 3 janelas (avaliado em 183\$000), e 10 escravos. Não fizera testamento. Das dívidas que tinha a fazenda, lançou-se uma na qual se devia aos herdeiros da defunta D. Benta de Camargo Pais.

§ 6

Alguns Medelas, de Barcelos, estudados por Felgueiras Gayo¹⁵³

¹⁵² Arquivo n.º 1.

¹⁵³ Santa Casa de Misericórdia de Barcelos - Não se sabe quem foi o Conde, se Manuel José da Costa Felgueiras Gayo - retrato existente na Santa Casa de Misericórdia de Barcelos (cópia efetuada pelo autor deste artigo)



do d

os. F
dela

Fachada da Santa Casa de Misericórdia de Barcelos (fotografia tirada pelo autor em abril de 2015)

- I- ANTÔNIO AFONSO e ISABEL FERNANDES foram pais de, ao menos:
- II- MARIA FERNANDES MEDELA. Casou-se com DOMINGOS GONÇALVES RATES, filho de João Gonçalves e de Catarina Pires. Foram pais de:¹⁵⁴
- 1 (III)- CÔNEGO JOÃO DE MEDELA, que segue no § 7.
 - 2 (III)- MARIA GONÇALVES, que segue.
 - 3 (III)- MANUEL FERNANDES DE MEDELA Casou-se, na freguesia de São João de Vila Boa, com MARIA ANTÔNIA. Com geração.
 - 4 (III)- JERÔNIMA GONÇALVES DE MEDELA Casou-se com MANUEL DE FARIA DA CRUZ. Com geração.
 - 5 (III)- CATARINA DE MEDELA.
 - 6 (III)- TOMÉ DE MEDELA. Casou-se com MARIA GONÇALVES ou Maria Gomes. Faleceram com inventário aberto em Barcelos. Com geração.
 - 7 (III)-, casado em Braga.
- III- MARIA GONÇALVES, natural da vila de Barcelos. Foi a segunda mulher de MARTINHO RODRIGUES, com quem se casou em 11 de abril de 1644, ambos viúvos.¹⁵⁵ Ele era sapateiro, igualmente natural da vila de Barcelos, filho de Belchior Fernandes e de Catarina Rodrigues (depois casou-se com Pedro João), ambos naturais de Barcelos. Foram pais de:
- 1 (IV)- PADRE MARTINHO RODRIGUES, vigário de Guiras [?].

¹⁵⁴ Felgueiras Gayo entendeu que era filho deste casal: André Gonçalves, marido de Ângela de Medela, do § 1 n.º III. Talvez não tenha sido o responsável pelo equívoco. Como Felgueiras Gayo sabia com quem Roque Soares Medela casou-se e inclusive o nome de alguns filhos e netos, é bem possível que a informação que tenha chegado a ele tenha sido passada por um membro da família de Roque, interessado na herança a receber, ou de algum genealogista inescrupuloso que teria interesses escusos.

¹⁵⁵ Livros da Colegiada de Barcelos.

- 2 (IV)- PASCOAL RODRIGUES, que segue.
- 3 (IV)- JOÃO RODRIGUES. Casou-se com FRANCISCA RODRIGUES. Pais, entre outros, do PADRE JOSÉ RODRIGUES DE MEDELA, beneficiado da cidade do Porto, o qual deixou geração.
- 4 (IV)- MARIA RODRIGUES Casou-se com FRANCISCO GRANJEIRO. Pais, entre outros, do PADRE MANUEL RODRIGUES, que passou para o Brasil e deixou uma filha natural.
- 5 (IV)- GRÁCIA COELHO DE MEDELA Casou-se em Santa Maria do Abade com PEDRO MONTEIRO. Com geração.
- IV- PASCOAL RODRIGUES. Natural da vila de Barcelos. Casou-se com HELENA RIBEIRO, e foram moradores no arrabalde da Cruz e na rua da Calçada. Ela era filha de Álvaro da Silva e de Grácia Coelho, ambos naturais da vila de Barcelos. Foram pais de:
- 1 (V)- INÁCIO DA SILVA MEDELA, que segue.
- 2 (V)- ANTÔNIO DA SILVA MEDELA. Casou-se com MARIA DA ESPERANÇA. Foram pais de:
- 1 (VI)- DR. JOÃO ANTÔNIO DA SILVA E MEDELA. Casou-se na vila de Barcelos com D. ANA BERNARDA XAVIER DA COSTA. Com geração.
- 2 (VI)- PADRE MESTRE DIOGO JOSÉ, professo na Companhia de Jesus.
- V- INÁCIO DA SILVA MEDELA, batizado em 4 de agosto de 1672 na vila de Barcelos. Casou-se na cidade do Rio de Janeiro, em 7 de janeiro de 1704 (Sé, 3.º, fls. 83), com MARIA DE ALMEIDA, de quem não lhe ficou filho algum. Maria de Almeida era filha do português Francisco de Almeida Jordão e de sua mulher, a carioca Helena de Faria.¹⁵⁶
- Habilitou-se ao Santo Ofício, tendo obtido carta de familiar em 16 de janeiro de 1731.¹⁵⁷ Foi grandioso devoto e benemérito do Bom Jesus da Cruz, na vila de Barcelos.¹⁵⁸ Francisco da Silva Braga, em 1781, habilitou-se à herança de Inácio da Silva Medela.¹⁵⁹

¹⁵⁶ Vide, nesta revista, o artigo: *Família Mendes de Almeida, e seus afins no Brasil*.

¹⁵⁷ IAN/ Torre do Tombo. Habilitação ao Santo Ofício. Inácio. Mç. 4, doc. 65.

¹⁵⁸ PEREIRA, Domingos José. *Memória histórica da vila de Barcelos, Barcelinhos, Vila Nova de Famalicão*. Viana, Portugal: Tipografia de André J. Pereira & Filho, 1867, pp. 82-84.

¹⁵⁹ IAN/ Torre do Tombo. Feitos Findos. Juízo da Índia e Mina. Justificações Ultramarinas. Brasil. Mç. 9, doc. 7.

§ 7

- III- CÔNEGO JOÃO DE MEDELA, filho de Maria Fernandes Medela, do § 6 n.º II. Foi comissário do Santo Ofício.¹⁶⁰ Era cônego da Colegiada de Barcelos. Recebeu provisão de notário em janeiro de 1666. Foram pais de:
- 1 (IV)- ANTÔNIA DE MEDELA, que segue.
 - 2 (IV)- JACINTO CORRÊA DE MEDELA. Casou-se em Belmonte com CATARINA DE MATOS. Foram pais, entre outros, do REVERENDO DR. MANUEL CORRÊA DE MEDELA.
- IV- ANTÔNIA DE MEDELA. Casou-se com JOÃO ÁLVARES PEREIRA e foram moradores na rua dos Loureiros, na vila de Barcelos. Foram pais de:
- 1 (V)- PADRE MANUEL ÁLVARES PEREIRA DE MEDELA.
 - 2 (V)- MARIA PEREIRA DE MEDELA. Segue.
 - 3 (V)- ISABEL PEREIRA DE MEDELA. Casou-se com FRANCISCO ALVES. Com geração, aparentemente extinta.
 - 4 (V)- JOÃO DE MEDELA. Casou-se no lugar de Gandra, freguesia de São Jorge de Airó, com DIONÍSIA BARBOSA. Pais, entre outros, do PADRE JOSÉ BARBOSA DE MEDELA.
 - 5 (V)- VITÓRIA DE MEDELA, solteira.
- V- MARIA PEREIRA MEDELA (nasceu na rua do Loureiro, na vila de Barcelos). Casou-se em 10 de janeiro de 1701 na freguesia de Santa Maria Maior (fls. 42), vila de Barcelos, com MANUEL RODRIGUES MARQUES, citado por Felgueiras Gayo como Manuel Martins Marques. Era oficial de ferreiro, e também natural da vila de Barcelos, filho de João Rodrigues e de sua mulher Maria Antônia (e não Antônia Rodrigues, como constou do assento). Manuel Rodrigues e sua mulher Maria Pereira foram moradores junto ao Espírito Santo, na vila de Barcelos, e foram pais de:
- 1 (VI)- PADRE MANUEL PEREIRA DE MEDELA. Teve, de uma moça da freguesia de Adães, chamada Francisca Fernandes:
 - 1 (VII)- ANTÔNIO JOSÉ FERNANDES DE MEDELA. Casou-se com GERTRUDES DE OLIVEIRA, com geração.
 - 2 (V)- MARIA JOSEFA DA PIEDADE, recolhida no Menino Deus.
 - 3 (V)- JOÃO PEDRO ÁLVARES PEREIRA, que segue.
 - 4 (V)- DR. ANTÔNIO PEREIRA DE MEDELA, que segue no § 8.

¹⁶⁰ IAN/ Torre do Tombo. Letra J, mç. 9, doc. 302 (ou 502). Seu processo de familiatura encontra-se em mau estado, motivo pelo qual não vem à mesa de consulta. Foi consultado o resumo na sala dos índices da Torre do Tombo.

- V- JOÃO PEDRO ÁLVARES PEREIRA. Casou-se em Lisboa com MARIA VIOLANTE DE SOUSA. Foram pais de:
- 1 (VI)- JOAQUINA JOSEFA PEREIRA DE MEDELA.
 - 2 (VI)- LEOCÁDIA EUGÊNIA PEREIRA DE MEDELA.
 - 3 (VI)- NUNO ÁLVARES PEREIRA DE MEDELA.
 - 4 (VI)- DOROTÉIA INÁCIA PEREIRA DE MEDELA.
 - 5 (VI)- FELÍCIA XAVIER PEREIRA DE MEDELA.
 - 6 (VI)- GERTRUDES JOSEFA PEREIRA DE MEDELA.
 - 7 (VI)- FLORÊNCIO JOSÉ.
 - 8 (VI)- LEONOR JOSEFA ou LUDOVINA.
 - 9 (VI)- DELFINA JOAQUINA DE AMORIM MEDELA. Casou-se com JOÃO GOMES RIBEIRO, filho de João Gomes Leitão, da freguesia de Freixomil, termo de Barcelos, e de sua mulher Maria Martins.

§ 8

- V- DR. ANTÔNIO PEREIRA MEDELA. Filho de Maria Pereira de Medela, do § 6 n.º IV. Médico, natural da vila de Barcelos. Foi recebido em 5 de setembro de 1747 na Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Vila do Conde.¹⁶¹ Casou-se em 10 de novembro de 1745, na freguesia de São João Batista de Vila do Conde (fls. 44v), com FRANCISCA MARIA DE JESUS, natural de Vila do Conde, filha de Domingos Gonçalves Amorim, natural da freguesia de Santiago de Amorim, da aldeia Abelmar, e de sua mulher (casados em 5 de outubro de 1699 em Vila do Conde, fls. 12v) Ângela Fernandes Peixoto, ou Ângela de Faria Peixoto, natural de Vila do Conde, já defuntos, moradores na rua Nova, em Vila do Conde. Domingos Gonçalves (depois incorporou o apelido Amorim) era filho de Antônio Gonçalves e de sua mulher Justa Francisca. Ângela de Faria era viúva de Francisco Vieira de Azevedo, e filha de Frutuoso Gonçalves e de sua mulher Susana Gonçalves.¹⁶² No assento de casamento do Dr. Antônio Pereira Medela, ao lado consta: certidão ao Padre José Antônio de Amorim Medela, de Vila do Conde, em 26 de maio de 1815. O Dr. Antônio Pereira e sua mulher residiram na rua Nova, em Vila do Conde, e foram pais de:
- 1 (VI)- MANUEL JOAQUIM.
 - 2 (VI)- LUÍS JOSÉ AMORIM MEDELA, que segue.

¹⁶¹ *Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde*. Um legado, 1510-1975. Vila do Conde: Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, [2010], p. 404.

¹⁶² Domingos Gonçalves Amorim tornou-se irmão da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde em 27 de junho de 1700. *Apud Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde*. Um legado, 1510-1975. Vila do Conde: Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, [2010], p. 366.

- 3 (VI)- PADRE DR. JOSÉ ANTÔNIO DE AMORIM MEDELA. Bacharel formado nos Sagrados Cânones da Universidade de Coimbra. Nasceu em 11 de setembro de 1751 em Vila do Conde, tendo sido batizado em 19 do mesmo mês, na igreja matriz de São João Batista (fls. 294). Habilitou-se de *genere et moribus* no ano de 1772 no arcebispado de Braga.¹⁶³ Recebido em 26 de novembro de 1775 na Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, com esmola de 1600 réis para ficar livre dos encargos dos mais irmãos sacerdotes.¹⁶⁴ Em 3 de agosto de 1826, da cidade de Lisboa, passou-se provisão régia, dando licença à Misericórdia de Vila do Conde para aceitar o legado de 4.000.000 de réis que lhe foi deixado pelo Padre José Antônio de Amorim Medela, para uma capela.¹⁶⁵

¹⁶³ Arquivo Distrital de Braga. Processos de habilitação sacerdotal. Pasta 22301, ano de 1772.

¹⁶⁴ *Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde. Um legado, 1510-1975. Vila do Conde: Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, [2010], p. 408.*

¹⁶⁵ IAN/TT. *Chancelaria de D. Pedro IV, Doações, Ofícios e Mercês, livro 6, fls. 61.*



Padre José Antônio de Amorim Medela
Retrato existente no salão nobre da Santa Casa de Misericórdia de Vila do Conde
(gentileza da mesma Santa Casa)

- VII- LUÍS JOSÉ AMORIM MEDELA, que se casou, em 25 de novembro de 1771, na freguesia de São João Batista de Vila do Conde, com D. MARIA JOANA PEREIRA SOARES, de Vila do Conde, filha de João Crisóstomo Pereira Rego e de Maria Rosa Soares.

§ 29

Medelas desentroncados, de Barcelos

- I- JERÔNIMO GOMES MEDELA e MARIA DE AMARAL foram pais de, ao menos:
- II- MANUEL GOMES DE AMARAL, natural da vila de Barcelos. Casou-se em 1.º de dezembro de 1689, na freguesia de São João Batista de Vila do Conde, com ANA DE OLIVEIRA MONTES, filha de Domingos Gomes de

Oliveira, já defunto, e de Catarina Rodrigues, da rua da Misericórdia, de Vila do Conde.¹⁶⁶

§ 30

Medelas desentroncados, de Vila do Conde

- I- AFONSO FERNANDES MEDELA e MARIA DINIZ foram pais de, ao menos:
- II- BRÍGIDA DE MEDELA. Casou-se em 27 de fevereiro de 1629 na freguesia de São João Batista de Vila do Conde com AMBRÓSIO PEREIRA, de Salvador de Ruivães, filho de Salvador Francisco e de Filipa Gonçalves.¹⁶⁷

§ 31

Mais Medelas desentroncados, de Vila do Conde

- I- DOMINGOS AFONSO e MARIA FERNANDES foram pais de, ao menos:
- II- ANTÔNIO AFONSO DE MEDELA. Recebido como irmão da Santa Casa de Misericórdia de Vila do Conde em 28 de junho de 1676.¹⁶⁸ Casou-se em 6 de fevereiro de 1656, na freguesia de São João Batista de Vila do Conde, com ANDRESA NOGUEIRA CARDOSO, filha de Francisco Ferreira Cardoso, já defunto, e de Filipa Ferreira, todos de Vila do Conde.¹⁶⁹

§ 32

Medelas desentroncados, de Braga

- I- BELCHIOR PIRES e sua mulher BRITES ANTÔNIA, moradores na freguesia de Lodares, concelho de Lousada, distrito de Braga, já defuntos em 1622. Foram pais de, ao menos:¹⁷⁰

¹⁶⁶ ADP. Livro 2 de casamentos da freguesia de São João Batista de Vila do Conde, fls. 116v.

¹⁶⁷ ADP. Livro 1 de casamentos da freguesia de São João Batista de Vila do Conde, fls. 225.

¹⁶⁸ *Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde*. Um legado, 1510-1975. Vila do Conde: Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, [2010], p. 360.

¹⁶⁹ ADP. Livro 2 de casamentos da freguesia de São João Batista de Vila do Conde, fls. 125v-126.

¹⁷⁰ *Apud* site do Geneall.net.

- II- MARIA DE MEDELA. Casou-se em 28 de junho de 1622 na dita freguesia de Lodares (fls. 86v) com GASPAR COELHO DE MAGALHÃES, filho de André Gonçalves Moreno e de Juliana de Azevedo. Foram pais de, ao menos:
- III- MANUEL PINTO DE MAGALHÃES, natural de Aveleda, Braga. Casou-se em 8 de setembro de 1658, na freguesia de São João Batista de Vila do Conde, com EUGÊNIA DA COSTA CARNEIRO, de Vila do Conde, filha de Nicolau da Costa de Oliveira e de Maria da Fonseca Carneiro.¹⁷¹

§ 33

Mais Medelas desentroncados, de Barcelos¹⁷²

- I- ANTÔNIO DE MEDELA. Foi pai de:
- II- LICENCIADO DOMINGOS DE MEDELA. Casou-se em Barcelos com MARIA DA COSTA, filha de Aleixo Francisco, senhor da quinta de Ouriz, em Requião (São Silvestre), Vila Nova de Famalicão e de Isabel da Costa, nascida cerca de 1548 em Barcelos, filha do Licenciado Gil da Costa, advogado em Barcelos, e de Branca Tomás da Maia. Esse Gil da Costa foi relacionado como cristão-novo em Barcelos. Foram pais de:
- 1 (III)- PADRE FRANCISCO DE MEDELA, vigário de São Martinho do Vale. Foi vigário da dita igreja do ano de 1637 até o de 1672. Por ser acusado de ser cristão-novo, fez inquirição onde provou ser cristão-velho.
- 2 (III)- ANASTÁCIA DA COSTA, que segue.
- III- ANASTÁCIA DA COSTA. Casou-se em 1644 na vila de Barcelos com FERNÃO CAMINHA, advogado em Barcelos, filho de Pedro Lourenço de Castro e de sua mulher Catarina Álvares Caminha, irmã do Abade de Vilar de Mouros, naturais da vila de Caminha. Fernão Caminha morava com seus pais na rua da Corredeira da dita vila e se formou na Universidade de Coimbra em 1633. Tiveram os filhos:

¹⁷¹ ADP. Livro 2 de casamentos da freguesia de São João Batista de Vila do Conde, fls. 35.

¹⁷² Informação passada pelo amigo Dr. Rui Faria, grande estudioso de Guimarães. *Apud* GUERRA, Luís de Bivar. *Um caderno de cristãos-novos de Barcelos*. In *Armas e Troféus* (revista de História, Heráldica, Genealogia e de Arte). Lisboa: Instituto Português de Heráldica, II série, tomo I, p. 307, ano 1960.

- 1 (IV)- LICENCIADO ANTÔNIO CAMINHA DE CASTRO. Casou-se com ANTÔNIA PINHEIRO LOBO, filha do Licenciado João Rodrigues Medela e de sua mulher Ângela Pinheiro Lobo, todos naturais de Barcelos. Pais, entre outros, do Dr. Fernando Caminha de Castro, juiz de fora de Monção e Auditor Geral da Província do Minho e, no ano de 1751, provedor da comarca de Guimarães.
- 2 (IV)- CATARINA DE SENA, freira no Mosteiro de São Francisco de Val de Pereiras.
- 3 (IV)- HELENA DE, freira no dito Mosteiro de São Francisco de Val de Pereiras.

Capítulo 2.º

Genealogia da Família Anvers

- I- FRANCISCO JOÃO DE ANVERS. Nasceu por volta de 1587, acredita-se que em Antuérpia (Anvers, em francês), Flandres, na parte da Bélgica. Ou teria nascido em Lisboa e, neste caso, seria filho de flamengos de Antuérpia. Casou-se em 16 de abril de 1614 em Vila do Conde, com Maria Nova, conforme segue:¹⁷³

A dezesseis de abril do dito ano [corria o ano de 1614] recebeu o padre coadjutor com as denúncias Francisco Danves de Lisboa com Maria Nova desta vila. Testemunhas Manuel Álvares e Sebastião Fernandes.

Manuel Machado

Maria Nova seria, possivelmente, de Vila do Conde. Aliás, sua mãe, não nomeada no óbito, ali faleceu em 24 de agosto de 1642. Maria Nova faleceu em 1.º de fevereiro de 1659 em Vila do Conde, conforme segue:¹⁷⁴

Em o primeiro dia de fevereiro de (mil e) seiscentos cinquenta e nove morreu de morte apressada Maria Nova viúva que foi do pintor da rua do Barroso.

Souto

¹⁷³ ADP. Livro n.º 2 de casamentos da freguesia de São João Batista de Vila do Conde, fls. 209.

¹⁷⁴ ADP. Livro n.º 2 de óbitos da freguesia de São João Batista de Vila do Conde, fls. 90v.

Francisco João de Anvers faleceu em 1.º de fevereiro de 1656, conforme segue:¹⁷⁵

Francisco João

Em o primeiro de fevereiro de seiscentos e cinquenta, e seis anos morreu Francisco João pintor da rua do Barroso com todos os sacramentos sem testamento enterrou-se em São Francisco com todos os clérigos, e frades. Deu à igreja duas ofertas.

Souto

De Francisco João de Anvers e de sua mulher Maria Nova nasceram os seguintes filhos (um deles, filho homem, ignoro quem, faleceu na Bahia, partes do Brasil, com notícia de sua morte chegada à Vila do Conde em 24 de novembro de 1663):

- 1 (II)- JOÃO, batizado em 25 de janeiro de 1615 na matriz de São João Batista de Vila do Conde (Livro 2, fls. 102).
 - 2 (II)- LUÍS SOARES DE ANVERS, batizado em 25 de outubro de 1617 na matriz de São João Batista de Vila do Conde (Livro 2, fls. 114v). Casou-se com BENTA DE MEDELA, atrás citada, título Medela, § 2 n.º IV.
 - 3 (II)- MARIA SOARES, batizada em 12 de setembro de 1619 na matriz de São João Batista de Vila do Conde (Livro 2, fls. 119v). Segue.
 - 4 (II)- FRANCISCA, batizada em 26 de fevereiro de 1621 (Livro 2, fls. 123v).
 - 5 (II)- LUZIA SOARES, batizada em 5 de outubro de 1622 (Livro 2, fls. 128). Casou-se com PANTALEÃO DE SOUSA, pintor de óleo.
 - 6 (II)- MANUEL, batizado em 1.º de março de 1624 (Livro 2, fls. 133).
 - 7 (II)- HELENA, batizada em 3 de março de 1625 (Livro 2, fls. 136).
 - 8 (II)- PAULO, batizado em 21 de fevereiro de 1626 (Livro 2, fls. 138v).
 - 9 (II)- FRANCISCO, batizado em 13 de janeiro de 1628 (Livro 2, fls. 143v).
 - 10 (II)- ANA, batizada em 16 de fevereiro de 1631 (Livro 2, fls. 152v).
- II- MARIA SOARES, batizada em 12 de setembro de 1619 na matriz de São João Batista de Vila do Conde (Livro 2, fls. 119v). Casou-se (Livro 2, fls. 6) em 15 de agosto de 1639 na matriz de Vila do Conde com MATIAS FERNANDES, da freguesia de Santa Marta do Bouro, filho de Pedro Fer-

¹⁷⁵

ADP. Livro 2.º de óbitos da freguesia de Vila do Conde, fls. 75.

- nandes e de sua mulher Isabel Afonso. Matias Fernandes foi porteiro do Hospital, chameleiro e depois sineiro de Vila do Conde. Foram pais de:
- 1 (III)- MANUEL, batizado em 1.º de novembro de 1640 na freguesia de São João Batista de Vila do Conde (Livro 3, fls. 171). Seu pai constou como chameleiro e morador na rua do bispo.
 - 1 (III)- JOÃO, batizado em 13 de abril de 1642 na freguesia de São João Batista de Vila do Conde (Livro 3, fls. 252).
 - 2 (III)- ANTÔNIO, batizado em 3 de novembro de 1644 na freguesia de São João Batista de Vila do Conde (Livro 3, fls. 22).
 - 3 (III)- ISABEL, batizada em 12 de novembro de 1645 na freguesia de São João Batista de Vila do Conde (Livro 3, fls. 453).
 - 4 (III)- MATIAS, batizado em 26 de fevereiro de 1647 na freguesia de São João Batista de Vila do Conde (Livro 3, fls. 517). Seu avô materno, Francisco João, pintor, da rua das Donas, foi seu padrinho.
 - 5 (III)- FRANCISCA, batizada em 11 de junho de 1647 na freguesia de São João Batista de Vila do Conde (Livro 3, fls. 602).
 - 6 (III)- TOMÉ, batizado em 25 de dezembro de 1653 na freguesia de São João Batista de Vila do Conde (Livro 3, fls. 837).
 - 7 (III)- MANUEL, gêmeo do anterior, batizado em 25 de dezembro de 1653 na freguesia de São João Batista de Vila do Conde (Livro 3, fls. 837).
 - 8 (III)- FRANCISCA, batizada em 26 de novembro de 1665 na freguesia de São João Batista de Vila do Conde (Livro 3, fls. ..). Seus pais residiam na rua detrás da igreja.

x x x x

A Professora Veronika Joukes, belga, radicada em Portugal, apresentou interessante dissertação de mestrado sobre flamengos no Noroeste de Portugal.¹⁷⁶ Um dos capítulos foi exatamente sobre a biografia do pintor Francisco João de Anvers, do qual colhi extenso material para este artigo. Como escreveu a Doutora Veronika, que agora é professora da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, vários autores lhe dedicaram boa parte do seu tempo de estudo.¹⁷⁷

¹⁷⁶ JOUKES, Veronika. *Os flamengos no Noroeste de Portugal (1620-1670)*. Dissertação de mestrado em História Moderna apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999. Agradeço à autora por ter me presenteado com sua dissertação de mestrado, via e-mail, uma vez que não consegui adquirir seu livro em Portugal, por não encontrá-lo à venda.

¹⁷⁷ GONÇALVES, Flávio. *Arte importada e artistas estrangeiros nos portos de Entre-Minho-e-Douro*, in: *Mvsev*, 2ª s., n.º 10 (1966), p. 32-33, FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e. *Artes e artistas em Vila do Conde*, in:

Ignora-se seu dia de nascimento, tal como a sua naturalidade. O apelido que ele usa, deixa supor que ele próprio veio de Flandres, da região de Antuérpia, que em francês é Anvers.¹⁷⁸ Instalou-se em Vila do Conde, onde é encontrado, pela primeira vez, a 16 de abril de 1614, quando se casou com a vilacondense Maria Nova.¹⁷⁹ Dois pormenores a salientar deste registro: a sua profissão não está mencionada e Lisboa foi referida como local da sua proveniência.

O próprio Francisco João apareceu várias vezes como padrinho, nos registos paroquiais de Vila do Conde.¹⁸⁰

A autora pergunta se seria em função da sua família numerosa ou talvez pelos seus talentos artísticos serem reconhecidos (financeiramente), que ele mudou várias vezes de casa. Ela mesma respondeu: sabe-se que é encontrado, pela primeira vez, na rua de Santo Amaro.¹⁸¹ Em 17 de setembro de 1618, arrematou uma casa térrea, com seu quintal, encostada ao monte do Mosteiro de Santa Clara, na rua da Fonte das Donas com uma renda equivalente a trinta réis ou uma galinha por ano. Fato que ele voltou a confirmar em 1634.¹⁸² Nos finais

Mvsev, 4 (1962), pp. 13-17, SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657. Vol. II. Os pintores e as suas obras*, Coimbra, 1992, pp. 363-388 e ARAÚJO, Maria Augusta de Sousa. *O pintor lisboeta Diogo Teixeira e o Maneirismo no Norte de Portugal (1591-1623)*, Coimbra, 1995, pp. 132-138 e 171-177.

¹⁷⁸ Variantes encontradas do seu nome: Francisco João, Francisco João Anvers, Francisco Danvers, Francisco João d'Amves, Francisco d'Amves, Francisco João de Anures.

¹⁷⁹ SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657. Vol. II. Os pintores e as suas obras*, Coimbra, 1992. pp. 363-364.

¹⁸⁰ Por exemplo, a 2 de abril de 1616, de um filho de Francisco André e Francisca Gomes; da Filipa, a filha da solteira e lavadeira de panos, Catarina Correa, a 17 de maio de 1640; de Manuel, filho de João Rodrigues Ferreira e da sua esposa Apolónia Fernandes (da rua de São Bartolomeu), a 5 de março de 1641; respectivamente, in: ADP, Registros Paroquiais, Vila do Conde, livro 2, fls. 133; ADP, Registros Paroquiais, Vila do Conde, batismos, livro 3, fls. 9v; ADP, Registros Paroquiais, Vila do Conde, batismos, livro 3, fls. 12v.

¹⁸¹ ADP, Registros Paroquiais, Vila do Conde, livro 2, fls. 114v (1617).

¹⁸² ADP, Monástico, livro 4801, *Tombo Novo do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde desde 1629*, fls. 25v-26 e Arquivo Municipal de Vila do Conde, *Bens de Raiz*, livro 1748, fls. 13f/v, publicado por: ARAÚJO, Maria Augusta de Sousa. *O pintor lisboeta Diogo Teixeira e o Maneirismo no Norte de Portugal (1591-1623)*, Coimbra, 1995, p. 171 e referido por: FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e. *Artes e artistas em Vila do Conde*, in: *Mvsev*, 4 (1962), p. 13 e SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em*

da década de 20 e no início da década a seguir, porém, ocupou igualmente uma casa na rua de São Bartolomeu.¹⁸³ A 16 de abril de 1655, Francisco João mudou, mais uma vez, de casa. Desta vez optou por uma casa “sobrada”¹⁸⁴ com quintal na rua do Barroso, que fazia a ligação entre a Praça Velha, e a rua de São Sebastião, avaliada em 30.000 réis; preço que prontamente pagou.¹⁸⁵

A autora anotou que, em 24 de setembro de 1618, apareceu como testemunha em uma ata notarial. O tabelião de serviço, Manuel de Azevedo Vilas Boas, introduziu as testemunhas da maneira seguinte:¹⁸⁶

“... e Francisco de Anves, pintor, moradores nesta vila, pessoas por mim tabelião reconhecidas”.

Em 26 de dezembro de 1622 foi admitido como irmão da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, sem esmola, com obrigação de encarnar o Cristo da Mesa da Irmandade e o que estava no altar-mor da igreja, e consertar o crucifixo grande.¹⁸⁷ Serviu a Mesa da Santa Casa no biênio 1636-1637, como irmão

Portugal, 1612-1657. Vol. II. Os pintores e as suas obras. Coimbra, 1992, p. 366.

¹⁸³ ADP, Registros Paroquiais, Vila do Conde, livro 2, fls. 143v e 152v. Ou será a mesma que a anterior?

¹⁸⁴ Isto é, uma casa com pelo menos o térreo e um primeiro andar.

¹⁸⁵ Arquivo Municipal de Vila do Conde, *Bens de Raiz*, livro 1763, fls. 31, publicado por: ARAÚJO, Maria Augusta de Sousa. *O pintor lisboeta Diogo Teixeira e o Maneirismo no Norte de Portugal (1591-1623)*, Coimbra, 1995, p. 172.

¹⁸⁶ ADP, Not. Vila do Conde, 1.º, 1ª, livro 31, fls. 14-16v, referido por: SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657. Vol. II. Os pintores e as suas obras*, Coimbra, 1992, p. 365.

¹⁸⁷ Arquivo da Misericórdia de Vila do Conde, *Livro 1.º do registo dos irmãos*, fls. 91v, referido por: FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e. *Artes e artistas em Vila do Conde*, in: *Mvsev*, 4 (1962), p. 13. GONÇALVES, Flávio. *Arte importada e artistas estrangeiros nos portos de Entre-Minho-e-Douro*, in: *Mvsev*, 2ª s., n.º 10 (1966), p. 33, e SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657. Vol. II. Os pintores e as suas obras*, Coimbra, 1992, p. 366. Para poder entrar na Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, costumava-se pagar uma “esmola” de 2.000 réis. No caso de Francisco João, ele foi dispensado deste pagamento, sob condição de “encarnar à sua custa o Cristo da mesa da Irmandade e o que está no altar-mor da Irmandade e consertar algumas cousas do crucifixo grande”. A autora agradeceu, em 1999, ao arquivista da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, Firmino Abel da Silva Couto, por lhe ter ajudado por telefone e

de menor condição.¹⁸⁸ O estatuto de pintor de ofício mudaria depois: seu filho, Luís Soares de Anvers, serviu a Santa Casa como irmão de maior condição.

No dia 5 de janeiro de 1624, recebeu 280 réis da câmara de Vila do Conde para fabricação de duas varas para os almotacés.¹⁸⁹ Essa operação repetiu-se continuamente por muitos anos, até, pelo menos, 1643. Nesse ‘emprego’, sucedeu seu filho Luís Soares de Anvers, a partir de 1644, até o ano de 1687.¹⁹⁰

Na vereação vilacondense de 3 de junho de 1626, a câmara entregou-lhe várias tarefas: dourar as armas régias na Câmara e outras na torre dos sinos da igreja matriz da mesma vila e, para além disso, ornar a parede por trás da mesa da câmara com um fresco.¹⁹¹ Foi o próprio Francisco que propôs o preço e o prazo de entrega desta obra: 6000 reais e na véspera da festa de Corpus Cristo do mesmo ano.¹⁹² Dessa mesma arte de dourador, foi incumbido, pela

por escrito com a consulta e análise do termo de entrada de “*Francisco João / Amberes, pintor, morador nesta / vila*”. Com o lançamento do livro, pude ler em: *Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde*. Um legado, 1510-1975. Vila do Conde: Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, [2010], p. 367.

¹⁸⁸ *Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde*. Um legado, 1510-1975. Vila do Conde: Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, [2010], p. 544.

¹⁸⁹ Arquivo Municipal de Vila do Conde, *Receita e Despesa*, livro 853, fls. 6, publicado por: ARAÚJO, Maria Augusta de Sousa. *O pintor lisboeta Diogo Teixeira e o Maneirismo no Norte de Portugal (1591-1623)*, Coimbra, 1995, p. 173. No original está escrito “*António de Anvers, pintor*”. A autora acreditava que se tratava de João Francisco d’Anvers, mas, visto que ainda era pouco conhecido, o escrivão enganou-se no seu nome.

¹⁹⁰ Arquivo Municipal de Vila do Conde. *Livros da Receita e Despesa e Livros da Imposição da Igreja Matriz*. Transcrição de Eugénio Andrea da Cunha e Freitas (1912-2000), 2 volumes. Vila do Conde: Município de Vila do Conde, 2010. Vol. I, pp. 124, 131, 132, 143, 147, 148, 149, 153, 154, 159, 160, 163, 164.

¹⁹¹ Desta pintura mural não restam vestígios. In: SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657. Vol. II. Os pintores e as suas obras*, Coimbra, 1992, p. 364.

¹⁹² Arquivo Municipal de Vila do Conde, *Livro de registo de actas das sessões da Câmara*, livro 27, fls. 243v-244v, publicado por: ARAÚJO, Maria Augusta de Sousa. *O pintor lisboeta Diogo Teixeira e o Maneirismo no Norte de Portugal (1591-1623)*, Coimbra, 1995, pp. 171-172 e referido por: FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e. *Artes e artistas em Vila do Conde*, in: *Mvsev*, 4 (1962), p. 14, GONÇALVES, Flávio. *Arte importada e artistas estrangeiros nos portos de Entre-Minho-e-Douro*, in: *Mvsev*, 2^a s., n.º 10 (1966), p. 33 e SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em Portugal*,

câmara, de dourar o relógio e mostrador do relógio e as armas abaixo deles.¹⁹³

Seguidamente foi o mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde que lhe pediu a execução de uma série de telas para o cadeirado do coro alto do mosteiro; o que Vítor Serrão situou ter acontecido, por volta de 1630.¹⁹⁴

João Francisco realizou algumas encomendas em regime de “companhia” com artistas do seu “atelier” familiar, nomeadamente com o seu filho Luís Soares e o seu genro Pantaleão de Sousa.¹⁹⁵

Francisco João de Anvers serviu a câmara de Vila do Conde no ano de 1623, como vereador.¹⁹⁶

Faleceu no dia 1.º de fevereiro de 1656 na rua de Sobmosteiro¹⁹⁷; falecimento que ficou registado nos obituários da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde. Foi, todavia, sepultado no Mosteiro de São Francisco¹⁹⁸, o que poderia indicar, segundo Vítor Serrão, que este mosteiro era outro dos

1612-1657. Vol. II. Os pintores e as suas obras, Coimbra, 1992, p. 366.

¹⁹³ Arquivo Municipal de Vila do Conde. *Livros da Receita e Despesa e Livros da Imposição da Igreja Matriz*. Transcrição de Eugénio Andrea da Cunha e Freitas (1912-2000), 2 volumes. Vila do Conde: Município de Vila do Conde, 2010. Vol. II, p. 136.

¹⁹⁴ SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657. Vol. II. Os pintores e as suas obras*, Coimbra, 1992, p. 366 e ARAÚJO, Maria Augusta de Sousa. *O pintor lisboeta Diogo Teixeira e o Maneirismo no Norte de Portugal (1591-1623)*, Coimbra, 1995, p. 134.

¹⁹⁵ SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657. Vol. II. Os pintores e as suas obras*, Coimbra, 1992, p. 364.

¹⁹⁶ Arquivo Municipal de Vila do Conde. *Livros da Receita e Despesa e Livros da Imposição da Igreja Matriz*. Transcrição de Eugénio Andrea da Cunha e Freitas (1912-2000), 2 volumes. Vila do Conde: Município de Vila do Conde, 2010. Vol. II, p. 33.

¹⁹⁷ FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e. *Artes e artistas em Vila do Conde*, in: *Mvsev*, 4 (1962), p. 14, ARAÚJO, Maria Augusta de Sousa. *O pintor lisboeta Diogo Teixeira e o Maneirismo no Norte de Portugal (1591-1623)*, Coimbra, 1995, p. 135 e GONÇALVES, Flávio. *Arte importada e artistas estrangeiros nos portos de Entre-Minho-e-Douro*, in: *Mvsev*, 2ª s., n.º 10 (1966), p. 32.

¹⁹⁸ Arquivo da Misericórdia de Vila do Conde, *Livro de Receita e Despesa de 1655-1656*, fls. 52v, referido por: FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e. *Artes e artistas em Vila do Conde*, in: *Mvsev*, 4 (1962), p. 14 e SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657. Vol. II. Os pintores e as suas obras*, Coimbra, 1992, p. 367.

seus clientes.¹⁹⁹ A sua mulher, Maria Nova, faleceu exatamente 3 anos mais tarde (no primeiro de fevereiro de 1659), e foi levada à sepultura pela Santa Casa da Misericórdia da vila.²⁰⁰

A última referência, póstuma, relativa a Francisco João, segundo Vítor Serrão, data de 18 de janeiro de 1667, e consiste numa escritura de quitação. O seu filho, Luís Soares de Anvers, pintor, deu quitação ao seu cunhado, Pantaleão de Sousa, pintor a óleo, casado com a sua irmã, Luzia Soares, desde o dia 8 do mesmo mês. Presume-se que, por causa destas alterações familiares, era necessário tratar de questões relacionadas com a partilha de bens, que haviam quedado por morte de Francisco João.²⁰¹

Vítor Serrão comentou que Francisco João foi inteligente, escolhendo Vila do Conde como terreno de trabalho, “*onde as encomendas não escasseavam e onde a concorrência seria escassa*”.²⁰² Já a Professora Veronika entendeu que ele se mostrou mais um empreendedor vindo de Flandres, que, começando praticamente do nada, chegou a ter uma vida mais ou menos confortável. Em 1624, o escrivão da Câmara ainda se enganou na ortografia do seu nome, falando em Antônio de Anvers, pintor.²⁰³ Lentamente, no entanto,

¹⁹⁹ SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657. Vol. II. Os pintores e as suas obras*, Coimbra, 1992, p. 367.

²⁰⁰ FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e. *Artes e artistas em Vila do Conde*, in: *Mvsev*, 4 (1962), p. 14, ARAÚJO, Maria Augusta de Sousa. *O pintor lisboeta Diogo Teixeira e o Maneirismo no Norte de Portugal (1591-1623)*, Coimbra, 1995, p. 135 e SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657. Vol. II. Os pintores e as suas obras*, Coimbra, 1992, p. 367.

²⁰¹ ADP, Not. Vila do Conde, 1.º, 3ª, livro 36, dd 18-01-1667, referido por: SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657. Vol. II. Os pintores e as suas obras*, Coimbra, 1992, pp. 367-368 e por: ARAÚJO, Maria Augusta de Sousa. *O pintor lisboeta Diogo Teixeira e o Maneirismo no Norte de Portugal (1591-1623)*, Coimbra, 1995, p. 135.

²⁰² SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657. Vol. II. Os pintores e as suas obras*, Coimbra, 1992, p. 363. Eddy Stols comentou que era uma prática comum entre os artesãos flamengos, mudarem para Portugal com o intuito de aí melhorarem as suas vidas, visto que havia grande falta de profissionais habilitados. E, para além disso, pagavam-se bons salários em Portugal. In: EVERAERT, John e STOLS, Eddy, ed., *Flandres e Portugal na confluência de duas culturas*, s.l. (Lisboa), 1991, pp. 123-124.

²⁰³ Arquivo Municipal de Vila do Conde, *Receita e Despesa*, livro 853, fls. 6. Publicado por ARAÚJO, Maria Augusta de Sousa. *O pintor lisboeta Diogo Teixeira e o Maneirismo no Norte de Portugal (1591-1623)*, Coimbra, 1995,

ele ia subindo a escala social, circulando em vários meios sociais do topo da sociedade local, como a Irmandade da Santa Casa da Misericórdia, os vereadores da câmara, a Irmandade do Sacramento da Igreja Matriz, os monges do Mosteiro de São Francisco e as freiras do Convento de Santa Clara.²⁰⁴

Outras provas do seu elevado estatuto social, foram o fato de ter criados para ajudar em casa, como a moça Maria Manuel, que morreu pobre, com todos os sacramentos e sem testamento, no dia 30 de dezembro de 1637²⁰⁵ e o fato de conseguir comprar várias casas, cada vez maiores e melhor localizadas.

A vida do seu filho ficou igualmente bastante documentada.²⁰⁶ Em 1663, Luís Soares viveu na antiga casa do seu pai, na rua do Barroso.²⁰⁷ A 4 ou 7²⁰⁸ de abril desse mesmo ano, dirigiu um pedido à câmara de Vila do Conde para que lhe fossem reconhecidos os privilégios de nobreza inerentes à sua profissão e concorreu ao cargo de almotacé²⁰⁹, que lhe foi atribuído a 7 de abril do

p. 173.

²⁰⁴ SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657. Vol. II. Os pintores e as suas obras*, Coimbra, 1992, pp. 363-365.

²⁰⁵ ADP, Registros Paroquiais, Vila do Conde., livro 21, fls. 137v. Não se diz explicitamente que é criada de João Francisco d'Anvers, mas simplesmente “dos Framenguos”.

²⁰⁶ Os mesmos autores que apresentaram João Francisco, descreveram também a vida do seu filho, Luís Soares, e a sua obra artística: FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e. *Artes e artistas em Vila do Conde*, in: *Mvsev*, 4 (1962), pp. 13-17, SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657. Vol. II. Os pintores e as suas obras*, Coimbra, 1992, pp. 381-388 e ARAÚJO, Maria Augusta de Sousa. *O pintor lisboeta Diogo Teixeira e o Maneirismo no Norte de Portugal (1591-1623)*, Coimbra, 1995, pp. 132-138 e 171-177.

²⁰⁷ FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e. *Artes e artistas em Vila do Conde*, in: *Mvsev*, 4 (1962), p. 14 e SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657. Vol. II. Os pintores e as suas obras*, Coimbra, 1992, p. 382. Supõe-se que ele partilhou esta casa com a sua irmã e o seu cunhado. Com base em: FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e. *Artes e artistas em Vila do Conde*, in: *Mvsev*, 4 (1962), p. 17.

²⁰⁸ A letra é quase ilegível e dá para as duas interpretações, com uma ligeira preferência para 4 de abril de 1663.

²⁰⁹ Arquivo Municipal de Vila do Conde, *Livro de registo de actas das sessões da Câmara*, livro 30, fls. 175v-176, publicado por ARAÚJO, Maria Augusta de Sousa. *O pintor lisboeta Diogo Teixeira e o Maneirismo no Norte de Portugal (1591-1623)*, Coimbra, 1995, pp. 174-175.

mesmo ano, que segue.²¹⁰ O que prova que ele subiu depressa os escalões da sociedade, aproveitando o bom renome do seu falecido pai.

X X X X

Justificação de Luís Soares de Anvers ser homem nobre

Em 7 de abril de 1663 em Vila do Conde, nas casas da câmara, Luís Soares, pintor, foi eleito almotacel, para servir nos meses de abril, maio e junho daquele ano. Entretanto, os vereadores não quiseram lhe dar posse, por julgar que seu ofício fosse mecânico.

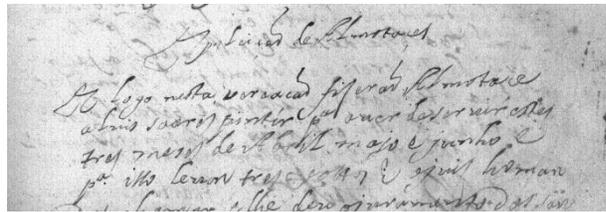
Ele não se conformou e fez a seguinte petição:

Diz Luís Soares natural e morador em Vila do Conde pintor de óleo que querendo o Capitão Antônio Carneiro de Figueiredo, e os capitães seus antecessores ...var a ele suplicante e a seu pai Francisco João de Anvers a que fossem nas companhias de Ordenança; e nas fileiras onde iam os homens mecânicos: fizeramção ao Juiz de Fora daquela vila e justificaram por inquirição serem pintores de óleo, e como tais gozavam do privilégio de nobres conforme o direito, e assim estava em termos julgado nas Relações sobre que havia decisões o que visto por ele dito juiz os isentou da assistênciã e ofícios ... os mecânicos ocupam; como outrossim por despacho do ouvidor desta comarca João Rodrigues Fontoura foi também mandado; e se conformam por despachos dos Senhores Generais desta Província como foi Castão Coutinho, e o Conde de Castelo Melhor, e o Visconde de Ponte de Lima procedendo primeiro as informações o que tudo consta da Sentença ... Autos que com esta oferece; e porquanto de presente lhe veio a notícia ... por capítulo de correição mandava não fossem eleitos para almotacéis senão pessoas filhos de homens de governança e excluídos os que por si não tinham qualidade de nobreza no que ele suplicante fica prejudicado ao foro que logra concedido por direito, e na forma da Ordem deste Reino deve ser proposto e eleito em todos os ofícios nobres da República o que os vereadores da dita vila não querem fazer obedecendo ao dito capítulo da correição que outrossim manda com pena de suspensão ao escrivão da câ-

²¹⁰ Arquivo Municipal de Vila do Conde, *Livro de registo de actas das sessões da Câmara*, livro 30, fls. 174f/v, publicado por ARAÚJO, Maria Augusta de Sousa. *O pintor lisboeta Diogo Teixeira e o Maneirismo no Norte de Portugal (1591-1623)*, Coimbra, 1995, pp. 175-176. Nos meses de abril, maio e junho de 1678, foi-lhe entregue o mesmo cargo. In: Arquivo Municipal de Vila do Conde, *Livro de registo de actas das sessões da Câmara*, livro 32, fls. 28v, publicado por: ARAÚJO, Maria Augusta de Sousa. *O pintor lisboeta Diogo Teixeira e o Maneirismo no Norte de Portugal (1591-1623)*, Coimbra, 1995, pp. 176-177.

*mara não escreva tal eleição. Pelo que pede a Vossa Magestade havendo respeito às razões que alega declare ser o suplicante nobre e gozar do foro de nobreza pela arte que usa e que possa ser eleito em almotacel, e o es-
crivão da câmara lhe tome os votos ... com ele se não deve entender o dito
capítulo da correição...*

Em 1.º de janeiro de 1669 Luís Soares de Anvers foi eleito procurador da câmara de Vila do Conde.



Capítulo 3.º

Obras de Francisco João de Anvers e Luís Soares de Anvers

A Professora Veronika Joukes fez um resumo do “Corpus” da obra de Francisco João d’Anvers, que contém 30 peças, quase todas pinturas a óleo sob madeira ou tela e quase todas conservadas, em anexo, sob o número 13.²¹¹

Vítor Serrão descreve o valor deste feitor de pinturas retardatariamente maneiristas da seguinte maneira:²¹²

“Pintor de evidentes recortes provinciais e medíocres, Francisco João de Anvers é bem o exemplo dos limites inventivos de que, em círculos periféricos, a pintura de transição para o Barroco era sofredora, à míngua de verdadeiros estímulos e de um mercado de gosto mais exigente. A singeleza e repetitividade da encomenda religiosa bastava, satisfazendo uma clientela falha de réditos, e de gosto renovador. Assim, figuras como a deste pintor de origem antuerpiana podiam brilhar como pequenos astros, em vilas de província onde se mostravam, apesar de tudo, bem superiores aos artífices locais, e onde por isso podiam beneficiar de efêmero prestígio e de fartura de encomendas”.

Anexo III – “Corpus” da obra de Francisco João d’Anvers:²¹³

I. Retábulo de São Tiago, no coro baixo do Mosteiro de Santa Clara

Vila do Conde - Coro baixo do Mosteiro de Santa Clara.

Pinturas a óleo, cerca de 1620-1625.

1. Calvário; Suporte: madeira; Dimensões: altura: 1,90 m x largura: 2,11 m.
2. Última ceia (predela); Suporte: madeira; Dimensões: altura: 0,92 m x largura 2,11 m.

II. Retábulo de São João Batista, no coro baixo do Mosteiro de Santa Clara

Vila do Conde – Coro baixo do Mosteiro de Santa Clara.

Pinturas a óleo, cerca de 1620-1625.

3. Oração de Santa Ana e São Joaquim (painel central) Suporte: madeira; Dimensões: altura: 1,80 m x largura 1,68 m.
4. Anunciação (lateral esquerdo) Suporte: madeira; Dimensões: altura: 0,56 m x largura 0,48 m.

²¹¹ Baseado em SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657. Vol. II. Os pintores e as suas obras*, Coimbra, 1992, pp. 368-379.

²¹² SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657. Vol. II. Os pintores e as suas obras*, Coimbra, 1992, p. 365.

²¹³ Baseado em SERRÃO, Vítor. *A pintura proto-barroca em Portugal, 1612-1657. Vol. II. Os pintores e as suas obras*, Coimbra, 1992, pp. 368-379.

5. Nascimento da virgem (lateral esquerdo) Suporte: madeira; Dimensões: altura: 0,56 m x largura 0,48 m.
6. Adoração dos pastores (lateral direito) Suporte: madeira; Dimensões: altura: 0,56 m x largura 0,48 m.
7. Adoração dos magos (lateral direito) Suporte: madeira; Dimensões: altura: 0,56 m x largura 0,48 m.

III. Painel da “Deposição no túmulo”

Vila do Conde - Coleção particular do senhor Dr. Joaquim Pacheco Neves, procedente da Coleção do Conselheiro Francisco Figueiredo de Faria.

Pintura a óleo, cerca de 1620.

8. Deposição no túmulo; Suporte: madeira; Dimensões: altura: 0,90 m x largura 0,45 m.

Inscrição: SEPVL CRO DOMINI.

IV. Painéis do antigo retábulo-mor da igreja da Misericórdia de Azurara

Azurara - Igreja da Misericórdia. Coro.

Pinturas a óleo, cerca de 1625.

9. Visitação; Suporte: madeira; Dimensões: altura: 1,90 m x largura 1,30 m aproximadamente.
10. Nossa Senhora da Piedade; Suporte: madeira; Dimensões: altura: 1,80 m x largura 1,20 m aproximadamente.

V. Frescos da casa junto à Câmara municipal de Vila do Conde

Vila do Conde - Obras destruídas.

Pinturas a “fresco”, 1626.

11. *“uma parede pintada de figuras que está no encosto da mesa da Câmara ...”*

VI. Presumível painel do retábulo da ermida de Santa Luzia

Vila do Conde - Átrio do Mosteiro de Santa Clara.

Pintura a óleo, cerca de 1638.

12. Santa Luzia; Suporte: madeira; Dimensões: altura: 1,20 m x largura 0,41 m.

VII. Série de telas do cadeirado do coro alto do Mosteiro de Santa Clara

Vila do Conde – Mosteiro de Santa Clara. Átrio e escadarias da Escola Profissional de Santa Clara. Obras de Francisco João de Anvers (?) e colaboradores. Pinturas a óleo, cerca de 1630-1640.

13. Adoração dos pastores com doadora; Suporte: tela; Dimensões: altura: 1,45 m x largura 0,50 m.
14. Adoração dos magos; Suporte: tela; Dimensões: altura: 1,45 m x largura 0,50 m.
15. Apresentação no templo; Suporte: tela; Dimensões: altura: 1,45 m x largura 0,50 m.
16. Santa Apolônia; Suporte: tela; Dimensões: altura: 1,45 m x largura 0,50 m.

17. Santa Eufêmia; Suporte: tela; Dimensões: altura: 1,45 m x largura 0,50 m.
18. *Noli me tangere*; Suporte: tela; Dimensões: altura: 1,45 m x largura 0,50 m.
19. São Miguel Arcanjo; Suporte: tela; Dimensões: altura: 1,45 m x largura 0,50 m, Encomenda do Soror Angela de Jesus.
20. Pentecostes; Suporte: tela; Dimensões: altura: 1,45 m x largura 0,50 m.
21. Batismo de Cristo; Suporte: tela; Dimensões: altura: 1,45 m x largura 0,50 m.
22. Ascensão de Cristo; Suporte: tela; Dimensões: altura: 1,45 m x largura 0,50 m.
23. Degolação de São João Batista; Suporte: tela; Dimensões: altura: 1,45 m x largura 0,50 m.
24. Ressurreição de Cristo; Suporte: tela; Dimensões: altura: 1,45 m x largura 0,50 m.
25. São Francisco de Assis; Suporte: tela; Dimensões: altura: 1,45 m x largura 0,50 m.
26. São Cosme e Damião com os mártires Leônico, Antimo e Eupróprio; Suporte: tela; Dimensões: altura: 1,45 m x largura 0,50 m.
27. São Miguel Arcanjo; Suporte: tela; Dimensões: altura: 1,40 m x largura 0,60 m.

VIII. Retábulo de São Brás, no Mosteiro de São Francisco

Vila do Conde – Igreja do Mosteiro franciscano de Nossa Senhora da Encarnação (depois da Ordem Terceira de São Francisco) Pinturas a óleo, cerca de 1650.

28. São Luís, rei da França; Suporte: madeira; Dimensões: altura: 1,26 m x largura 0,48 m.
29. Santo Bispo; Suporte: madeira; Dimensões: altura: 1,26 m x largura 0,48 m.

IX. Tela no Mosteiro de São Francisco

Vila do Conde – Igreja do Mosteiro franciscano de Nossa Senhora da Encarnação (São Francisco). Capela-mor.

30. Salomé após a degolação de São João Batista; Suporte: tela; Dimensões: altura: 1,50 m x largura 0,80 m.

Obras no Mosteiro de São Francisco de Vila do Conde

Mosteiro de São Francisco de Vila do Conde. Do lado esquerdo, o famoso aqueduto, construído em meados do século XVIII. Fotografia tirada pelo autor, em abril de 2015.



Salomé após a degolação de São João Batista



São Luís, Rei de França, no Retábulo de São Brás, no Mosteiro de São Francisco.



Santo Bispo, no Retábulo de São Brás, no Mosteiro de São Bento.

Obras no Mosteiro de Santa Clara

Série de telas do cadeirado do coro alto do Mosteiro de Santa Clara









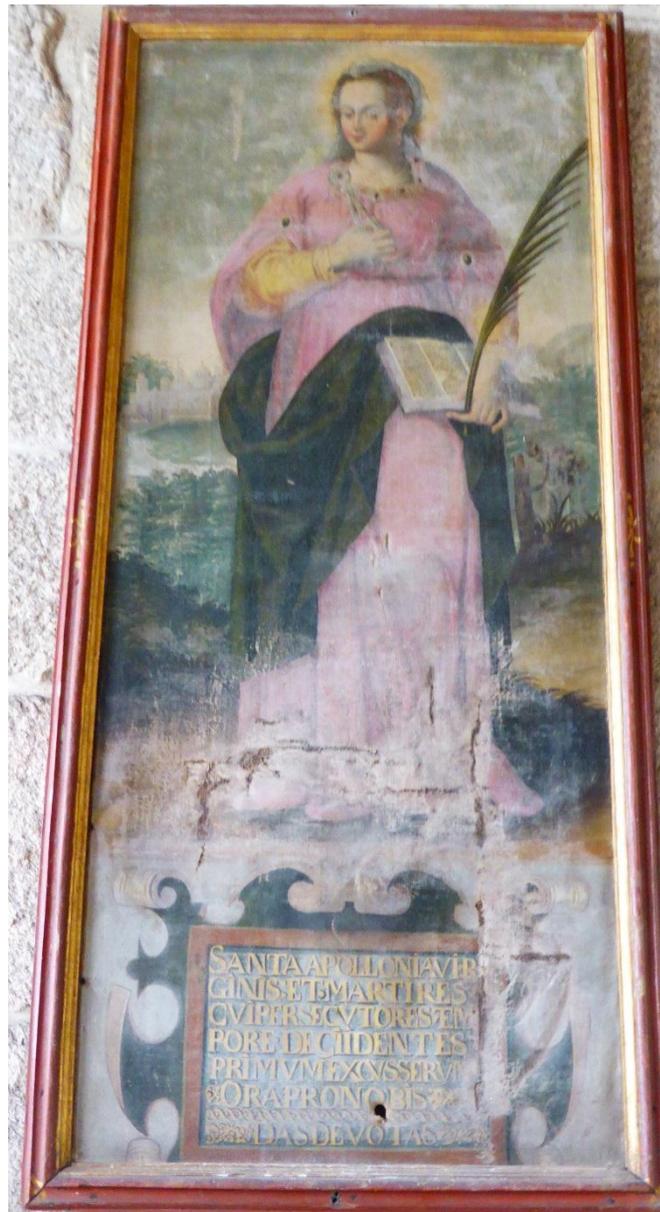


















Possível quadro de Luís Soares de Anvers, feito em 1677. Fotografia tirada pelo autor, em abril de 2015.

Ao centro, vê-se um menino, de um tipo europeizado, com cabelo estilo pajem, absolutamente distinto dos judeus sentados à mesa, tendo Jesus Cristo como figura principal. Imagino que esse menino seria o filho do pintor, Roque Soares Medela, tronco da família de São Paulo.

X X X

Obras de Luís Soares de Anvers, existentes na Santa Casa de Misericórdia de Vila do Conde:



Capela colateral norte depois de retirado o retábulo que cobriu as pinturas em 1780/ 1785



Pormenor de uma das pinturas de Luís Soares na Capela colateral norte



Pormenor da pintura da abóboda da Capela de Nosso Senhor dos Passos (Capela Colateral Sul)



Abóboda da Capela-mor



Este quadro, “Deposição no túmulo”, frequentemente atribuído a Luís Soares de Anvers, inclusive por Vítor Serrão, não é de sua autoria, conforme o livro Um legado.



Fachada da Santa Casa de Misericórdia de Vila do Conde. Sentados na escadaria, o autor e sua mulher, em abril de 2015.

Capítulo 4.º

Breve histórico do Sítio do Padre Inácio

A descoberta de um antigo casarão do século XVIII, abandonado e escondido na mata da cidade de Cotia, na Estrada Padre Inácio, número 3000, região da grande São Paulo, deu-se por ocasião da visita histórica que fez Washinton Luís, então prefeito de São Paulo, em companhia do arquiteto francês Victor Dubugras, no ano de 1915.²¹⁴ E a popularização do nome “Sítio do Padre Inácio” aconteceu em seguida, com a publicação de um artigo de Ricardo Severo na revista *A Cigarra*, de 31 de março de 1916, onde se estamparam fotografias dos dois acima citados nas ruínas do casarão.²¹⁵

Trata-se de uma construção rural do século XVIII, em taipa de pilão, planta quadrada e estrutura dos beirais e pilares do alpendre talhados. O casarão foi tombado pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico, órgão do Estado de São Paulo) em 1951 e pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, órgão federal) em 1974. O motivo do tombamento pelos dois órgãos foi que representa a arquitetura paulista daquela época, tão destruída pela ocupação desordenada do solo, como também pela ausência de política pública que permita a sobrevivência de imóveis antigos.

Eu conheci o casarão ainda criança, no final da década de 60, levado pelo meu tio Antônio Carlos do Amaral Mello, que residiu um tempo em Cotia, quando funcionário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Essa foi a descrição da sede, na visão de um especialista em bens tombados:²¹⁶

Significativa pela elegância da composição, pela excelência da decoração dos cachorros, das colunas e dos alizares e da estrutura do telhado. A sala central é envolvida pelo sótão da residência através das partes posterior e laterais, com acesso através da escada, recebendo iluminação e ventilação por janelas. Paredes de sustentação e divisórias de taipa de pilão. Piso de argamassa de solo-cimento no pavimento térreo e assoalho no pavimento superior. Revestimento de barroco. Telhado de quatro águas, com estrutura

²¹⁴ Curiosamente, fui vizinho, por muitos anos, de Victor Dubugras Neto, igualmente arquiteto, também engenheiro, obviamente neto do mestre francês.

²¹⁵ LEMOS, Carlos A. C. *Casa Paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1999, pp. 50-59.

²¹⁶ REIS FILHO, Nestor Goulart. *Guia dos bens tombados: São Paulo*. Rio de Janeiro: Exped, 1982, pp. 9, 10, 79.

de madeira lavrada e cobertura de telhas de canal. Forro de madeira nos quartos do pavimento térreo. Esquadrias e escadas de madeira e cachorrimento da fachada principal e em partes das fachadas laterais. Colunas do alpendre trabalhadas.



Gravura do Sítio do Padre Inácio, na obra de Nestor Goulart



Desenho de Renée Lefrève, *in* São Paulo: sua arquitetura, colônia e império, de Carlos A. C. Lemos e Renée Lefrève. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1979.

Entre outros, houve três historiadores que estudaram a origem do Sítio do Padre Inácio.

O primeiro foi Luís Saia. Sem rodeios e sem evidenciar que realizou pesquisas, escreveu que o Sítio do Padre Inácio foi construído por Roque Soares Medela (no Capítulo 1: Genealogia da Família Medela, § 2 n.º V).²¹⁷

O segundo foi Carlos Lemos, que criticou a (falta de) metodologia empregada por Luís Saia em chegar às conclusões publicadas em seu ensaio. Carlos Lemos investigou a fundo a origem do imóvel, tendo se valido, inclusive, de pesquisas feitas por Carlos Cerqueira, do Iphan, o terceiro desta lista.²¹⁸ Ele entendeu que o Sítio do Padre Inácio foi construído pelo filho de Roque Soares Medela, o Padre Rafael Antônio de Barros. A razão, para ele, era simples: consta do inventário de um filho do citado Roque Soares Medela, o Capitão Inácio Soares de Barros (no Capítulo 1: Genealogia da Família Medela, § 2 n.º VI) que entre outros bens, possuía uma morada de casas e de terras, advindas de sesmaria de seu pai, a qual não tinha a mesma arquitetura da sede do Sítio do Padre Inácio.

Carlos Lemos fez uma investigação austera e correta: foi do último possuidor do Sítio do Padre Inácio aos antecessores. Assim, em 1945, o Iphan adquiriu de Pedro Fischer Weishaupt, que o adquiriu dos irmãos Fernando e Manuel Cremm, no ano de 1918. Por sua vez, estes compraram, em 13 de agosto de 1883 de Francisco Rodrigues César. Francisco Rodrigues César declarou possuir, no registro que fez de suas terras no ano de 1856 para o pároco de Cotia, entre outros bens, duas fazendas que adquirira de D. Ana de Barros. E, em sequência, Lemos soube, em pesquisa de Carlos Cerqueira, pelo óbito de D. Ana de Barros, que ela foi herdeira de seu tio, o Padre Rafael Antônio de Barros. Para Carlos Lemos, não havia dúvida: o construtor do imóvel foi o Padre Rafael.

Antes de passarmos ao terceiro, Carlos Cerqueira, vejamos o porquê do nome do sítio.

Quem deu o nome ao imóvel foi o Padre Inácio Francisco do Amaral. Ituano, foi batizado em casa, por necessidade, por seu avô materno José do Amaral Gurgel, cerimônia que foi repetida na igreja matriz em 18 de fevereiro de 1753. Era filho de José Pais de Campos, natural de Porto Feliz, e de sua mulher D. Ana do Amaral Gurgel, natural da cidade de São Paulo. Neto paterno do Coronel Pedro Vaz de Campos, natural da vila de Itu, e de D. Escolástica Pais de Oliveira, natural da vila de Santana de Parnaíba; neto materno de José do Amaral

²¹⁷ SAIA, Luís. *Morada Paulista*. 2.^a ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978, pp. 115-117, 129.

²¹⁸ LEMOS, Carlos A. C. *Op. Cit.*, pp. 50-59.

Gurgel, natural da cidade de São Paulo, e de D. Escolástica de Arruda Leite, natural da vila de Itu. Era sobrinho, portanto, de D. Luzia Leme de Barros, mulher do Capitão Francisco Soares de Medela, ou Francisco Soares de Barros (Capítulo 1, Genealogia da Família Medela, § 3 n.º VI). Curiosamente, sua mãe, D. Ana do Amaral Gurgel, teve por padrinho Roque Soares Medela.

Habilitou-se às ordens sacras já idoso, o que não era muito comum à época. Morava, então, com sua tia D. Luzia Leme de Barros, já avançada em anos, na sede do sítio que depois recebeu seu nome, e que havia sido doado pelo Padre Rafael Antônio de Barros à sua sobrinha D. Ana Soares de Barros. Assim, viviam debaixo do mesmo teto D. Luzia, sua filha D. Ana e seu sobrinho Inácio. Ao menos residiam todos desde o ano de 1797, quando foram recenseados em Cotia.²¹⁹ Aparentemente, O Padre Inácio foi residir com sua tia e prima, quando esta já tivera os filhos. A corroborar essa tese, quando testemunhas foram inquiridas na seção de “vita et moribus” na habilitação de Inácio Francisco ao sacerdócio, não houve nenhum comentário de que vivesse amancebado. D. Luzia Leme de Barros faleceu em 28 de abril de 1816 e após a morte de sua filha, D. Ana, em 3 de novembro de 1838, é provável que o Padre Inácio Francisco do Amaral tenha ali permanecido até sua morte, ocorrida em 29 de novembro de 1846, aos 94 anos de idade (óbitos da Matriz de Cotia, fls. 139), tendo sido sepultado dentro da igreja matriz, acima do arco.

Inácio Francisco do Amaral habilitou-se no ano de 1808, tendo recebido sentença favorável em 20 de dezembro de 1810.²²⁰ Os autos de patrimônio foram doados pelo casal Capitão Inácio Xavier Pais de Campos e D. Antônia Pacheco de Almeida, e ficavam em Itu: eram casas de morada vizinhas a de seu tio Vicente Ferrer do Amaral, no Pátio da Matriz, em imóvel que havia sido adquirido do Padre João Leite Ferraz.

É interessante a transcrição da petição de Inácio Francisco do Amaral, sem data, justificando a sua vontade de se tornar sacerdote:

Diz Inácio Francisco do Amaral natural da vila de Itu, e morador na Freguesia da Cotia clérigo sub-diácono, que para obter de V. Ex^a. dispensa dos interstícios, e tēporas a fim de poder conseguir as ordens de diácono, e presbítero deseja que seja admitido a justificar o seguinte:

1.º

Que é o mesmo em sua identidade.

²¹⁹ LEMOS, Carlos A. C. *Op. cit.* p. 50-59.

²²⁰ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo n.º 2-22-896, de *genere et moribus*, ano 1808.

2.º

Que é útil, ou há de ser útil para ajudar na administração dos sacramentos ao Reverendo Vigário da Freguesia da Cotia onde mora.

3.º

Que mora com sua tia D. Luzia Leme muito velha, que quer celebrar missas na mesma casa onde já tem oratório para mesma cumprir com o dito preceito, e que o suplicante já tem mais de cinquenta anos de idade pelo que

Pede a V. Ex^a. Reverendíssima se digne admiti-lo, e provado quando baste dispensa com o suplicante.

Espera Receber Mercê

Retornemos à discussão historiográfica.

O terceiro desta série, Carlos Cerqueira, avançou ainda mais nas pesquisas. Parece que, enfim, elucidou o caso. Foi muito além do convencional: localizou os inventários de D. Ana Soares de Barros, do Padre Rafael Antônio de Barros, além de ter consultado o chamado “Arquivo Aguirra”, no Museu Paulista.

Desse arquivo, manuscrito, em uma letra difícil de entender, mesmo para paleógrafos, apesar de ser do século XX, havia a cópia de um Libelo de Justificação, feito em 2 de maio de 1821, impetrado por D. Ana de Barros Leme, herdeira de seu tio e padrinho o Padre Rafael Antônio de Barros, contra parentes seus, descendentes de seu tio Filipe de Santiago Diniz, a respeito de terras que lhe pertencia e que estavam sendo, segundo alegava, indevidamente por eles ocupadas. Na argumentação feita a propósito da legitimidade da posse das referidas terras, a neta de Roque Soares Medella afirma ser...

“Senhora e possuidora por legítimo título do Sítio e terras que foram dos seus avós o Sargento- Mor Roque Soares Medela e D. Ana de Barros, que para bem do seu Direito se lhe foi preciso justificar (o) seguinte:

1) Que a justificante é senhora e possuidora há muitos anos do dito sítio e terras por herança de seu tio o Padre Rafael Antônio de Barros que em pacífica posse foi senhor e possuidor do dito Sítio e terras desde o anno de 1747 em que foi subjudicado no inventário de seus Pais o Sargento- Mor Roque Soares Medela e D. Ana de Barros por sentença que transitou em julgado.

Ao lado do casarão havia um oratório, do qual se serviu o Padre Rafael Antônio de Barros e depois o Padre Inácio Francisco do Amaral. Ali eram rezadas missas para a família e, muito provavelmente para vizinhos que não poderiam ir à missa na matriz da Cotia.

Como verificou Carlos Cerqueira no inventário de D. Ana Soares, foi o compromisso por ela assumido, na condição de herdeira de seu tio, relativamente às imagens do Oratório e demais adereços a ele pertencentes, que, em conformidade da verba testamentária do seu falecido tio e padrinho, o Reverendo Padre Rafael Antônio de Barros, deveriam ser entregues à igreja matriz da Freguesia de Cotia. Pesquisas posteriores, confirmam a presença da imagem da Senhora do Rosário num altar lateral ainda nos primeiros anos do século XX. Porém, a imagem não existe mais na igreja, ignorando-se o destino que terá tomado, da mesma forma as demais peças que constituíam os ornamentos e alfaias do antigo Oratório Particular da fazenda.

Ao pleitear, em 1813, a renovação da concessão de “Oratório Particular”, antes conferido ao seu tio Padre Rafael Antônio de Barros, dirige-se às autoridades do Bispado paulista apresentando...

*... o Breve incluso de Oratório, o qual está munido com beneplácito real para cuja vigência precisavam justificar que vivem à lei da nobreza, o qual foi reconhecido e autorizado a manter em sua Fazenda [então] denominada de Nossa Senhora do Rosário sita na Freguezia dita da Cutia o mencionado oratório particular, onde se podia dizer missa na presença da dita suplicante e seu filho e filhas.*²²¹

Ainda conforme pesquisas do Professor Carlos Cerqueira, do IPHAN/SP, por morte do Padre Rafael Antônio de Barros se fez auto de inventário em 13 de outubro de 1803 no sítio do inventariado, denominado Capela de Nossa Senhora do Rosário, junto à freguesia da Cotia, onde foi o juiz dos órfãos Coronel Jerônimo Martins Fernandes, tendo sido escrivão João Evangelista Tavares.²²² Foi inventariante seu sobrinho e homônimo, o Reverendo Rafael Antônio de Barros. Era homem rico. Possuía duas fazendas, a mais importante em Cotia, onde trabalhavam 62 escravos seus. A outra ficava no bairro de Sorocamirim, denominada Fazenda do Curral, que ficou para a herdeira D. Escolástica Neboa. Deixou casas na freguesia da Cotia, que ficaram para o herdeiro Padre Rafael Antônio de Barros. O monte-mor avaliado resultou em 7:582\$856 (sete contos, quinhentos e oitenta e dois mil, oitocentos e cinquenta e seis réis).

²²¹ CERQUEIRA, Carlos G. F. e SAIA NETO, José. Pesquisas em torno de um monumento. IPHAN/MinC, Projeto *Documentação de Bens e Monumentos Tombados*. 1997, pp. 43-44.

²²² Poder Judiciário de São Paulo. Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Juízo de Direito da 1.^a Vara da Família e Sucessões. Processo n.º 1931, ano 1803.

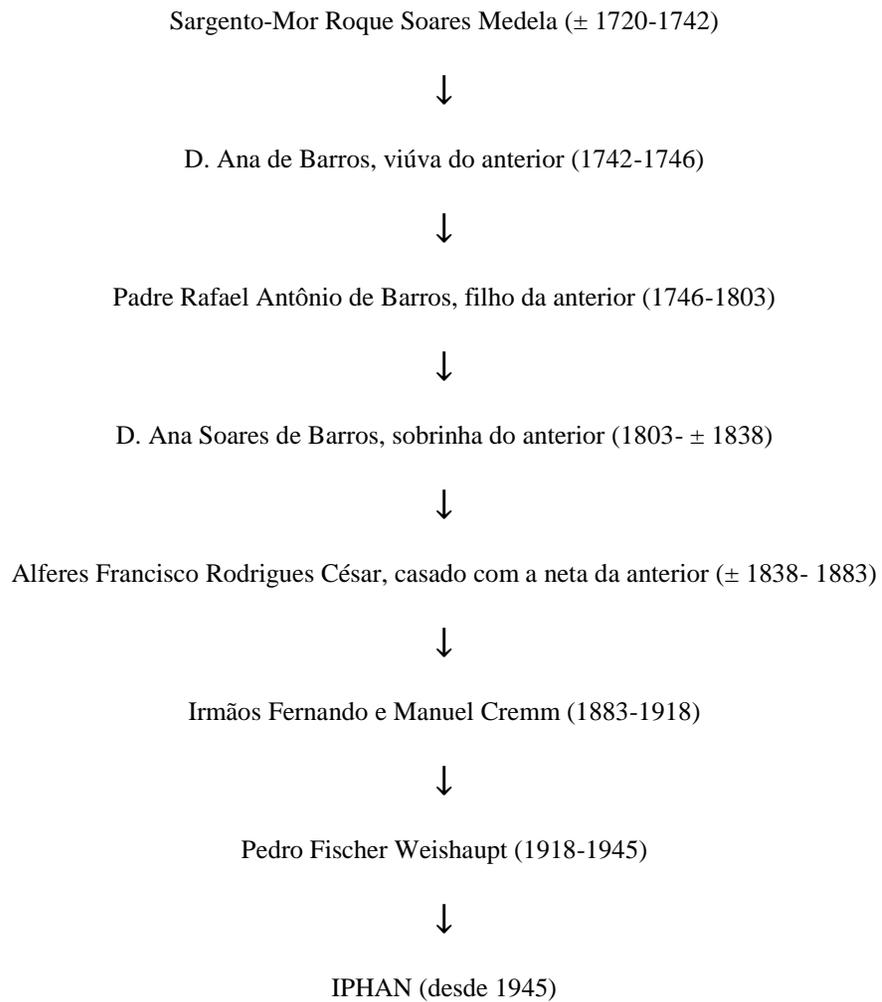
A fazenda de Cotia era denominada Capela de Nossa Senhora do Rosário, junta à freguesia da Cotia. Esse bem de raiz havia pertencido a seu pai Roque Soares Medela e o Padre Rafael deixou para sua sobrinha e afilhada D. Ana Soares de Barros, Além das terras, lhe couberam imagens, alfaias, peças e adereços em geral que compunham o oratório. Assim foi descrita essa fazenda:

Foi visto e avaliado pelos ditos avaliadores um sítio junto à freguesia e Rio da Cotia com casas grandes de taipa de pilão assobradadas em roda toda a madeira serrada cobertas de telha com seis quartos com suas portas e suas fechaduras com um salão grande e duas portas fechaduras varanda grande atijolada com um oratório de talha em um canto da varanda com um altar e frontal prateado com porta de duas metades e fechadura onde se está celebrando missa com toda a decência necessária e com o título de Nossa Senhora do Rosário com três moradas de casas separadas também cobertas de telha com terras valadas e quintal murado e todas as mais terras a ele pertencente que de um lado partem com terras de Dona Luzia de Campos e de outro com terras de Vicente Diniz e adiante com terras de Sebastião José de Camargo com seus arvoredos fruta na forma que possuía o dito sítio e terras do falecido inventariado tudo pela quantia de quatrocentos mil réis...

Do inventário de D. Ana Soares de Barros (no Capítulo 1: Genealogia da Família Medela, § 3 n.º VII), lido por Carlos Cerqueira, temos o que segue:

Entre outros bens, possuía uma morada de casas na freguesia da Cotia, de dois lanços, formadas com paredes de pilão cobertas de telhas, avaliadas em 200\$000, e...

Um sítio sito no Bairro do Rio da Cutia, com suas casas de vivenda grandes paredes de pilão, cobertas de telhas, com suas terras lavradas, cujas divisas são principiando na ponte do rio da Cutia, subindo pelo mesmo até fazer barra em um córrego do cercado do mesmo sítio, e subindo pelo córrego até dar nos valos d..... do por este com Luís Francisco, até dar em outro córrego, e subindo por este dividindo com Maria da Luz até dar em um espigão, cortando pelo espigão rumo direito dividindo com os herdeiros do finado Francisco José e descendo por alto que cobre (.....) até dar em uma grota dividindo com o Tenente Manuel da Luz, e descendo por um córrego até dar em um valo do Moinho e subindo por este até dar em um espigão, e descendo pelo valo até dar em um córrego atravessando este e seguindo o mesmo valo até o rio da Cutia onde principiou, e foi avaliado pela quantia de um conto duzentos e cinquenta mil réis.

Fluxograma dos proprietários do Sítio do Padre Inácio:

Capítulo 5.º

Comentários finais

Um tema que tenho abordado em meus trabalhos, o da mobilidade social, mostrou-se inteiramente contemplado com a riqueza de informações e de exemplos neste artigo.

Da família Medela, oficiais mecânicos de Vila do Conde, verifica-se a ascensão social de um ramo que atingiu a magistratura e a carreira acadêmica em Portugal; de outro ramo, o acesso à Santa Casa da Misericórdia. Da família Anvers, pintores de ofício, a ‘nobilitação’ do ofício: o pai, Francisco João de Anvers, serviu a Mesa da Santa Casa de Misericórdia de Vila do Conde na qualidade de irmão de *menor condição*, enquanto o filho, Luís Soares de Anvers, como irmão de *maior condição*. Houve mudança na legislação, sendo que o ofício de pintar tela deixou de ser atividade mecânica. Roque Soares Medela, que era filho do citado Luís Soares de Anvers e neto, pelos quatro costados, de oficiais mecânicos, ingressou no que se poderia chamar de ‘nobreza da terra’ na cidade de São Paulo, tendo servido a vereança e tendo atingido o posto de sargento-mor, e em Minas Gerais, onde fez parte de uma companhia da nobreza. Seus filhos já faziam parte da elite paulistana.

As notícias de que os Medelas seriam cristãos-novos não são robustas. A julgar pelo contexto, parecem emanadas apenas pelo ‘ouvir falar’. Não há catálogo de leigos jesuítas para saber se Roque Soares Medela havia tentado ingressar na Ordem. Mas fica o registro.

Outra abordagem neste artigo foi a titularidade do **Sítio do Padre Inácio**, importante casarão do século XVIII, que sobreviveu às intempéries e apresenta-se majestoso em Cotia, antes bairro de São Paulo, hoje município próspero e atuante. Para o esclarecimento das sucessões de proprietários foi decisiva a pesquisa investigativa levada a cabo por Carlos Cerqueira, do IPHAN/SP.

Há uma questão, neste artigo, que marginalmente poderia provocar discussões: o celibato dos padres. Havia vários sacerdotes na família do Padre Diogo Antônio Feijó, entre eles o Padre Fernando Lopes de Camargo, que foi autoridade no Bispado de São Paulo. É possível, inclusive, que o próprio Feijó fosse filho de um padre, aí explicando porque sua mãe conservar-se solteira. Ainda dentro do campo hipotético, é possível inferir que alguns parentes seus, de batina, viviam concubidados na freguesia da Cotia. Feijó foi o grande líder em lutar pelo fim do celibato dos padres. Aproveitando-se de uma certa anarquia institucional proveniente da Independência do Brasil, em 1822, apresentou em 3 de setembro de 1827 um projeto onde preconizava “que o clero seja casado e que os frades e as freiras acabem entre nós”. A Comissão Eclesiástica, que elaborava uma constituição para o bispado de São Paulo, vetou seu projeto. Mesmo assim,

leu o seu voto no dia 10 de outubro do mesmo ano e sustentou suas ideias em artigos e panfletos.²²³

Curiosamente, há documentos no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, ainda inéditos, que denunciam o Padre Feijó de ter mantido relação sexual com mulher casada. São dois processos-crime, ambos do ano de 1820, que correram na Câmara Eclesiástica de São Paulo; de ambos, o autor foi João Batista de Matos.²²⁴ Em um deles, iniciado em 27 de janeiro de 1820, João Batista de Matos acusou o Reverendo Padre Diogo Antônio Feijó de ter abusado carnalmente de sua mulher Gertrudes Maria de Moraes.²²⁵ O Padre Feijó, morador na vila de São Carlos (atual Campinas), defendeu-se preventivamente, receando ser preso, alegando que as testemunhas depuseram contra ele falsamente. Mais tarde, apelou para a cidade de Salvador da Bahia a título de injusta pronúncia.

No outro processo, o mesmo João Batista acusou o Padre Albino de Godoy Sousa e Moraes, morador na vila de São Carlos, de viver em concubinato com sua mulher Gertrudes Maria de Moraes.²²⁶ Alegou que era morador, com sua mulher, na vila de São Carlos, havia mais de 20 anos, vivendo sempre em boa harmonia. E que na sua casa introduziu-se o citado Padre Albino, debaixo de uma refinada hipocrisia e aleivosia, como depois se descobriu. O autor pediu, então, ao Padre Feijó, que confessasse sua mulher na esperança de reverter sua lealdade. Essa confissão teria se dado em fevereiro ou março de 1816. Aí aconteceu o pior: sua mulher passou a frequentar a casa de um e de outro padre, repetidas vezes na semana, até que finalmente sua mulher saiu de casa e foi morar com um seu irmão, Joaquim Antônio de Moraes, levando suas duas filhas. A partir daí, segundo o autor das denúncias, ambos os padres passaram a frequentar a casa do dito Joaquim Antônio de Moraes, obsequiando-a com favores. Que,

²²³ WERNET, Augustin. *A Igreja Paulista no século XIX: a Reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)*. São Paulo: Editora Ática, 1987, pp. 81, 82. Aproveito a oportunidade para homenagear meu professor no curso de graduação em História, na Universidade de São Paulo: ex-padre, bom professor e excelente ser humano.

²²⁴ LEME, Luís Gonzaga da Silva. *Op. cit.* Vol. VIII: Maciéis, p. 155. João Batista de Matos era tio-bisavô do Dr. Manuel Ferraz de Campos Sales, presidente da República do Brasil.

²²⁵ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo-crime, sem catalogação, 1820. Autor: João Batista de Matos; réu: Reverendo Padre Diogo Antônio Feijó.

²²⁶ Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Processo-crime, sem catalogação, 1820. Autor: João Batista de Matos; réu: Padre Albino de Godoy Sousa e Moraes.

inclusive, o Padre Feijó incitou sua mulher a se separar dele, e comprou dívidas do autor, tendo chegado a tomar uma chácara que o autor possuía na vila de São Carlos, que depois ele repassou à mulher do mesmo. O Padre Albino negou as acusações, e alegou que ele residia em uma das ruas mais públicas da vila de São Carlos, de onde eram moradoras três irmãs do acusado e também um irmão do autor. Portanto, se houvesse mancebia, essa matéria seria denunciada pelos seus irmãos.

Por fim, fiz uma intromissão involuntária na História da Arte, em uma área que decididamente não é minha especialidade... Como os quadros aqui exibidos não fazem parte de publicações, nem mesmo constam de sítios da *internet*, não tive outra escolha que não fosse fotografá-los... Infelizmente, o resultado ficou muito aquém de uma boa definição de imagem. Em minha defesa, cabe dizer que o Mosteiro de Santa Clara encontra-se fechado há anos, em reforma. E, para adentrar ao recinto, tive que contar com a boa vontade, em duas oportunidades, do Sr. Fernando Aguiar. Obviamente que fiquei melindrado com a situação e não quis abusar de sua gentileza. Portanto, as fotografias foram tiradas apressadamente. E as condições eram pouco satisfatórias, em termos de luminosidade e em termos de posicionamento da câmera em relação aos objetos. Seria interessante a contratação de uma equipe profissional para fotografar adequadamente...